

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA: LINGUAGEM E SOCIEDADE

ELIOMAR LUZ SANTOS

**FESTIVAL DE MEMÓRIAS: A CACHAÇA DE ABAÍRA ENTRE TRADIÇÕES,
ECONOMIA E DISPUTAS SIMBÓLICAS**

VITÓRIA DA CONQUISTA - BAHIA
OUTUBRO DE 2025

ELIOMAR LUZ SANTOS

**FESTIVAL DE MEMÓRIAS: A CACHAÇA DE ABAÍRA ENTRE TRADIÇÕES,
ECONOMIA E DISPUTAS SIMBÓLICAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Linha de Pesquisa: Memória Cultura e Educação

Projeto Temático: Memória e construção social dos gostos: relações entre cultura, mercado e consumo

Orientadora: Profa. Dra. Maria Salete de Souza Nery

**VITÓRIA DA CONQUISTA –BA
OUTUBRO DE 2025**

S235f

Santos, Eliomar Luz.

Festival de memórias: a cachaça de Abaíra entre tradições, economia e disputas simbólicas / Eliomar Luz Santos, 2025.

170f. : il., color.

Orientador (a): Dr.^a Maria Salete de Souza Nery.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2025.

Inclui referência F. 162 – 170

1. Cachaça – Processos culturais. 2. Festival - Memória. 3. Abaíra – Tradição.
I. Nery, Maria Salete de Souza. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. III. T.

CDD: 301.2

Catálogo na fonte: Karolyne Alcântara Profeta – CRB 5/2134

UESB – *Campus* Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Festival of memories: Abaíra's Cachaça amid traditions, economy, and symbolic disputes

Palavras-chaves em Inglês: Memory; Festival; Cachaça; Tradition; Abaíra.

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade

Banca Examinadora: Profa. Dra. Maria Salete de Souza Nery (Presidente), Profa. Dra. Milene de Cássia Silveira Gusmão (Titular), Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (Titular), Prof. Dr. Thiago Barcelos Soliva (Titular) e Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior (Titular).

Data da Defesa: 05 de dezembro de 2025

Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

FOLHA DE APROVAÇÃO

ELIOMAR LUZ SANTOS

FESTIVAL DE MEMÓRIAS: A CACHAÇA DE ABAÍRA ENTRE TRADIÇÕES, ECONOMIA E DISPUTAS SIMBÓLICAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade

Local e Data da defesa: Vitória da Conquista – BA, 05 de dezembro de 2025.

Banca Examinadora:


Profa. Dra. Maria Salete de Souza Nery – Presidente
Instituição: UESB

Profa. Dra. Milene de Cássia Silveira Gusmão
Instituição: UESB

Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta
Instituição: UESB

Prof. Dr. Thiago Barcelos Soliva
Instituição: PPGTTeP/UFVJM

Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior
Instituição: PPGCS/UFRB

Documento assinado digitalmente
 **MARIA SALETE DE SOUZA NERY**
Data: 15/12/2025 18:26:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Ass.:

Documento assinado digitalmente
 **MILENE DE CÁSSIA SILVEIRA GUSMÃO**
Data: 05/12/2025 20:01:30-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Ass.

Documento assinado digitalmente
 **FELIPE EDUARDO FERREIRA MARTA**
Data: 07/12/2025 21:10:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ass.:

Documento assinado digitalmente
 **THIAGO BARCELOS SOLIVA**
Data: 15/12/2025 12:31:44-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ass.:

Documento assinado digitalmente
 **WILSON ROGERIO PENTEADO JUNIOR**
Data: 15/12/2025 15:08:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ass.:

AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão ao Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo imprescindível apoio financeiro que viabilizou a continuidade dos meus estudos.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, minha instituição de origem e formação, desde a graduação em Economia até o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS. Agradeço, de modo especial, à coordenação do Programa durante o período em que fui discente, representada pelas professoras doutoras Luci Mara Bertoni e Edvânia Gomes da Silva, bem como pelo professor Dr. José Dias, cuja condução administrativa pautou-se pelo zelo, eficiência e elevado compromisso institucional.

Reconheço, com apreço, o trabalho da equipe técnica e administrativa do Programa, que sempre me acolheu com atenção e cordialidade. Aos docentes, agradeço pelas contribuições, diretas e indiretas, que enriqueceram minha formação. Em particular, cito à professora Dra. Livia Diana Rocha Magalhães, pela excelência na docência e à professora Caroline Vasconcelos, responsável por despertar em mim o interesse pela psicanálise.

A profa. Ivana Teixeira Silveira, sou grato pela acolhida durante meu tirocínio docente na disciplina de Sociologia do curso de Agronomia. Sua leveza, dedicação e disponibilidade revelam a grandeza de quem exerce o magistério com esmero e humanidade.

À minha orientadora, professora doutora Maria Salette de Souza Nery, manifesto minha mais profunda gratidão. Sua escuta sensível, o acolhimento constante e a postura diligente, somados a um compromisso com a formação humana e científica, transformaram nossa relação orientador-orientando em uma experiência marcante e singular. É difícil conceber que outro vínculo pudesse alcançar tamanha confiança e leveza. Sua erudição, evidenciada nas aulas e nas reuniões de orientação, inspira-me como referência de profissionalismo, generosidade intelectual e integridade acadêmica.

Agradeço também ao professor Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior, cujas observações acuradas contribuíram significativamente para o aprimoramento deste trabalho. Ao professor doutor Felipe Eduardo Ferreira Marta, deixo meu carinho pela escuta atenta, pelas sugestões valiosas e pelas aulas generosas, ministradas à distância, mas repletas de conhecimento, humanidade e respeito. Muito obrigado aos professores Dr. Thiago Barcelos Soliva e Milene de Cássia Ferreira Gusmão por ter suas ricas contribuições na banca de defesa.

As palavras não são suficientes para expressar minha gratidão ao meu amigo e irmão, Dr. Thiago Souza Silva. Sua presença, sempre generosa e constante, foi determinante para que eu alcançasse este estágio, ao reconhecer em mim um potencial que excedia minha própria

percepção, sempre por meio de orientações seguras e sugestões precisas. Minha gratidão, contudo, transcende em muito o âmbito acadêmico. Agradeço, igualmente, o carinho de sua mãe, Geuce Thea, e de sua avó, Clarice, por quem nutro profunda estima e carinho.

Aos familiares, tios, tias, primos e primas que acompanharam de perto minha formação desde a infância, agradeço pelo incentivo e pelas palavras que alimentaram minha determinação. Em especial, reconheço com ternura minha tia Delni, que me acolheu como filho durante a infância e adolescência, e à querida Dinha Tôra, que não teve filhos biológicos, mas me “adotou” em seu coração.

À minha irmã Edileuza pelo cuidado e honra, e meu cunhado, Ubirajara, que sempre demonstrou respeito e admiração. Ao meu querido sobrinho, João Paulo, que trouxe alegria incomensurável à nossa família, sendo fonte de entusiasmo e ternura.

Minha mãe, Dinalva, aquela que, mesmo com o coração em pedaços, teve visão além do imediato e permitiu que seu filho alçasse voo aos onze anos de idade. Aquela que sempre sonhou comigo o desejo de estudar e repetia, com convicção: “meu filho vai ser doutor!”, mesmo sem compreender exatamente o que era uma universidade ou o verdadeiro significado do título de doutor, que ela associava a “ser médico”. Suas palavras proféticas, muitas vezes, soavam como devaneio e eram recebidas com risos de descrença por aqueles que as ouviam, diante de uma realidade que tornava tal sonho aparentemente inalcançável. Agora, o sonho se concretiza: eu me torno doutor, mãe.

Ao meu pai João, *in memoriam*, que junto com minha mãe, sempre me ensinaram os valores da retidão e da integridade. Sua presença silenciosa, mesmo nos longos períodos em que estive distante geograficamente, foi alicerce e inspiração.

Ao povo de Abaíra, minha mais sincera gratidão pela acolhida generosa. Em especial, agradeço a Tato por tamanha gentileza, atenção, orientações e sugestões fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Às senhoras da barraquinha de doces e biscoitos, pela receptividade afetuosa, aos produtores com quem dialoguei e aos funcionários da Pousada Souza, pela recepção durante os dias de campo, meu muito obrigado.

A todos os amigos, colegas, com especial menção a Plácido Mendes, pela humanidade, sensatez e postura sempre solícita e prestativa, e irmãos que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para este percurso, registro minha estima e sincero reconhecimento.

Por fim, elevo meu coração a *Yahweh*, fonte de vida, graça, sustento e proteção. A Ele, que me acompanhou com fidelidade e amor incondicional, rendo toda honra, eternamente.

RESUMO

A presente tese investiga os sentidos simbólicos atribuídos à cachaça artesanal da microrregião de Abaíra, na Chapada Diamantina (BA), com ênfase na análise etnográfica do Festival da Cachaça como espaço privilegiado de atualização da memória, de performance das tradições locais e de afirmação identitária diante das transformações contemporâneas. A cachaça, mais do que uma bebida alcoólica ou uma atividade econômica, emerge como um artefato cultural de alta densidade simbólica, cuja materialidade se entrelaça a narrativas de pertencimento, práticas de saber-fazer e usos políticos da memória. Ao longo do trabalho de campo, evidenciou-se que esse produto tradicional adquire valor não apenas por suas características sensoriais ou por sua reputação histórica, mas sobretudo pelos sentidos que mobiliza nos circuitos afetivos, sociais e simbólicos da vida comunitária. A partir de uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, o estudo mobiliza aportes teóricos das ciências sociais e dos estudos da memória, articulando conceitos como tradição (Hobsbawm; Giddens), memória (Nora; Halbwachs; Pollak), ritual (Turner) e escrita etnográfica situada (Geertz; Clifford). Por meio da descrição densa e da escuta implicada, a pesquisa explora as formas pelas quais o festival transforma a cachaça em linguagem pública e campo de disputas simbólicas, evidenciando performances sociais, negociações de sentido e tensionamentos em torno da autenticidade e da legitimidade cultural. Elementos como os blocos festivos, os ornamentos urbanos, os discursos oficiais e os gestos cotidianos foram interpretados como expressões de uma tradição em constante reinvenção. O trabalho conclui que a tradição, no contexto abaiense, não constitui um repertório fixo de práticas herdadas, mas uma linguagem viva, alimentada por interações sociais, circuitos de memória e exigências simbólicas do presente. O Festival da Cachaça, nesse horizonte, desponta como ritual dramatizado, no qual pertencimento e distinção se articulam, e onde a memória é performada, disputada e reinscrita em um novo regime de visibilidade. A cachaça, assim, não apenas encarna uma herança coletiva, mas opera como operador simbólico fundamental na tessitura das identidades locais. A partir da observação participante, da reflexividade crítica e do rigor analítico, a etnografia revela como a cachaça de Abaíra atua como eixo articulador de práticas, memórias e significados partilhados, evidenciando sua centralidade na construção dos mundos sociais investigados.

Palavras-chave: Memória; Festival; Cachaça; Tradição; Abaíra.

ABSTRACT

This dissertation investigates the symbolic meanings attributed to the artisanal cachaça produced in the microregion of Abaíra, in the Chapada Diamantina (Bahia, Brazil), with particular emphasis on the ethnographic analysis of the Cachaça Festival as a privileged space for the actualization of memory, the performance of local traditions, and the affirmation of identity in the face of contemporary transformations. More than an alcoholic beverage or an economic activity, cachaça emerges as a cultural artifact of high symbolic density, whose materiality is intertwined with narratives of belonging, traditional know-how, and the political uses of memory. Throughout the fieldwork, it became evident that this traditional product derives its value not only from its sensorial qualities or historical reputation, but especially from the meanings it mobilizes within the affective, social, and symbolic circuits of community life. Adopting a qualitative and interdisciplinary approach, the study draws on theoretical contributions from the social sciences and memory studies, articulating concepts such as tradition (Hobsbawm; Giddens), memory (Nora; Halbwachs; Pollak), ritual (Turner), and situated ethnographic writing (Geertz; Clifford). Through thick description and reflexive listening, the research explores how the festival transforms cachaça into public language and a site of symbolic disputes, highlighting social performances, negotiations of meaning, and tensions surrounding cultural authenticity and legitimacy. Elements such as festive blocs, urban ornaments, official speeches, and everyday gestures are interpreted as expressions of a tradition in constant reinvention. The study concludes that tradition, in the Abaírense context, does not constitute a fixed repertoire of inherited practices, but a living language, nourished by social interactions, memory circuits, and the symbolic demands of the present. Within this horizon, the Cachaça Festival emerges as a dramatized ritual in which belonging and distinction are articulated, and where memory is performed, contested, and reinscribed within a new regime of visibility. Cachaça, thus, not only embodies a collective heritage but also functions as a fundamental symbolic operator in the weaving of local identities. Through participant observation, critical reflexivity, and analytical rigor, ethnography reveals how Abaíra's cachaça acts as a key articulator of practices, memories, and shared meanings, highlighting its central role in the construction of the social worlds under study.

Keywords: Memory; Festival; Cachaça; Tradition; Abaíra.

LISTA DE SIGLAS

APAMA – Associação dos Produtores de Aguardente da Microrregião de Abaíra
BA – Bahia
BAHIATER - Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COOPAMA – Cooperativa dos Produtores de Cana e Seus Derivados da Micro Região de Abaíra
COVID – Corona Virus Disease 2019
EPABA – Empresa de Pesquisa Agropecuária da Bahia
IG – Indicação Geográfica
IGs – Indicações Geográficas
IPS - Índice de Progresso Social
INPI – Instituto Nacional da Propriedade Industrial
MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
PPGMLS – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade
SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TVSD – Transmissão Virtual Dedé Santana
UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Entrada principal da praça Francisco Pereira, ornamentada para o XVIII Festival da Cachaça em Abaíra	58
Figura 02 – Praça Francisco Pereira em Abaíra BA	62
Figura 03 – Arquitetura presente na Praça Francisco Pereira em Abaíra – BA	63
Figura 04 – Arquitetura de estabelecimento comercial na praça Francisco Pereira em Abaíra – BA	64
Figura 05 – Obras artísticas expostas na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	67
Figura 06 – Obra artística exposta na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	68
Figura 07 – Obra artística exposta na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	69
Figura 08 – Obras artísticas expostas na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	70
Figura 09 – Monumento representando uma Garrafa de Cachaça exposto na Praça Francisco Pereira em Abaíra	74
Figura 10 – Monumento representando um engenho movido a tração animal exposto na Praça Francisco Pereira em Abaíra	75
Figura 11 – Monumento representando um tonel de armazenamento de cachaça exposto na Praça Francisco Pereira em Abaíra	75
Figura 12 – Monumento representando um carro de boi exposto na Praça Francisco Pereira em Abaíra	76
Figura 13 – Miniatura de engenho de madeira com uma junta de bois	79
Figura 14 – Bagaços de cana de açúcar expostos na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	82
Figura 15 – Estande ornamentado com cana de açúcar na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	83
Figura 16 – Utensílios usados na produção da cachaça expostos na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	84
Figura 17 – Casal envolvido na produção de melaço de cana de açúcar em estande na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra..	85
Figura 18 – Estandes para comercialização de alimentos montados na Praça Francisco Pereira	86
Figura 19 – Central do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra, montado na Praça Francisco Pereira	89
Figura 20 – Canecas de argila expostas rememorando a comemoração do I Festival de Cachaça de Abaíra no ano de 1987	90
Figura 21 – Canecas, copos e garrafas comercializados em comemoração do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	91
Figura 22 – Camisa exposta rememorando as comemorações do V Festival de Cachaça de Abaíra, no ano de 1995	92
Figura 23 – Camisa para ser comercializada em comemoração do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	93
Figura 24 – Praça Francisco Pereira em Abaíra durante o Festival da Cachaça	101
Figura 25 – Estande montado para assistência médica	102
Figura 26 – Programação de quinta feira do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	106
Figura 27 – Programação de sexta feira do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	112

Figura 28 – Praça Francisco Pereira e Abaíra, durante a realização do XVIII Festival da Cachaça	113
Figura 29 – Estandes de vendas de alimentos instalados na Praça Francisco Pereira, durante a realização do XVIII Festival da Cachaça de Abaíra	114
Figura 30 – Apresentação do cantor Bell Marques no XVIII Festival da Cachaça em Abaíra	115
Figura 31 – Estabelecimento comercial em funcionamento durante o XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	116
Figura 32 – Residências adaptadas para fins comerciais durante o XVII Festival de Cachaça de Abaíra.	117
Figura 33 – Parque infantil instalado na praça adjacente ao espaço reservado para o XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	118
Figura 34 – Foliões aglomerados durante a tarde no Festival da Cachaça	123
Figura 35 – Jovens dançando na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	126
Figura 36 – Programação de sábado no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	128
Figura 37 – Ponto de Encontro do bloco Perdidão no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra.	136
Figura 38 – Bloco Perdidão reunido no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra.	139
Figura 39 – Ponto de Encontro do bloco Turma da Barbie no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra.....	140
Figura 40 – Programação de domingo do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra	153
Figura 41 – <i>Chat</i> ao vivo da transmissão do XVIII Festival da Cachaça Abaíra, na plataforma <i>Youtube</i>	154
Figura 42 – <i>Site</i> de notícias do Jornal da Chapada	155
Figura 43 – <i>Site</i> de notícias do canal OffNews	155
Figura 44 – <i>Site</i> de notícias Agora Sudoeste	156
Figura 45 – <i>Site</i> de notícias do portal Informe baiano	156
Figura 46 – <i>Site</i> de notícias do portal Relata Bahia	156

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Entre alambiques e memórias da infância	18
1.2 Abaíra, entre território, memória e experiência social	20
1.3 O <i>Terroir</i> da cachaça Abaíra e a Indicação Geográfica	22
1.4 O percurso etnográfico, implicações e escolhas analíticas	25
1.5 Organização da tese.....	28
2 A CACHAÇA DE ABAÍRA ENTRE A TRADIÇÃO E A REINVENÇÃO	30
2.1 A origem da cachaça e a ocupação do sertão	31
2.2 Dos estigmas sociais às distinções simbólicas	33
2.3 Rebeldia, resistência e circulação de poder	35
2.4 Tradição em Movimento: Memória, Identidade e Reinvenção Cultural	37
2.5 Tradição e pertencimento: vínculos, memória e identidade	40
2.6 A memória e a reinvenção da Tradição: entre Permanência e Atualização	45
2.7 Tradição em movimento: reinvenção e agência nos modos de fazer.....	48
3 ESPAÇO, MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA DO FESTIVAL DA CACHAÇA EM ABAÍRA	51
3.1 A Viagem Etnográfica no Festival da Cachaça em Abaíra	51
3.2 Primeiras Impressões da Cidade da Cachaça	60
3.2.1 Lugares de Memória: Praça e Monumentos	61
3.2.2 Cores, Formas, Aromas e Memórias: A Arte Expressa pela Cidade	72
3.2.2.1 Arte e Memória	80
3.2.3 A Central do Festival: Cruzamento de Histórias e Culturas	88
4 FESTIVAL DA CACHAÇA: MORADORES, TURISTAS E APRESENTAÇÕES MUSICAIS	97
4.1 Chegada Antecipada: Explorando a Praça Antes das Festividades.....	101
4.2 Amanhecer no Festival: O Segundo Dia em Abaíra	109
4.3 Impacto do Festival: Reorganização da Feira Livre e Rotinas Alteradas.....	119
4.4 A Lacuna no Conhecimento sobre Indicação Geográfica	128
5 O FESTIVAL DA CACHAÇA EM ABAÍRA: RITUAL, DISPUTAS SIMBÓLICAS E FORMAS DE PERTENCIMENTO	132
5.1 Pertencimentos em Movimento: Blocos e Territorialidades Afetivas	135
5.1.1 Turma da Barbie: Cor, Afeto e Visibilidade no Espaço Festivo	140
5.1.2 As Apocalípticas e Sou Mais Elas: Coletivos Discretos e Marcantes	143
5.1.2.1 As Apocalípticas	143
5.1.2.2 Sou Mais Elas	144
5.2 Memória em Disputa: Tradição, Poder e Conflito no Espaço da Festa	146
5.3 Nem tudo é festa: disputas de poder e memória no ritual festivo	148
6 CONCLUSÃO	159
REFERÊNCIAS	162

1 INTRODUÇÃO

Entre as serras da Chapada Diamantina, sob a brisa quente que percorre o solo árido do sertão baiano, floresce uma bebida que encerra muito mais do que o doce aroma da cana-de-açúcar: ela preserva histórias, evoca memórias e sustenta afetos familiares, enraizados em vínculos profundos, transmitidos ao longo das gerações. Refiro-me à Cachaça Abaíra, um produto singular que, para além de sua reconhecida excelência sensorial e simbólica, foi o primeiro fabricado exclusivamente na Bahia a conquistar o registro de Indicação Geográfica (IG)¹.

Esse selo oficial conferiu-lhe visibilidade institucional e reconhecimento no cenário nacional. Essa distinção, contudo, não esgota os sentidos sociais que a bebida condensa, os quais ultrapassam sua materialidade produtiva e se inscrevem em dinâmicas culturais mais amplas.

É nesse contexto socioeconômico e territorial que se delinea o problema central desta tese, voltado à investigação dos modos pelos quais esse destilado, profundamente imbricado nas práticas sociais e econômicas locais, torna-se um elemento expressivo tanto na constituição de identidades quanto nos espaços de convivência. Ao longo da escrita, busco articular minha trajetória de vida e a escuta sensível das vivências acumuladas com as reflexões teóricas e metodológicas que fundamentam a investigação, adotando uma perspectiva que valoriza o diálogo entre experiência, rememoração e elaboração crítica, sem confundir implicação com ausência de rigor.

Esse movimento reflexivo demanda, por sua vez, uma abordagem interdisciplinar², orientada por um olhar atento à heterogeneidade e à densidade dos fenômenos sociais. As experiências pessoais não comparecem como ornamento narrativo ou recurso retórico secundário, mas como mediações epistemológicas que incidem sobre escolhas analíticas e trajetórias interpretativas. A partir dessa articulação, almejo contribuir para o debate acadêmico e, simultaneamente, compreender de que modo se manifesta a valorização simbólica e a

¹ Ver sobre o termo Indicação Geográfica no tópico 1.3.

² A interdisciplinaridade, nesse contexto, não se limita à justaposição de campos distintos, mas deve ser entendida como uma articulação analítica que permite apreender os fenômenos sociais em sua complexidade, historicidade e interdependência. Norbert Elias (1994), ao propor uma sociologia dos processos, rejeita a fragmentação disciplinar em favor de uma leitura relacional da vida social, em que práticas rituais, memórias coletivas e formas de pertencimento são compreendidas como parte de uma teia dinâmica de ações e significados. Essa perspectiva amplia o alcance da etnografia, permitindo-lhe transitar por diferentes domínios do saber sem perder sua ancoragem empírica e interpretativa.

relevância social da caça de Abaíra no interior de um campo de práticas e representações em constante transformação.

Em continuidade a esse percurso, as páginas iniciais deste trabalho delineiam as motivações e trajetórias que me conduziram à vida universitária, culminando na etapa do doutoramento. Parto do pressuposto de que narrativas pessoais, conscientes ou não, exercem papel decisivo na orientação de escolhas intelectuais e profissionais. Tais itinerários subjetivos, longe de se restringirem à esfera individual, entrelaçam experiências singulares e processos sociais mais amplos, deixando marcas duráveis que atravessam a formação acadêmica e conformam modos específicos de interrogar o mundo.

No âmbito das humanidades e, em particular, no escopo do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, tais experiências assumem papel central para a apreensão da complexidade do sujeito em suas múltiplas dimensões. Conforme argumenta Maurice Halbwachs (2004), as vivências acumuladas desde os primeiros anos de vida não se organizam como lembranças isoladas, mas como marcos sociais, ancorados em espaços, acontecimentos, imagens e símbolos compartilhados que conferem inteligibilidade coletiva ao passado.

A memória, nesse sentido, não se reduz a um exercício individual de rememoração, mas se constitui no interior de quadros sociais que orientam o lembrar e o esquecer. Esses quadros funcionam como matrizes interpretativas por meio das quais as experiências são selecionadas, hierarquizadas e ressignificadas ao longo do tempo, de acordo com valores, normas e expectativas coletivamente compartilhados.

Nessa direção, a família e a escola emergem como instâncias inaugurais de pertencimento e socialização, responsáveis por oferecer os primeiros referenciais simbólicos de inserção no mundo. Todavia, esse processo de ancoragem não se restringe às instituições primárias. Outras esferas, como o trabalho, a religiosidade e o Estado, exercem funções igualmente estruturantes na constituição de valores, afetos e formas de consciência, ampliando o repertório de experiências por meio das quais os sujeitos constroem sentidos sobre si e sobre o coletivo.

Vivemos, desde o início da existência, em permanente articulação com o mundo e com os outros. Não nos constituímos como unidades isoladas, mas como sujeitos forjados no entrelaçamento contínuo com contextos sociais específicos. Conforme nos ensina Norbert Elias (1994), a individualidade não é um dado natural ou pré-social, mas o resultado de redes de interdependência que moldam disposições, valores e modos de percepção. É nesse tecido relacional que se consolidam referências simbólicas duráveis, capazes de orientar escolhas e

práticas ao longo do tempo, tornando o sujeito inteligível como efeito de relações, e não como origem autossuficiente do social.

Torna-se evidente, portanto, que a seleção do objeto de pesquisa e os itinerários analíticos mobilizados em sua investigação vinculam-se diretamente ao universo de experiências do pesquisador. Em consonância com essa perspectiva, Minayo (1996) adverte que não existe neutralidade absoluta no trabalho científico, uma vez que toda observação parte de um ponto de vista situado, historicamente construído e socialmente condicionado. Reconhecer essa condição não implica relativizar o rigor, mas assumir de forma reflexiva as mediações que atravessam o processo de produção do conhecimento.

Durante longo período de minha formação acadêmica, sobretudo na graduação em Ciências Econômicas, prevaleceu uma concepção de pesquisa marcada pela separação entre pesquisador e objeto, fortemente em paradigmas quantitativos, mensuração e neutralidade. Embora relevante, essa forma de aproximação pode, em certos contextos, restringir a apreensão do real em sua inteireza. Aspectos subjetivos, afetivos e situacionais, que escapam às estatísticas, tornam-se facilmente marginalizados por instrumentos que operam por recorte e abstração.

Ao longo de minha trajetória acadêmica e profissional, ampliei gradualmente esse horizonte, incorporando métodos holísticos e interdisciplinares capazes de abarcar a complexidade dos fenômenos sociais. Passei a reconhecer a importância das abordagens qualitativas, fundadas na investigação situada e na descrição densa, sem abandonar a utilidade das análises quantitativas voltadas à identificação de padrões. A conjugação de ambas, a chamada abordagem *quali-quant*, quando realizada com critério, a meu ver, pode oferecer interpretações mais consistentes.

Esse movimento de inflexão teórico-metodológica conduziu-me, posteriormente, à licenciatura em Ciências Sociais e à especialização em Antropologia Social e Cultural, consolidando uma mudança decisiva no percurso intelectual. Foi nesse processo de ampliação conceitual que a memória passou a ocupar lugar central como chave interpretativa, deslocando o foco exclusivo das estruturas econômicas para os modos pelos quais experiências, valores e práticas se inscrevem no tempo e se transmitem socialmente.

Nessa perspectiva, as vivências da infância, desenvolvidas em contextos rurais e retomadas criticamente na subseção 1.1, não se configuram como ornamento autobiográfico ou exercício de nostalgia. Elas constituem, antes, um laboratório sensível no qual se formaram disposições duráveis relativas ao trabalho, à cooperação e à vida comunitária, sempre mediadas por narrativas familiares, relações produtivas e formas compartilhadas de interpretar o passado.

É nesse entrelaçamento entre experiência vivida e memória socialmente construída que se delinea o ponto de partida empírico e reflexivo desta investigação.

Com esse repertório teórico-metodológico mais consistente, tornou-se possível articular Ciências Sociais Aplicadas e Ciências Humanas em um projeto analítico capaz de integrar economia, tradição e cultura sem reduzi-las a registros estanques. Foi nesse ponto que encontrei, no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, um campo institucional e epistemológico afinado com tais inquietações. A linha de pesquisa “Memória e construção social dos gostos: relações entre cultura, mercado e consumo” ofereceu as condições para desenvolver uma investigação atravessada por múltiplas temporalidades, sem diluir o rigor conceitual nem submeter a análise à fragmentação disciplinar.

A aprovação no mestrado representou mais do que avanço acadêmico. Constituiu a possibilidade concreta de aprofundar um tema que, até então, permanecia situado entre a experiência vivida e a reflexão incipiente. Durante a defesa, vivi um dos momentos mais surpreendentes da trajetória, quando a banca indicou minha passagem direta ao doutorado, sem novo processo seletivo, recomendação acolhida pelo Colegiado.

Ainda no mestrado, intitulado de **As memórias e a aura das indicações geográficas: as repercussões socioeconômicas no contexto da cachaça Abaíra** (Santos, 2022), o foco recaiu sobre os processos associativos e as articulações institucionais que culminaram no reconhecimento oficial por IG, bem como sobre a reconstrução histórica da microrregião³ e das interdependências que sustentam o saber-fazer tradicional da bebida.

Por meio de entrevistas com produtores e atores diretamente envolvidos nesses processos, foi possível apreender narrativas relativas à ancestralidade do cultivo da cana, o repertório vivido dos antigos engenhos e às práticas de solidariedade comunitária que conferiram à cachaça um estatuto identitário singular e nos processos associativos que culminaram na criação da Associação de Produtores Aguardente da Microrregião de Abaíra – APAMA e da Cooperativa dos Produtores de Cana e Seus Derivados da Micro Região de Abaíra – COOPAMA.

Esse percurso permitiu, ainda, examinar as tensões simbólicas que atravessam um produto historicamente marcado por estigmas sociais, disputas de gosto e classificações ambíguas, revelando os embates entre reconhecimento, distinção e permanência cultural.

³ A microrregião de Abaíra localiza-se na Chapada Diamantina no Estado da Bahia, composta por quatro municípios limítrofes: Abaíra, Piatã, Mucugê e Jussiape. O perímetro delimitado da IG, engloba parte desses 4 municípios.

Todavia, esse esforço analítico, fortemente ancorado em abordagens históricas e estruturais, mostrou-se insuficiente para compreender como tais repertórios simbólicos se atualizam no tempo presente. A impossibilidade de realizar trabalho de campo presencial, agravada pelo contexto da pandemia da COVID-19, limitou o acesso às dimensões estéticas, sensoriais e performáticas. Tornou-se evidente, assim, a necessidade de deslocar o olhar para os espaços nos quais a tradição é vivida, dramatizada e tensionada, para além de sua formalização institucional.

É precisamente dessa lacuna que se alimenta a presente tese. Ao eleger o Festival da Cachaça como campo privilegiado de observação, a pesquisa avança para uma etnografia situada, voltada a compreender como memórias socialmente construídas são encenadas, negociadas e reafirmadas em práticas festivas contemporâneas. Nesse contexto, a festa emerge não como simples celebração, mas como arena simbólica na qual pertencimentos são performatizados, hierarquias são tensionadas e sentidos coletivos são continuamente reatualizados.

Diante desse horizonte, este trabalho tem como objetivo geral compreender os sentidos simbólicos atribuídos à cachaça na microrregião de Abaíra, investigando de que maneira o Festival da Cachaça se constitui como espaço privilegiado de evocação da memória coletiva, atualização das tradições e afirmação identitária frente às transformações socioculturais contemporâneas.

De forma articulada a esse propósito central, os objetivos específicos consistem em compreender por meio do Festival da cachaça os modos pelos quais a tradição se atualiza, a memória se reinventa, a modernidade é negociada sem que se perca os vínculos afetivos e simbólicos do passado. Em segundo lugar, busca-se investigar etnograficamente o Festival da Cachaça, analisando os elementos simbólicos, os usos dos espaços públicos e as estéticas festivas que contribuem para a expressão e reafirmação da identidade cultural local.

Por fim, pretende-se examinar as formas pelas quais diferentes sujeitos sociais envolvidos na festa, como moradores, turistas, produtores e organizadores, mobilizam narrativas e vínculos identitários em torno da cachaça, revelando distintas estratégias de valorização e de ancoragem territorial.

É a partir desse percurso reflexivo, que articula trajetória pessoal, escolhas epistemológicas e deslocamento empírico, que se abre a subseção seguinte. Nela, a infância e as experiências formativas não serão retomadas como memória individual isolada, mas como matéria socialmente situada, capaz de iluminar as formas pelas quais tradição, trabalho e

pertencimento se inscrevem no cotidiano rural e se projetam, mais tarde, nos rituais públicos que estruturam o Festival da Cachaça.

1.1 Entre alambiques e memórias da infância

Minha aproximação inicial ao universo simbólico da cachaça está profundamente vinculada à trajetória histórica de minha família e às transformações territoriais que marcaram a transição entre a zona rural de Rio de Contas e a zona rural de Jussiape. Esses espaços, afastados dos grandes centros urbanos, organizavam-se a partir de relações comunitárias densas, da centralidade da terra e de práticas produtivas transmitidas no interior dos grupos familiares. Tratava-se de territórios nos quais o trabalho agrícola, a convivência cotidiana e os vínculos de parentesco constituíam o eixo estruturante da vida social.

Foi nesse contexto que meus pais estabeleceram moradia junto à família paterna, reproduzindo modos de vida partilhados por avós e bisavós de ambos os lados. A rotina doméstica articulava cultivo da terra, criação de animais e a produção artesanal de derivados da cana-de-açúcar, especialmente a rapadura e, em momentos específicos, a cachaça. Essas atividades não se apresentavam como especializações econômicas autônomas, mas como práticas integradas à vida familiar, orientadas pelas necessidades de subsistência, pelas trocas regionais e pelas redes de solidariedade que garantiam a reprodução material do grupo.

A convivência com engenhos rústicos, o acompanhamento dos ciclos produtivos e a familiaridade com técnicas transmitidas pela oralidade e pela prática constituíram um repertório assimilado de forma precoce, anterior a qualquer elaboração discursiva sistemática. As sonoridades das moendas acionadas por força animal, o aroma do caldo em fermentação e a organização coletiva das tarefas compunham uma paisagem sensível que orientava a percepção do mundo rural e de suas temporalidades próprias.

Nesse ambiente, o aprendizado não ocorria por meio de instruções formais, mas pela imersão cotidiana em práticas reiteradas. Observar, repetir e participar configuravam modos legítimos de transmissão do saber-fazer, nos quais a experiência direta assumia centralidade. O conhecimento circulava incorporado aos gestos, aos ritmos do trabalho e às interações entre os membros da família, sem necessidade de explicitação conceitual.

Nesse universo, a cachaça não se apresentava como mercadoria abstrata, dissociada de sua origem, mas como expressão concreta de um conhecimento regional, inscrito em relações de reciprocidade e em circuitos regionais de circulação. Ainda na infância, Abaíra já se

configurava como referência recorrente, associada à credibilidade do produto e à reputação construída coletivamente ao longo do tempo.

Esse reconhecimento não derivava de mecanismos formais de validação, mas de uma confiança socialmente partilhada, sustentada pela repetição das práticas, pela constância percebida da qualidade gastronômica e pela memória dos vínculos estabelecidos entre produtores, comerciantes e consumidores. A reputação circulava de forma difusa, ancorada em experiências acumuladas e avaliações transmitidas no interior das redes locais.

Esse universo experiencial foi atravessado por transformações progressivas que alteraram os modos de produção e as expectativas familiares. A substituição gradual da fabricação de rapadura pela produção exclusiva do destilado, somada à chegada da energia elétrica e da água encanada, modificou significativamente as dinâmicas do trabalho e as estratégias de subsistência. Tais mudanças eram vividas de maneira prática, sem elaboração teórica explícita, mas impactavam diretamente o cotidiano e a organização das atividades produtivas.

Essas transformações não implicaram ruptura imediata com práticas anteriores, mas rearranjos sucessivos que redefiniram rotinas, técnicas e relações de trabalho. Ainda que percebidas de modo intuitivo naquele momento, elas constituíram um primeiro contato empírico com processos de adaptação histórica, nos quais formas herdadas eram ajustadas a novas condições materiais.

As narrativas dos mais velhos desempenhavam papel central nesse processo de sedimentação simbólica. Histórias sobre o tempo dos engenhos movidos a bois, sobre a confecção manual das peças e sobre a circulação dos galões que estruturava o comércio regional não funcionavam apenas como relatos do passado. Elas operavam como meios de transmissão de valores, hierarquias e pertencimentos, orientando modos de compreender o trabalho, a terra e as relações sociais.

Nesse registro, a memória não se apresentava como arquivo fixo, mas como prática reiterada no interior das relações familiares e comunitárias. As narrativas eram atualizadas conforme as circunstâncias, articulando experiências vividas e histórias herdadas, sem a pretensão de reconstrução fiel de um passado distante.

A infância, desse modo, configurou-se como um verdadeiro laboratório sensível, no qual se formaram disposições duráveis, afetos e modos de interpretar o mundo social. O contato reiterado com o trabalho coletivo, com a dependência mútua entre famílias e com a centralidade da terra como base da vida material produziu uma familiaridade profunda com lógicas que escapam a modelos abstratos de racionalidade econômica. Essa vivência precoce permitiu

compreender, ainda que de forma intuitiva, que o valor da cachaça não se restringia à sua materialidade, mas se ancorava em relações, histórias e reconhecimentos compartilhados.

Essa experiência formativa não se constituiu apenas a partir do vivido direto, mas também daquilo que foi narrado, escutado e reiterado ao longo do tempo. Trata-se de uma forma de memória mediada, na qual lembranças próprias se entrelaçam a histórias herdadas, produzindo uma trama significativa que orienta percepções e disposições duráveis. O passado, nesse sentido, não é simplesmente rememorado, mas continuamente reconstruído na intersecção entre experiência pessoal e transmissão simbólica.

Ao retomar esse universo como pesquisador, não reencontro apenas paisagens conhecidas, mas revisito experiências que se reconfiguram à luz de novos enquadramentos analíticos. A aproximação da cachaça enquanto objeto de investigação emerge, assim, como esforço de elaboração reflexiva de uma herança sensível, na qual a familiaridade inicial exige distanciamento crítico para não se converter em naturalização.

Nesse percurso, a etnografia não se apresenta como técnica neutra, mas como exercício de vigilância epistemológica diante do que se mostra excessivamente próximo. Assumir essas experiências como parte constitutiva do olhar analítico não compromete o rigor da investigação; ao contrário, permite explicitar as mediações que atravessam a produção do conhecimento, transformando a implicação em recurso metodológico controlado.

É a partir desse deslocamento, do plano biográfico para a problemática sociocultural, que a investigação avança. As experiências formativas aqui delineadas encontram, no Festival da Cachaça, um espaço privilegiado de atualização simbólica, no qual memórias incorporadas se tornam públicas, ritualizadas e disputadas. A subseção seguinte aprofunda esse movimento, deslocando o olhar da vivência inicial para as formas coletivas por meio das quais a tradição é encenada, negociada e reinscrita no presente.

1.2 Abaíra entre território, memória e experiência social

Situado na Chapada Diamantina, na porção centro-sul do estado da Bahia, o município de Abaíra encontra-se a aproximadamente 592 quilômetros de Salvador e possui uma população de 7.301 habitantes, conforme dados do Censo de 2023 (IBGE, 2025). Indicadores recentes apontam o município como destaque em qualidade de vida no contexto baiano, segundo o Índice de Progresso Social (IPS Brasil, 2025), além de apresentar elevado percentual de moradores com idade superior a sessenta anos (POLCRI, 2023).

Esses dados não se esgotam em descrições estatísticas, mas sinalizam uma configuração social marcada por vínculos comunitários duradouros e por formas de convivência fortemente ancoradas na experiência compartilhada.

Essa conformação demográfica se articula a um modo de vida no qual práticas cotidianas, relações de proximidade e referências ao passado convivem com dinâmicas contemporâneas de valorização cultural. Abaíra apresenta-se, assim, como um espaço social no qual a memória histórica não se dissocia da vida presente, manifestando-se em costumes, narrativas e formas de organização que atravessam o cotidiano.

A constituição histórica da região remonta ao século XVI, intensificando-se a partir dos deslocamentos populacionais associados à decadência dos garimpos mineiros. Como indicam Mattoso (2003) e Schwarcz (1993), o esgotamento progressivo dessas áreas impulsionou a migração de contingentes significativos de trabalhadores escravizados em direção a novas fronteiras agrícolas no interior do Brasil, movimento que encontrou na Chapada Diamantina um espaço de reacomodação social e produtiva.

Esses deslocamentos não significaram apenas a transferência de força de trabalho, mas envolveram a circulação de saberes agrícolas, práticas culturais e formas específicas de organização comunitária. Ao serem reinscritos no novo território, tais repertórios contribuíram para a conformação de uma estrutura socioterritorial singular, marcada pela adaptação às condições ambientais e pela recomposição de vínculos sociais em contextos adversos.

As técnicas desenvolvidas nesse contexto revelam uma relação estreita entre experiência social e meio ambiente. A adaptação ao relevo montanhoso e ao regime climático da Chapada favoreceu práticas como a policultura e a horticultura, assegurando diversidade produtiva e relativa estabilidade alimentar. Paralelamente, a criação de animais e o domínio de ofícios artesanais, elaborados a partir de materiais disponíveis localmente, como madeira, argila e fibras vegetais, sustentaram formas de autossuficiência que se prolongam no tempo.

Essas práticas não se restringiram à dimensão econômica, mas estruturaram modos de interação e cooperação que permanecem perceptíveis nas festividades religiosas, nas redes de ajuda mútua e nas formas solidárias de convivência comunitária. Trata-se de um *ethos* social moldado pela articulação entre memória, adaptação histórica e resistência cotidiana.

Entre as atividades produtivas que se consolidaram ao longo desse percurso histórico, destaca-se a fabricação da cachaça. Sua emergência relaciona-se, em parte, às condições ecológicas favoráveis da região, como a altitude, o clima ameno e a fertilidade dos solos, que possibilitaram o cultivo da cana-de-açúcar, insumo fundamental à produção do destilado (Santos, 2022, p. 53).

Entretanto, reduzir a presença da cachaça a uma resposta funcional às condições naturais do território seria insuficiente. A prática produtiva se inscreveu como atividade de longa duração, atravessando gerações e incorporando valores, técnicas e modos de vida transmitidos no interior das relações familiares e comunitárias. Seu enraizamento no cotidiano local revela uma continuidade construída na experiência social, e não apenas na vocação agrícola do espaço.

Nesse processo, Abaíra não se constituiu apenas como espaço de produção, mas como território no qual a cachaça passou a ocupar lugar recorrente nas referências cotidianas. A presença da bebida extrapola o circuito produtivo e se manifesta em elementos visuais e materiais distribuídos pelo espaço urbano e doméstico. Monumentos públicos, ornamentos associados às festividades, quadros em estabelecimentos comerciais e objetos dispostos nas residências indicam a recorrência do destilado na paisagem social.

Ao articular território, história e experiência social, Abaíra revela-se como um espaço no qual práticas produtivas, memórias e formas de convivência se entrelaçam de modo contínuo. A vida social local estrutura-se a partir de referências que conectam trabalho, paisagem e relações comunitárias, produzindo sentidos compartilhados que atravessam o cotidiano. Nesse contexto, a cachaça insere-se como elemento recorrente dessas tramas sociais, presente tanto nos circuitos produtivos quanto nas representações que organizam a experiência do lugar. Sua materialidade, associada a saberes, gestos e narrativas transmitidas no tempo, compõe uma das expressões pelas quais o território é vivido, reconhecido e narrado pelos seus habitantes, integrando-se às formas locais de pertencimento.

1.3 O *terroir* da cachaça de Abaíra e a Indicação Geográfica

Em Abaíra, fatores como altitude elevada e fatores edafoclimáticos⁴ criaram condições propícias ao cultivo da cana-de-açúcar, matéria-prima⁵ fundamental para a produção da cachaça. Contudo, restringir a singularidade do destilado a esses fatores geográficos e climáticos implicaria uma leitura reducionista do fenômeno. O que confere densidade ao

⁴ Características de solo e clima de um local ou região que influenciam o desenvolvimento das plantas. Exemplos incluem composição de solo, relevo, temperatura, umidade do ar, radiação e precipitação. (INSPER – Agro Global, s.d.).

⁵ Na produção da cachaça, o caldo da cana-de-açúcar é frequentemente o único ingrediente utilizado. A legislação autoriza o emprego de outros componentes, especialmente no processo de fermentação; contudo, a cachaça artesanal normalmente é feita apenas com essa matéria-prima básica, utilizando-se da levedura derivada do próprio caldo (Sakai, 2022; Brasil, 2022).

*terroir*⁶ abairense é a mediação humana historicamente construída, expressa nas técnicas de manejo, nos ritmos de trabalho, nas escolhas produtivas e nos códigos simbólicos que orientam o fazer cotidiano. Trata-se de um conhecimento transmitido pela prática, pela observação e pela convivência intergeracional, no qual corpo, gesto e memória operam como vetores centrais de continuidade.

A trajetória desse processo produtivo encontra-se enraizada em uma mobilização social iniciada ainda na década de 1980, quando produtores locais passaram a se organizar coletivamente com o objetivo de valorizar a produção artesanal da cachaça. Esse movimento não se limitava à melhoria técnica do ofício, mas visava também resgatar o prestígio simbólico da bebida perante a própria comunidade e os circuitos de comercialização. A criação da APAMA, seguida da COOPAMA, em 2003, representou um marco decisivo nesse percurso, ao articular esforços locais com apoio institucional e conferir visibilidade política a um saber-fazer historicamente sedimentado.

O ofício cachaceiro local preserva ritmos de trabalho ajustados às especificidades ambientais da Chapada Diamantina, transmitindo vocabulários técnicos, gestualidades e formas de organização produtiva que compõem uma gramática identitária própria. Essa constelação de significados foi formalizada institucionalmente com o reconhecimento da IG, na modalidade de Indicação de Procedência - IP, concedida pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial – INPI em 2014, consolidando juridicamente uma identidade coletiva já ancorada no tecido social.

A compreensão desse processo exige, portanto, a introdução da noção de *terroir*, conceito oriundo da tradição vitivinícola francesa, mas que, nas últimas décadas, extrapolou o universo do vinho para abranger diversos produtos agroalimentares com forte vínculo territorial. Conforme argumentam Bérard e Marchenay (1995), o *terroir* não se reduz a um dado natural, constituindo-se, antes, como construção social que articula saberes locais, práticas coletivas e reconhecimento simbólico. Trata-se de uma categoria situada na interseção entre natureza e cultura, capaz de explicar como elementos geográficos, ecológicos e históricos conferem especificidade sensorial e legitimidade social a um produto.

No caso da cachaça de Abaíra, o *terroir* manifesta-se na conjugação entre condições ambientais particulares. Esse entrelaçamento produz um sabor singular que não pode ser

⁶ O termo francês “*terroir*” (pronuncia-se “*terruar*”) refere-se ao conjunto de características naturais e culturais de um território que influenciam diretamente a produção de determinados bens agroalimentares, como vinhos, queijos ou cachaça. Inclui aspectos como clima, solo, relevo, saberes tradicionais e práticas locais. O conceito está na base das Indicações Geográficas, pois expressa a ideia de que um produto carrega, em sua materialidade, a singularidade do lugar onde é produzido, tanto do ponto de vista ecológico quanto cultural. (Nascimento; Souza, 2004).

dissociado do modo de vida local. Como observa Trubek (2008), produtos tradicionais carregam não apenas atributos físico-químicos, mas também tempo, afeto e história, configurando aquilo que a autora denomina *taste of place*, uma marca sensível de pertencimento territorial.

A consolidação desse valor simbólico foi potencializada por uma rede de colaborações institucionais. A COOPAMA liderou o processo de solicitação da IG, contando com o apoio técnico e logístico de entidades como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA e a então Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola – EBDA⁷. Essa articulação resultou na elaboração do Caderno de Especificações Técnicas, documento que sistematizou os parâmetros de qualidade exigidos pelos órgãos competentes que foram apresentados ao INPI que formalizou, em linguagem normativa, o vínculo entre produto e território.

Embora a legislação brasileira não adote explicitamente o termo *terroir*, os critérios exigidos para o reconhecimento da procedência dialogam diretamente com essa noção, ao demandarem a comprovação da ligação histórica, técnica e ambiental entre o bem e a região de origem. Essa microrregião de Abaíra abrange os municípios de Abaíra, Jussiape, Piatã e Mucugê, incluindo áreas onde a produção familiar de cachaça, como a de Jussiape, desempenhou papel relevante na consolidação desse saber-fazer.

Essa vinculação territorial opera como marcador de autenticidade e distinção. Longe de homogeneizar a produção, a IG legitima a diversidade interna da microrregião, permitindo variações sensoriais mínimas entre alambiques, desde que respeitados os parâmetros coletivos de produção. Conforme assinalam Bérard e Marchenay (2008), o *terroir* não suprime a multiplicidade de expressões locais, mas a valoriza como reflexo da interação dinâmica entre cultura e ecologia.

No contexto brasileiro, esse modelo encontra ressonância em experiências como o Queijo Canastra e a Cachaça de Salinas, ambos em Minas Gerais, onde diferentes produtores compartilham uma identidade geográfica comum, ainda que mantenham estilos próprios. Em Abaíra, contudo, a dinâmica assume contornos singulares. A denominação “Cachaça Abaíra” consolidou-se como signo coletivo que sintetiza memória compartilhada e esforço organizativo

⁷ A Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA) foi criada em 1991. Seu objetivo era integrar atividades de pesquisa agropecuária com assistência técnica e extensão rural, promovendo o desenvolvimento agrícola sustentável no estado da Bahia. A EBDA foi extinta em 2015 como parte da reforma administrativa conduzida pelo governador Rui Costa. Em seu lugar, foi criada a Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (BAHIATER). (Assembleia Legislativa da Bahia, 2016). Segundo Andrade *et al* (2023) esse arranjo institucional aumentou a precarização dos serviços e diminuiu o número de produtores atendidos, em especial os da agricultura familiar na região da Chapada Diamantina.

de produtores da agricultura familiar. Qualquer produtor da microrregião pode utilizar a denominação, desde que observe integralmente as regras definidas pela IG, e adequue sua produção conforme estabelecido no Caderno de Especificações Técnicas

Nesse horizonte, a IG atua não apenas como mecanismo de proteção jurídica contra usos indevidos, mas como instrumento de valorização cultural de um saber-fazer historicamente marginalizado. A cachaça passa a exercer dupla função: circula como mercadoria qualificada em mercados ampliados e, simultaneamente, permanece como símbolo de memória, pertencimento e resistência comunitária. Ao articular tradição e inovação, o reconhecimento territorial transforma o destilado em operador simbólico capaz de condensar narrativas de ancestralidade, práticas coletivas e estratégias contemporâneas de distinção.

Ao introduzir as noções de *terroir* e IG neste ponto da tese, não se pretende esgotar o tema, mas fornecer ao leitor os fundamentos conceituais necessários para compreender sua relevância analítica. A história regional, a constituição da microrregião, os trabalhos de constituição das associações comunitárias, a Cooperativa e os aspectos técnicos e institucionais da IG foram aprofundados nos estudos de Santos (2023). Aqui, tais categorias funcionam como pano de fundo interpretativo que permite compreender como a cachaça de Abaíra se converte em operador simbólico de territorialidade, memória e identidade, dimensão que se tornará ainda mais visível no Festival da Cachaça, analisado nas seções seguintes.

1.4 Percurso etnográfico, implicação e escolhas analíticas

A definição do percurso etnográfico adotado nesta pesquisa decorre diretamente do modo como o objeto foi sendo constituído ao longo da trajetória intelectual e biográfica do pesquisador. A aproximação com a cachaça de Abaíra, longe de se apresentar como escolha tardia ou meramente estratégica, revelou-se inseparável das experiências formativas vinculadas ao território, ao trabalho agrícola e às práticas culturais locais. Tal condição exigiu reconhecer que o acesso privilegiado ao campo não elimina os desafios analíticos; ao contrário, impõe a necessidade de transformar a familiaridade em problema sociológico, submetendo-a a um exercício sistemático de distanciamento crítico, conforme adverte Bourdieu (2007).

Nesse horizonte, a etnografia mostrou-se particularmente adequada para apreender dimensões da vida social que escapam às abordagens documentais ou exclusivamente históricas, sobretudo aquelas inscritas nos gestos, nos corpos, nas técnicas e nas interações cotidianas. Inspirada pela tradição interpretativa inaugurada por Geertz (1972), a investigação parte do pressuposto de que os fenômenos culturais tornam-se inteligíveis quando analisados

em sua espessura simbólica, isto é, quando práticas aparentemente ordinárias são compreendidas como portadoras de sentidos socialmente partilhados.

A observação do Festival da Cachaça permitiu, assim, acompanhar como memórias, tradições e pertencimentos se manifestam não apenas em discursos formalizados, mas também em performances, conversas informais e rearranjos temporários da vida cotidiana.

A implicação do pesquisador no campo, longe de ser ocultada, foi assumida como dimensão constitutiva do processo de conhecimento, exigindo vigilância epistemológica permanente. Conforme indicam Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999), a proximidade com o objeto pode tanto ampliar a compreensão quanto produzir naturalizações indevidas, caso não seja criticamente elaborada. Por essa razão, a pesquisa buscou articular envolvimento e controle reflexivo, reconhecendo que o saber etnográfico não resulta de uma posição exterior ao mundo social, mas de um movimento contínuo entre experiência vivida e elaboração analítica situada.

Escolher esse evento como principal situação empírica não se deve apenas à sua visibilidade pública, mas à sua capacidade de condensar, em um curto intervalo temporal, processos sociais que, no cotidiano, encontram-se dispersos. As comemorações constituem um momento de intensificação simbólica no qual práticas produtivas, memórias familiares, discursos institucionais e performances identitárias são colocados em relação, permitindo observar como a tradição se atualiza sob condições específicas de exposição, circulação e negociação.

Nesse horizonte analítico, as tradições ultrapassam aquilo que é narrado, documentado ou celebrado em contextos formais, perpetuando-se sobretudo na repetição cotidiana, nos modos de caminhar, de manipular utensílios de trabalho, de realizar tarefas rituais ou de reagir em situações específicas. Tais técnicas corporais, transmitidas socialmente de forma muitas vezes implícita e aprendidas por imitação e convivência, conferem à tradição uma dimensão invisível, porém decisiva, que estrutura silenciosamente a vida coletiva, como será desenvolvido na seção 2 a partir de Marcel Mauss.

A observação etnográfica atentou, portanto, para os modos pelos quais gestos, falas, silêncios e movimentos organizam a experiência festiva, revelando continuidades sutis entre o trabalho cotidiano nos engenhos e sua encenação pública. A circulação de expressões recorrentes, como o chamado coletivo “Cadê Zé, Lia?”, os comentários sobre a moagem, a qualidade da bebida ou o ponto da destilação, longe de configurarem simples informalidades, expressam formas de reconhecimento mútuo e pertencimento que atualizam uma memória compartilhada. Tais enunciados operam como marcas de familiaridade social, acionando

repertórios tácitos que só se tornam inteligíveis à luz de uma escuta etnográfica sensível aos níveis implícitos da interação.

A implicação do pesquisador no campo, longe de constituir um desvio metodológico, configurou-se como condição constitutiva da própria investigação. A proximidade com o universo social da cachaça, marcada por vínculos familiares, lembranças de infância e trajetórias territoriais compartilhadas, produziu um acesso privilegiado a práticas, linguagens e códigos que dificilmente se tornariam visíveis a um observador externo. Tal posição, entretanto, exigiu constante exercício de reflexividade, no sentido proposto por Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999), de modo a transformar a familiaridade em objeto de problematização analítica, evitando tanto a naturalização do vivido quanto sua idealização retrospectiva.

Essa vigilância epistemológica operou como princípio orientador da pesquisa, conduzindo a um movimento contínuo entre aproximação e distanciamento. A escuta atenta das narrativas locais, a observação prolongada dos gestos e a participação nos circuitos festivos foram permanentemente acompanhadas por um esforço de deslocamento analítico, capaz de reinscrever a experiência empírica em quadros teóricos mais amplos. Nesse processo, a escrita etnográfica assumiu papel central, não apenas como registro, mas como espaço de elaboração conceitual, no qual descrições densas (Geertz, 1972) permitiram articular microinterações cotidianas a estruturas simbólicas de longa duração.

Por reconhecer que toda produção de conhecimento é situada, esta tese assume que o campo não se apresenta como realidade transparente, mas como construção relacional que emerge do encontro entre pesquisador e interlocutores. Conforme argumenta Clifford (2002), a etnografia não revela simplesmente um mundo pré-existente, mas produz interpretações informadas por escolhas teóricas, posições sociais e contextos históricos específicos. Tornar explícitas essas mediações não fragiliza o trabalho analítico; ao contrário, fortalece sua consistência ao explicitar os critérios que orientaram a seleção do objeto, o recorte empírico e as estratégias interpretativas adotadas.

Nesse horizonte, o Festival da Cachaça não foi tratado como evento isolado, mas como condensação simbólica de processos mais amplos que atravessam a história da microrregião de Abaíra. As práticas observadas durante a festa remetem a formas de organização do trabalho, a hierarquias implícitas, a regimes de valor e a disputas por reconhecimento que extrapolam o tempo ritual, estendendo-se ao cotidiano produtivo e às narrativas sobre pertencimento territorial. A etnografia permitiu, assim, compreender o festival como espaço privilegiado de visibilidade de tensões latentes, onde tradição e inovação se articulam de maneira particularmente intensa.

Ao encerrar este percurso introdutório, torna-se possível afirmar que as escolhas metodológicas aqui delineadas não se restringem a um trecho específico, mas atravessam toda a arquitetura da tese. A atenção ao corpo, ao gesto, à técnica e à memória incorporada orientará as análises desenvolvidas a seguir, permitindo que o empírico não apareça dissociado da reflexão conceitual. É nesse sentido que a seção seguinte se dedica a examinar a cachaça de Abaíra a partir de seus percursos históricos, simbólicos e antropológicos, integrando desde o início os elementos empíricos que dão substância às discussões teóricas.

1.5 Organização da tese

A presente tese está estruturada em seis seções, organizada de modo a acompanhar o percurso analítico e metodológico construído ao longo da investigação. Essa organização reflete um movimento progressivo que parte da implicação pessoal e do enquadramento teórico, avança pela contextualização histórica e territorial do objeto, e culmina na análise etnográfica do Festival da Cachaça como espaço privilegiado de atualização da memória, da tradição e das disputas simbólicas contemporâneas.

Na Introdução é apresentado o problema de pesquisa, os fundamentos epistemológicos e metodológicos do trabalho, bem como os caminhos que conduziram à constituição do objeto.

A seção 2, intitulado **A cachaça de Abaíra entre a tradição e a reinvenção**, estabelece a base teórico-conceitual da tese. Nele, são mobilizadas contribuições dos estudos da memória, da tradição e da cultura, com destaque para autores como Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Paul Ricoeur, Edward Shils, entre outros. A seção discute as origens e os processos de estigmatização e distinção simbólica associados à cachaça, bem como os deslocamentos históricos que permitem compreendê-la como bem cultural atravessado por disputas de sentido, práticas sociais e formas de reinvenção da tradição.

A seção 3, **Espaço, memória e identidade cultural: uma análise etnográfica do Festival da Cachaça em Abaíra**, marca a transição para o campo empírico da pesquisa. A partir da observação participante e do registro sistemático em caderno de campo, a seção analisa as transformações espaciais e simbólicas da cidade durante o período festivo, com atenção especial aos monumentos, às expressões artísticas e às ambientações urbanas. O espaço da festa é examinado como lugar de memória, no qual signos de pertencimento são ativados e identidades locais e regionais são performadas na oscilação entre cotidiano e ritual.

Na seção 4, **Festival da Cachaça: moradores, turistas e apresentações musicais**, aprofunda a análise etnográfica ao focalizar os sujeitos e as performances sociais que estruturam

o evento. A seção investiga as interações entre moradores, turistas, produtores, visitantes e artistas, examinando os diferentes modos de vivenciar e significar a festa.

A seção 5, **O Festival da Cachaça em Abaíra: ritual, disputas simbólicas e formas de pertencimento**, amplia o olhar analítico ao incorporar fenômenos emergentes observados no campo, como a formação de blocos organizados e novas territorialidades afetivas. Esses coletivos são interpretados como expressões de dinâmicas contemporâneas de pertencimento, visibilidade e contestação, que reconfiguram a tradição no interior do ritual festivo. A seção também analisa episódios de tensão política e institucional, especialmente no encerramento da festa, evidenciando disputas em torno da gestão do evento, da memória coletiva e da legitimação dos atores envolvidos.

Por fim, a seção 6 apresenta a **Conclusão**, na qual são retomados os principais achados da pesquisa e discutidas as implicações teórico-metodológicas do percurso realizado. Longe de encerrar o debate, essa seção reconhece o caráter processual e inacabado do conhecimento etnográfico, destacando a instabilidade dos sentidos, a multiplicidade das narrativas e os deslocamentos simbólicos que atravessam a cachaça de Abaíra no contexto contemporâneo.

Dessa forma, a organização da tese não apenas acompanha as etapas da investigação, mas delinea uma cartografia interpretativa dos modos pelos quais a cachaça se inscreve na memória social, nos corpos e nos territórios. Ao longo da escrita, o leitor é conduzido por uma trajetória que articula teoria e campo, experiência e método, buscando compreender como uma bebida tradicional pode condensar histórias, afetos e disputas em um cenário marcado por continuidades, tensões e reinvenções.

2 A CACHAÇA DE ABAÍRA ENTRE A TRADIÇÃO E A REINVENÇÃO

A cachaça de Abaíra, tomada como objeto analítico, convoca um deslocamento interpretativo que ultrapassa leituras estritamente econômicas ou descritivas, exigindo uma abordagem capaz de apreender sua densidade simbólica e histórica. Nesta seção, a bebida é compreendida como prática cultural situada, atravessada por memórias incorporadas, técnicas socialmente aprendidas e narrativas que articulam passado e presente. Trata-se, portanto, de situar o destilado no interior de processos mais amplos de produção de sentido, nos quais tradição e reinvenção não se opõem, mas se tensionam continuamente.

Ao privilegiar uma perspectiva antropológica, a análise se ancora na compreensão de que a memória não se conserva apenas em relatos ou documentos, mas se inscreve nos corpos, nos gestos reiterados e nas formas de fazer transmitidas no cotidiano. As técnicas ligadas ao cultivo da cana, à moagem, à destilação e ao armazenamento do produto constituem, nesse sentido, verdadeiros suportes de continuidade cultural, nos quais o saber se atualiza pela prática, mais do que pela formalização discursiva. O corpo emerge, assim, como lugar privilegiado de sedimentação da experiência social (Mauss, 2003).

A tradição, longe de se apresentar como herança imóvel, revela-se como campo de negociação permanente, no qual repertórios simbólicos são reativados, ressignificados ou disputados conforme as circunstâncias históricas. Ao longo do tempo, esse destilado percorreu trajetórias ambíguas, ora associado a estigmas e classificações depreciativas, ora mobilizado como signo de pertencimento, autenticidade e distinção. Esses deslocamentos não ocorreram de modo linear, mas resultaram de jogos de poder, resistências e rearranjos que atravessam a história social brasileira.

É nesse horizonte que se tornam inteligíveis as formas pelas quais a cachaça de Abaíra se inscreve simultaneamente como produto, linguagem cultural e operador identitário. A bebida condensa práticas e afetos que não se esgotam na materialidade do destilado, mas se projetam em modos de vida, narrativas compartilhadas e experiências sensoriais. A análise aqui desenvolvida busca captar essa complexidade, articulando reflexão teórica e observação situada, sem dissolver a singularidade do contexto investigado.

Ao tensionar memória, tradição e cultura, esta seção estabelece as bases conceituais que sustentam a leitura etnográfica a ser aprofundada nas páginas seguintes. O empírico, contudo, não surge como ruptura posterior, mas se insinua desde já, acionado em passagens discretas, gestos recorrentes e expressões do cotidiano que antecipam a densidade do campo. Desse modo,

a reflexão avança de forma contínua, preparando o terreno para a análise do Festival da Cachaça como espaço privilegiado de atualização simbólica e experiência coletiva.

2.1 A origem da cachaça e a ocupação do sertão

Reconhecida como uma bebida emblemática da formação social brasileira, a cachaça emergiu no contexto colonial como resultado das transformações técnicas, econômicas e culturais que marcaram os primeiros séculos da colonização portuguesa. Introduzida no início do século XVI, a cana-de-açúcar rapidamente se consolidou como um dos pilares do empreendimento colonial, estruturando engenhos assentados na monocultura, na grande propriedade e no trabalho compulsório de pessoas escravizadas. Esses espaços produtivos não se limitaram à função econômica, mas configuraram verdadeiros núcleos de organização social, nos quais técnicas, hierarquias e práticas se entrelaçavam.

Nesse ambiente, observou-se que a espuma e o caldo residuais da moagem da cana, quando submetidos à fermentação espontânea, originavam um líquido de sabor intenso e efeitos embriagantes (Trindade, 2006). Ainda que envolta em narrativas orais e diversas versões lendárias, fantasiosas e até sobrenaturais acerca de seu surgimento, essa prática assinala a emergência de um artefato cultural que ultrapassaria sua condição inicial de subproduto da fabricação do açúcar.

Santos (2022) sugere que a indefinição histórica sobre a origem da cachaça, permeada por histórias, lendas e mistérios, contribuiu significativamente para a construção de um imaginário simbólico em torno da bebida, o que se reflete na multiplicidade de nomes criativos, marcas imaginárias, credices populares, piadas e gracejos, inclusive nas diversas ilustrações criativas e divertidas presentes em seus rótulos.

Assim, a emergência da cachaça revela, desde seus primórdios, não apenas uma lógica de reaproveitamento produtivo adaptada às condições materiais do mundo colonial, mas também a força das representações culturais que moldaram sua identidade ao longo do tempo.

Conforme observa Jairo Martins da Silva (2020), a origem do destilado não pode ser compreendida como acontecimento fortuito, mas como resultado da adaptação criativa de técnicas já conhecidas no universo lusitano, a exemplo da bagaceira⁸ portuguesa.

A transposição da destilação para o território colonial revelou-se particularmente fecunda ao encontrar, no Brasil, condições ambientais favoráveis e um sistema de trabalho coercitivo

⁸ Bebida alcoólica fabricada pelos portugueses a partir da fermentação e destilação de casca de uva.

que viabilizava sua disseminação. Nesse processo, a cachaça inscreveu-se logo no início como produto híbrido, articulando saberes técnicos europeus e práticas produtivas desenvolvidas no interior da economia colonial.

Inicialmente desprezada pelos senhores de engenho, que a concebiam como subproduto residual da fabricação do açúcar, a cachaça rapidamente se disseminou, sobretudo entre a população empobrecida e as pessoas escravizadas. Essa circulação precoce consolidou sua associação aos segmentos subalternizados da sociedade colonial, conferindo-lhe um estatuto ambíguo: ao mesmo tempo amplamente consumida e simbolicamente estigmatizada. Desde sua origem, portanto, o destilado se inscreve em relações de poder, distinção social e hierarquização simbólica, revelando como o gosto e o consumo operam também como marcadores sociais.

A expansão da produção ao longo do século XVII inseriu a cachaça nos circuitos comerciais atlânticos, atribuindo-lhe papel central no tráfico de pessoas escravizadas. Enviada à África como mercadoria de troca, a bebida adquiriu relevância geopolítica significativa, a ponto de tensionar os interesses da Coroa Portuguesa, preocupada com a concorrência que representava ao vinho europeu (Cascudo, 2006).

As restrições impostas pela metrópole culminaram na Revolta da Cachaça, em 1660, no Rio de Janeiro, quando produtores locais se insurgiram contra as medidas repressivas. A repressão cedeu parcialmente em 1661, com a legalização da produção e do comércio, ainda que sob rigorosa tributação e vigilância estatal (Câmara, 2004), evidenciando a ambivalência do controle colonial sobre o destilado.

No interior do território brasileiro, tanto no litoral quanto no sertão, as atividades agrícolas adotadas nesse período favoreceram a consolidação de estruturas produtivas mais simples, voltadas à fabricação de subprodutos da cana-de-açúcar. Como observa Sampaio (2009), o próprio contexto histórico e social possibilitou a difusão de unidades produtivas menos complexas, como os engenhos de cachaça de alambique e a produção de rapadura, que exigiam menor aparato técnico e se adaptavam com maior flexibilidade às condições do interior do país.

Essa configuração permitiu que, já por volta dos anos 1900, a cachaça estivesse amplamente disseminada em diversas regiões, integrando não apenas o cotidiano produtivo, mas também os repertórios da medicina popular. Conforme registra Sampaio (2009), o destilado era utilizado como substância terapêutica no tratamento de enfermidades, a exemplo da epidemia de varíola, quando se difundiu o uso da chamada “cachaça canforada”, à qual se atribuía tanto o alívio dos sintomas quanto a prevenção da infecção. Esses usos revelam a

incorporação da bebida a sistemas simbólicos e práticos que extrapolavam sua função recreativa ou econômica.

No que se refere à estrutura produtiva, não há diferenças significativas entre as características da produção de cachaça na microrregião de Abaíra e aquelas observadas em outras regiões do país. Os espaços destinados ao fabrico artesanal da bebida organizam-se, de modo geral, em torno de engenhos e alambiques, configurando unidades produtivas familiares ou comunitárias.

Segundo Silva (2019), há traços recorrentes entre os sujeitos envolvidos nesse tipo de produção, como a vivência em pequenas localidades distantes dos centros urbanos, a dificuldade de acesso à escolarização formal e a prática simultânea da agricultura de subsistência e da criação de animais, voltadas tanto ao consumo próprio quanto à comercialização em feiras livres.

Marcada por um percurso histórico de oscilações entre repressão e assimilação, a cachaça consolidou-se, assim, como substância simbólica moldada por disputas de valor, negociações sociais e reinterpretções contínuas. Mais do que um produto agrícola ou um vestígio histórico, o destilado constitui um signo denso de práticas, resistências e reinvenções que atravessam temporalidades distintas. Ao percorrer os caminhos que ligam os engenhos coloniais aos sertões baianos, carrega vestígios de um passado conflituoso e, simultaneamente, os fundamentos de pertencimentos que se reelaboram no tempo e no espaço.

É nessa tessitura entre origem, estigma e ressignificação que se inscreve o percurso que será aprofundado nas seções seguintes.

2.2 Dos estigmas sociais às distinções simbólicas

A trajetória histórica da cachaça no Brasil foi marcada por um longo processo de estigmatização social, profundamente associado às hierarquias coloniais, às formas de exploração do trabalho e às classificações morais que estruturaram a sociedade escravocrata. Desde sua emergência, o destilado foi inscrito no universo das práticas consideradas inferiores, vinculado aos segmentos subalternizados e apartado dos códigos de distinção que orientavam os consumos legítimos das elites coloniais e imperiais.

Tal estigma não se restringia ao produto em si, mas estendia-se aos sujeitos que o produziam, comercializavam e consumiam, configurando um sistema classificatório que articulava gosto, posição social e valor cultural.

Essa lógica de desqualificação não operava apenas no plano econômico, mas se ancorava em esquemas de percepção socialmente partilhados, que naturalizavam a associação entre determinados bens culturais e posições sociais específicas. A cachaça, nesse sentido, funcionava como marcador simbólico de pertencimento subalterno, reiterando fronteiras sociais por meio dos gostos e do consumo. Conforme sugere Pierre Bourdieu (1983), nossas preferências não são escolhas individuais neutras, mas expressões de disposições incorporadas que refletem trajetórias sociais diferenciadas e estruturas de desigualdade historicamente sedimentadas.

Ao longo do tempo, contudo, esse regime de classificação passou por inflexões significativas. A revalorização progressiva da cachaça, sobretudo em contextos de produção artesanal e territorializada, não implicou a simples superação do estigma, mas sua reorganização sob novos critérios de legitimação. O que se observa é a emergência de formas seletivas de reconhecimento, nas quais determinadas práticas produtivas, narrativas de origem e códigos estéticos passam a ser valorizados, enquanto outras permanecem à margem dos circuitos legítimos de consagração.

Nesse processo, o *habitus* desempenha papel central como princípio estruturador das práticas e dos juízos de gosto. As maneiras de produzir, apreciar e narrar a cachaça são orientadas por disposições socialmente constituídas, que articulam experiência incorporada, memória coletiva e expectativas de reconhecimento. Como observa Bourdieu (1983), o *habitus* não determina mecanicamente as ações, mas orienta probabilidades, tornando certas escolhas mais plausíveis e outras socialmente improváveis. Assim, a valorização contemporânea da cachaça artesanal reflete a convergência entre disposições históricas e novas condições de legitimação simbólica.

É nesse contexto que os diferentes tipos de capital⁹ assumem relevância analítica. O domínio de saberes técnicos, a capacidade de mobilizar narrativas sobre tradição, a familiaridade com vocabulários especializados e a inserção em circuitos culturais legitimados operam como formas de capital cultural, acumuladas de maneira desigual entre os agentes envolvidos. Quando tais recursos são reconhecidos socialmente como legítimos, convertem-se

⁹ Diferentemente da concepção marxista clássica, que associa o capital exclusivamente à dimensão econômica, Pierre Bourdieu (1989) propõe uma ampliação desse conceito, considerando que os agentes sociais dispõem de diferentes formas de capital: econômico, cultural, social e simbólico. O capital simbólico, nesse contexto, corresponde ao prestígio, à honra ou à reputação socialmente reconhecida, funcionando como uma forma de poder que depende da legitimação coletiva. Essa forma de capital está associada à capacidade de impor sentidos e significados aceitos como legítimos dentro de um determinado campo, tornando-se instrumento de diferenciação social e mecanismo de reprodução de hierarquias. Embora derivado de outras formas de capital, o simbólico atua mascarando sua base material, sendo eficaz justamente por ser percebido como legítimo, natural ou merecido.

em capital simbólico, conferindo autoridade discursiva e poder de nomeação a determinados produtores e instituições.

Paralelamente, as redes de parentesco, cooperação e associação, historicamente consolidadas na microrregião, funcionam como capital social, ampliando o alcance e a eficácia dessas estratégias de valorização (Bourdieu, 2009; 1989).

A distinção que emerge desse rearranjo não elimina as hierarquias anteriores, mas as reinscreve sob novos marcos interpretativos. A cachaça deixa de ser rejeitada de forma homogênea para ser valorizada seletivamente, segundo critérios que articulam autenticidade, origem territorial e adesão a padrões estéticos legitimados. Esse movimento evidencia que o reconhecimento cultural do destilado não se dissocia das disputas sociais em torno do valor, do pertencimento e da autoridade cultural, mas constitui uma de suas expressões contemporâneas mais visíveis.

Assim, a passagem do estigma à distinção não deve ser compreendida como ruptura, mas como reconfiguração dos esquemas classificatórios que organizam o mundo social. A cachaça de Abaíra, ao inscrever-se nesse processo, torna-se operador privilegiado para observar como bens culturais historicamente desvalorizados podem ser ressignificados sem que se dissolvam as assimetrias que estruturam o campo social. É nessa tensão entre reconhecimento e exclusão, permanência e reinvenção, que se delinea o lugar simbólico da bebida no presente, preparando o terreno para as discussões subseqüentes sobre tradição, memória e circulação de poder.

2.3 Rebeldia, resistência e circulação de poder

Ao longo dos séculos XVIII e XIX, a cachaça passou por um processo gradual de ressignificação, assumindo, em determinados contextos históricos, a condição de emblema identitário e de instrumento de resistência cultural. Em episódios como a Inconfidência Mineira (1789) e a Revolução Pernambucana (1817), o destilado foi mobilizado como contraponto ao vinho europeu, bebida associada aos hábitos das elites coloniais e aos circuitos de prestígio metropolitanos. Inserida nos rituais e nas práticas cotidianas dos insurgentes, a cachaça deixou de operar apenas como elemento de sociabilidade popular para converter-se em marcador simbólico de ruptura com os padrões econômicos e culturais impostos pela Coroa portuguesa (Cascudo, 2006; Vasconcelos, 2003).

No caso específico da Revolução Pernambucana, esse deslocamento assumiu dupla dimensão. Por um lado, a bebida funcionava como alternativa mercadológica, fortalecendo

circuitos produtivos regionais relativamente autônomos; por outro, consolidava-se como signo de uma brasilidade em gestação, que recusava os códigos de distinção associados aos gostos importados. A cachaça, nesse cenário, tornava-se linguagem política silenciosa, capaz de condensar aspirações de autonomia, pertencimento e afirmação cultural.

A requalificação mais sistemática da imagem pública do destilado, contudo, só se estruturou de forma mais consistente ao longo do século XX. Inicialmente impulsionado por pequenos produtores empenhados em aprimorar técnicas de destilação e estabelecer padrões mínimos de qualidade, esse movimento encontrou respaldo posterior nos discursos de valorização da cultura popular e nas demandas do mercado internacional por produtos dotados de autenticidade territorial. Progressivamente, a cachaça passou a circular em espaços antes restritos, sendo apresentada como patrimônio cultural brasileiro e símbolo de um saber-fazer enraizado em tradições locais.

Nesse sentido, o processo de reconhecimento institucional, as IGs assumiram um papel central. A experiência da cachaça de Abaíra, primeira da Bahia a obter esse selo, evidencia como tais instrumentos ultrapassam a função técnico-normativa, atuando como operadores simbólicos que consagram vínculos territoriais, saberes artesanais e memórias coletivas sedimentadas na prática produtiva (Santos, 2022; SEBRAE, 2012). O registro formal, neste aspecto, não inaugura a tradição, mas a reinscreve em novos regimes de visibilidade e legitimidade.

Na contemporaneidade, a cachaça ocupa posição estratégica tanto no plano econômico quanto no cultural. Sua crescente inserção em mercados internacionais contribui para a construção de uma imagem do Brasil associada à diversidade cultural e à sofisticação produtiva. No ano de 2022, por exemplo, mesmo sob os efeitos prolongados da pandemia de COVID-19, o setor alcançou um marco expressivo, com a exportação de mais de 8,6 milhões de litros e receita superior a 14 milhões de dólares, o maior volume registrado na última década (Brandão, 2022).

Atualmente, o destilado brasileiro alcança cerca de 72 países, com destaque para Estados Unidos, Alemanha, França, Itália, Portugal e Paraguai. O crescimento expressivo das importações europeias, especialmente em Portugal e Itália, sinaliza a consolidação da cachaça como um bem cultural valorizado no circuito global. Mais do que mercadoria, ela passa a operar como mediadora simbólica, transportando narrativas de tradição, territorialidade e memória social.

Essa projeção contemporânea, entretanto, não apaga as tensões históricas que atravessam os territórios produtores. Os processos de industrialização, sobretudo entre o final

do século XIX e o início do XX, introduziram exigências técnicas e mercadológicas que tensionaram os modos tradicionais de produção. Ainda assim, a cachaça preservou sua centralidade nas festas populares, nas práticas religiosas e nos rituais de convivência cotidiana. Como observa Santos (2022), sua trajetória reflete rearranjos permanentes das relações de poder, das formas de pertencimento e das disputas por legitimidade cultural.

Gilberto Freyre já apontava essa densidade simbólica ao definir a cachaça como “a companheira do açúcar” (Freyre, 2011, p. 112), destacando não apenas sua função econômica, mas sua presença na experiência sensível das plantações. Muitas vezes silenciado nos registros oficiais, o consumo do destilado funcionava como paliativo frente às agruras do trabalho, assumindo simultaneamente os sentidos de resistência cotidiana e sociabilidade compartilhada entre escravizados e trabalhadores livres.

Ao manter, ao longo dos séculos, essa condição marcada pela tensão entre enraizamento local e circulação global, a cachaça adquire caráter híbrido, no qual se entrelaçam práticas mercadológicas, memórias sociais e valores culturais. Sua história não se reduz, portanto, à trajetória de uma bebida, mas revela um campo em disputa permanente entre tradição e mercado, resistência popular e reconfigurações da modernidade. Trata-se de um objeto privilegiado para interrogar os circuitos do gosto, bem como os sentidos mais profundos do pertencimento e da identidade no Brasil.

Ao recuperar essas dinâmicas, torna-se evidente que a força simbólica da cachaça não reside apenas em seu teor alcoólico, mas nos significados que evoca, nas tensões que mobiliza e nos vínculos que reformula. Essa densidade adquire espessura particular quando observada a partir de territórios específicos, nos quais saberes ancestrais, práticas sociais e rituais coletivos se articulam à produção do destilado. É nesse horizonte que a microrregião de Abaíra se destaca como campo analítico privilegiado para compreender a articulação entre história, memória e cultura.

2.4 Tradição em movimento: memória, identidade e reinvenção cultural

“Cadê Zé, Lia? Já tá moendo?”

“Tá, Tôra.”

(Diálogo espontâneo entre duas primas reencontradas na cidade de Vitória da Conquista, fora da microrregião de Abaíra. Uma delas, residente na cidade anfitriã, pergunta à visitante sobre o início da moagem de cana, referindo-se ao marido dela, produtor de cachaça.)(memória oral compartilhada em 2023)

A tradição associada à cachaça de Abaíra manifesta-se de modo privilegiado nas interações ordinárias, nas quais referências ao passado emergem sem solenidade, incorporadas à linguagem cotidiana. Em diálogos breves, comentários aparentemente despretensiosos ou alusões indiretas a pessoas e práticas conhecidas, ativam-se repertórios compartilhados que dispensam explicações detalhadas. Trata-se de uma memória que não se anuncia como tal, mas que se deixa reconhecer pela familiaridade dos códigos mobilizados, pelos silêncios compreendidos e pela economia das palavras.

Essas interações revelam que a transmissão da tradição não depende exclusivamente de narrativas estruturadas ou de instâncias formais de consagração. Ao contrário, ela se realiza por meio de uma competência social aprendida na convivência, na qual saber quando e como evocar determinados elementos é tão relevante quanto o conteúdo evocado. Referências à moagem, ao tempo da cana ou a personagens locais não operam apenas como lembranças isoladas, mas como marcadores de pertencimento que situam os interlocutores em uma temporalidade comum.

Nesse sentido, a tradição não se apresenta como um conjunto de práticas imutáveis, mas como um sistema de referências em permanente atualização. O passado é mobilizado seletivamente, ajustando-se às circunstâncias do presente e às posições ocupadas pelos sujeitos na interação. O que se preserva não é a repetição exata de gestos ou narrativas, mas a capacidade de reconhecê-los como parte de um universo compartilhado, no qual trabalho, memória e identidade se entrelaçam.

A observação dessas cenas evidencia que a cachaça opera como eixo organizador de experiências coletivas que ultrapassam sua materialidade. Ela articula lembranças de trabalho, formas de sociabilidade e valores associados à cooperação comunitária, funcionando como referência simbólica capaz de condensar múltiplas dimensões da vida local. A tradição, assim, emerge menos como herança imutável e mais como prática relacional, continuamente reinscrita no cotidiano.

As interações observadas permitem compreender a tradição como processo social marcado pela plasticidade e pela negociação contínua de sentidos. Conforme argumenta Maurice Halbwachs (2004), a memória não se constitui como depósito individual de lembranças, mas como construção ancorada em quadros sociais que orientam o que pode ser evocado e reconhecido como significativo. Em Abaíra, esses quadros não se apresentam de forma explícita, mas são ativados por meio de práticas discursivas e gestuais que articulam experiências do passado às exigências do presente.

Essa dinâmica aproxima-se da perspectiva de Marshall Sahlins (1990), segundo a qual a cultura se reproduz precisamente no ato de sua transformação. As referências herdadas não são reiteradas mecanicamente, mas reinterpretadas à luz de novas circunstâncias históricas, institucionais e espaciais. A tradição associada à cachaça, nesse sentido, não se define pela imobilidade das técnicas ou pela fixidez das narrativas, mas pela capacidade de reorganizar significados sem romper com os vínculos simbólicos que sustentam o pertencimento coletivo.

O que se observa, portanto, é uma memória social que opera de maneira seletiva e situada. Certos elementos são reiterados, outros silenciados, alguns reconfigurados, de acordo com as posições ocupadas pelos sujeitos e com os contextos nos quais a tradição é mobilizada. Essa seletividade não enfraquece a tradição; ao contrário, constitui sua própria condição de permanência, permitindo que ela se mantenha inteligível e socialmente eficaz.

A vitalidade dessa tradição torna-se ainda mais evidente quando observada fora de seu espaço de origem imediata. Um episódio etnográfico ocorrido na cidade de Vitória da Conquista, envolvendo duas primas oriundas da microrregião de Abaíra, revela com clareza como a memória associada à cachaça se desloca e se atualiza em contextos urbanos aparentemente distantes do universo produtivo rural. No breve diálogo entre elas — “Cadê Zé, Lia? Já tá moendo?” — ativa-se instantaneamente um repertório compartilhado que dispensa explicações adicionais.

A pergunta, aparentemente trivial, não se refere apenas à ausência de um indivíduo específico. Ela condensa uma rede de significações que remete ao tempo da cana, aos circuitos de sociabilidade rural, às rotinas de trabalho e às relações familiares associadas à produção da cachaça. Mesmo deslocadas espacialmente, as interlocutoras reconhecem-se nesse universo simbólico comum, acionando-o por meio de uma linguagem econômica, carregada de sentidos implícitos.

Esse episódio evidencia que a memória social não se encontra confinada ao território físico de Abaíra. Ao contrário, ela acompanha os sujeitos em seus deslocamentos, reorganizando-se conforme novos contextos de interação. O passado não é simplesmente lembrado; ele é ativado como recurso interpretativo capaz de produzir reconhecimento mútuo, pertencimento e continuidade cultural em um espaço urbano marcado por outras temporalidades e referências culturais.

A força etnográfica desse diálogo reside precisamente em sua banalidade aparente. Não há solenidade, celebração formal ou enquadramento ritual explícito. Ainda assim, a tradição se manifesta de modo pleno, incorporada à fala cotidiana, revelando que sua eficácia não depende

de encenações oficiais, mas da competência social dos sujeitos em mobilizar referências compartilhadas no momento oportuno.

Ao emergir em Vitória da Conquista, esse diálogo tensiona leituras que associam a tradição exclusivamente à fixidez territorial. Ele demonstra que a cachaça, enquanto mecanismo simbólico, sustenta vínculos que atravessam fronteiras espaciais, permitindo que a memória coletiva seja continuamente reinscrita em novos cenários. É nesse movimento, entre deslocamento e reconhecimento, que a tradição revela sua capacidade de articular permanência e reinvenção, preparando o terreno analítico para a discussão seguinte, na qual corpo, gesto e técnica ocuparão lugar central.

2.5 Tradição e pertencimento: vínculos, memória e identidade

O entrelaçamento entre permanência e transformação constitui uma chave analítica fundamental para compreender a complexidade cultural que envolve a produção, a circulação e as formas de celebração desse destilado local. Longe de configurar uma oposição rígida entre tempos estanques, o que se observa é uma articulação dinâmica entre heranças socialmente sedimentadas e interpretações contemporâneas, nas quais valores transmitidos ao longo das gerações dialogam com exigências emergentes do presente. Nessa perspectiva, a tradição não se apresenta como um repertório fixo do saber fazer, mas como uma construção social constantemente reatualizada, capaz de incorporar mudanças sem dissolver a densidade simbólica que lhe confere sentido coletivo.

A investigação desenvolvida a partir do Festival da Cachaça oferece um campo empírico privilegiado para observar essa articulação entre temporalidades. O evento, ao mesmo tempo em que valoriza saberes historicamente associados à produção artesanal, incorpora linguagens próprias da contemporaneidade, como estratégias comunicacionais, dispositivos de visibilidade midiática e práticas atualizadas de consumo. Tal incorporação não sinaliza ruptura com os fundamentos culturais locais, mas opera como uma etapa de reinscrição simbólica, no qual as referências ao passado são reorganizadas em novas tramas interpretativas. Nessa ótica, a tradição não se esvazia, mas se desloca, adaptando-se às condições do presente sem perder sua capacidade de produzir pertencimento.

Essa compreensão dialoga diretamente com a formulação de Sahlins (1990), para quem a mudança cultural não se opõe à continuidade, mas dela depende. Ao afirmar que as culturas transformam-se porque continuam, e continuam porque se transformam, o autor oferece uma síntese particularmente fecunda para interpretar contextos nos quais a permanência não se

sustenta pela imobilidade, mas pela capacidade de reorganizar sentidos herdados. No caso de Abaíra, essa lógica revela como práticas, símbolos e narrativas associadas à bebida permanecem reconhecíveis justamente porque são capazes de se adaptar às demandas sociais, institucionais e mercadológicas do presente.

A perspectiva delineada por Marshall Sahlins encontra ressonância direta na obra de Edward Shils, especialmente quando este problematiza a compreensão dessa temática como simples herança imutável. Em **Tradition** (1981), Shils desloca o debate do conteúdo transmitido para o próprio ato de transmissão, sublinhando que a tradição se define menos pela fixidez de seus elementos do que pela persistência das ações sociais que a fazem circular no tempo. Ao enfatizar seu caráter adaptável, o autor demonstra que as tradições sobrevivem não apesar das transformações, mas precisamente por sua capacidade de atravessá-las, mantendo-se operantes mesmo em contextos de ruptura ou rejeição ativa. Em suas próprias palavras:

Tradições são criadas, mantidas e mudadas; não são invariáveis, mas são persistentes. Elas resistem à extinção com uma força notável, sobrevivendo muitas vezes a períodos de abandono ou mesmo de rejeição ativa. (Shils, 1981, p. 322, tradução nossa).

Com essa afirmação, o autor rompe com leituras essencialistas e introduz uma concepção processual da continuidade social. A força da tradição, segundo o autor, reside em sua resistência ao esquecimento, manifestada na recorrência de práticas que reaparecem sob novas formas, sem perder sua função de mediação entre gerações.

Essa concepção se aprofunda quando Shils amplia o entendimento de tradição para além de domínios específicos, mostrando que ela perpassa tanto esferas sagradas quanto seculares. Nesse sentido, engloba crenças transmitidas oralmente, registros escritos, experiências empíricas e formulações intelectuais sistematizadas, não se restringindo a um repertório normativo fechado. Trata-se, antes, de um dispositivo social amplo, cuja continuidade se apoia na multiplicidade de formas de transmissão. A unidade dessa dinâmica não decorre da homogeneidade dos conteúdos, mas da recorrência do ato de transmitir, por meio do qual o passado é reinscrito no presente em experiências reiteradas e socialmente reconhecidas.

Nos campos da antropologia e da sociologia, essa compreensão da tradição como processo dinâmico tem sido amplamente compartilhada. Distante da ideia de mera repetição mecânica, ela é concebida como um fluxo de valores, saberes e modos de vida que circula entre gerações, operando como ponte simbólica entre diferentes temporalidades e como matriz constitutiva da identidade coletiva.

Nesse sentido, a etimologia do termo, destacada por Bornheim (1987, p. 18), *traditio*, oriunda do latim *tradere*, que significa “passar adiante”, revela que a tradição implica sempre um gesto ativo de mediação, no qual transmitir supõe interpretar, selecionar e atualizar.

Essa mediação não ocorre de forma neutra ou automática. Antes, envolve escolhas situadas, atravessadas por contextos históricos e relações de poder. O ato de transmitir carrega tanto um conteúdo quanto uma intencionalidade social: preservar vínculos, reafirmar pertencimentos e garantir a continuidade de práticas consideradas legítimas.

Assim, a tradição se afirma menos como um estoque de elementos herdados e mais como uma lógica de renovação contínua, na qual símbolos e gestos são constantemente ajustados às condições do presente.

A retomada da ideia proposta por Edward Shils permite aprofundar essa visão. Para ele:

Traditio era um modo de transferir a propriedade privada no direito romano. A tradição é tudo o que é persistente ou recorrente por meio da transmissão, independentemente da substância e do contexto institucional. Ela abrange crenças transmitidas oralmente, bem como aquelas transmitidas por escrito. Inclui tanto crenças seculares quanto sagradas; abrange crenças alcançadas por raciocínio e por procedimentos intelectuais controlados metodicamente, assim como crenças aceitas sem grande reflexão. Inclui crenças tidas como divinamente reveladas, bem como suas interpretações. Também abrange crenças formadas pela experiência e aquelas formadas por dedução lógica. (Shils, 1981, p. 17, tradução nossa).

Assim, a tradição assegura a coesão social não por meio da repetição inalterada do passado, mas pela permanência de práticas corporais, narrativas e formas de fazer que reencenam sentidos herdados em contextos renovados. Trata-se de uma continuidade viva, sustentada por relações sociais ativas, nas quais o passado não é reproduzido como vestígio, mas mobilizado como recurso simbólico no presente.

A continuidade cultural, entendida como processo ativo de transmissão, não se realiza de forma automática nem isenta de tensões. Em vez disso, ela resulta de escolhas situadas que atribuem valor a determinados elementos em detrimento de outros, configurando um campo permanente de disputas no qual o tradicional e o poder se entrelaçam. O que permanece não é um repertório fechado, mas uma lógica seletiva de reatualizações, na qual os hábitos e significados são preservados porque continuam a produzir reconhecimento, pertencimento e legitimidade social.

Nesse ponto, a reflexão de Max Weber (2004) contribui para aprofundar a compreensão do papel estruturante da tradição na organização da vida social. Ao discutir as formas de dominação legítima, o autor identifica na autoridade tradicional um dos fundamentos do poder,

ancorado na crença compartilhada na validade dos costumes herdados. A legitimidade dessas práticas não decorre de sua racionalidade instrumental, mas da aceitação reiterada que se consolida no hábito, conferindo-lhes uma robustez simbólica que dispensa justificativas constantes.

O legado, assim, sustenta formas de ordem social precisamente porque se naturaliza na experiência cotidiana.

Entretanto, Weber (2004) também adverte que a dependência excessiva de convenções pode conduzir ao imobilismo. Quando não tensionada por processos reflexivos, a autoridade tradicional tende a naturalizar relações sociais, dificultando a adaptação a novos contextos. Na realidade abairense, essa ambivalência se manifesta de maneira clara. Os modos tradicionais de produção da cachaça reforçam vínculos comunitários e consolidam uma identidade local compartilhada, mas são continuamente interpelados por exigências externas, como normas sanitárias, critérios técnicos e expectativas mercadológicas, que demandam rearranjos e reinterpretações.

É justamente nesse terreno de tensão entre conservação e adaptação que a contribuição de Marshall Sahlins (1990) se torna novamente elucidativa. Em **Ilhas de História**, ele afirma:

Aquilo que predomina em toda mudança é a persistência da substância antiga: a desconsideração que se tem pelo passado é apenas relativa. É por esta razão que o princípio da mudança se baseia no princípio da continuidade. (Sahlins, 1990, p. 190).

No caso de Abaíra, essa dinâmica se expressa na incorporação de novos padrões produtivos e comunicacionais sem a eliminação das rotinas anteriores. Gestos como a destilação manual, a colheita com ferramentas tradicionais ou a observação sensível do ciclo de fermentação permanecem centrais, ainda que adaptados às exigências contemporâneas. Esses modos de fazer não se sustentam apenas por sua eficiência técnica, mas por um *ethos* compartilhado que conecta diferentes gerações, atribuindo valor à experiência acumulada e à repetição informada pela prática.

Essa leitura converge com a noção de “reinterpretação do antigo”, formulada por Sahlins, segundo a qual as culturas preservam sua inteligibilidade ao transformar internamente seus elementos constitutivos. A permanência, nesse caso, não reside na imutabilidade das formas, mas na capacidade de reorganizar significados sem romper com os referenciais simbólicos que sustentam a identidade coletiva.

A tradição, portanto, não se opõe à mudança; ela fornece o vocabulário a partir do qual a mudança se torna socialmente inteligível.

A reflexão proposta por Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984) acrescenta uma inflexão crítica importante a esse debate ao introduzir o conceito de “tradição inventada”. Para os autores, muitas práticas percebidas como ancestrais são, na realidade, construções recentes que adquirem legitimidade ao simular uma continuidade com um passado idealizado. Essa invenção não deve ser compreendida como falsificação, mas como resposta simbólica a contextos de transformação acelerada, nos quais antigas referências deixam de oferecer estabilidade social.

No contexto do festival, diversos elementos que compõem sua encenação pública, como esculturas dispostas em pontos estratégicos da cidade, figurinos estilizados, slogans identitários e performances festivas, não correspondem necessariamente a técnicas seculares. Trata-se, em grande medida, de criações contemporâneas elaboradas para conferir coesão diante das pressões da modernidade, do turismo e das demandas mercadológicas. Esses artefatos operam como dispositivos de ancoragem, organizando afetos e narrativas em torno de uma identidade compartilhada.

Importa sublinhar que, conforme argumentam Hobsbawm e Ranger, a construção recente dessas tradições não compromete sua eficácia simbólica. Ao contrário, elas passam a integrar o campo das memórias coletivas, estruturando pertencimentos e oferecendo sentidos de continuidade em contextos marcados pela instabilidade. Em Abaíra, tais práticas reforçam vínculos sociais e atualizam a tradição como linguagem pública, capaz de articular passado e presente sem a pretensão de reproduzir fielmente uma origem intocada.

A transmissão dos saberes associados à produção do destilado não se organiza prioritariamente por manuais técnicos ou prescrições formais. O aprendizado ocorre no gesto, na escuta atenta e na convivência prolongada, configurando uma pedagogia sensível que privilegia o tempo da experiência. Aprende-se observando quem sabe, acompanhando o ritmo dos costumes e incorporando, pouco a pouco, um modo de fazer que se inscreve no corpo antes de se formular em palavras.

Como observa Ecléa Bosi (1994), a memória se constitui nas dobras do cotidiano, sustentada por vínculos afetivos e experiências compartilhadas. Em Abaíra, o saber fazer se transmite menos por instrução explícita e mais por imersão: o modo de cortar a cana, o ponto exato da fermentação, o momento adequado de separar a cabeça e a cauda da cachaça são aprendidos na repetição atenta, na imitação e no respeito aos mais experientes. Trata-se de um

saber incorporado, cuja legitimidade não depende de validação externa, mas do reconhecimento comunitário.

Essa forma de memória desafia as lógicas contemporâneas de padronização e controle, que tendem a valorizar a técnica formalizada e o registro documental. Embora mecanismos como a IG desempenhem papel relevante na valorização da produção local, eles operam segundo critérios que nem sempre capturam a densidade simbólica local. Nessa direção, a permanência cultural não se funda na fixidez do passado, mas na capacidade de reinvenção situada.

O que se preserva não é um conjunto fechado de práticas, mas um modo de estar no mundo, no qual a repetição é sempre carregada de atenção e escolha.

Ao evidenciar que a tradição se sustenta menos pela fixidez de formas e mais pela capacidade de produzir sentido social, torna-se possível compreender por que determinados modos de fazer se mantêm reconhecíveis mesmo em contextos marcados por profundas transformações. O *continuum* cultural observado em Abaíra não resulta da simples conservação de saberes herdados, mas da reiteração de vínculos, gestos e conhecimentos que continuam a operar como referências legítimas no interior da comunidade.

Entretanto, essa herança cultural, ao ganhar visibilidade para além de seus circuitos locais, passa a ser atravessada por novas formas de reconhecimento e validação. Quando inserida em arenas institucionais mais amplas, ela deixa de operar exclusivamente no registro da convivência e passa a dialogar com dispositivos formais, normas técnicas e expectativas externas. É nesse deslocamento que emergem tensões, negociações e rearranjos, nos quais o saber tradicional precisa ser traduzido, reinterpretado e, por vezes, ajustado.

A partir desse ponto, torna-se necessário examinar como tradição e inovação se articulam em um campo marcado por disputas simbólicas e institucionais, tema desenvolvido na subseção seguinte.

2.6 A memória e a reinvenção da tradição: entre permanência e atualização

Se, por um lado, a tradição sustenta vínculos e organiza a continuidade simbólica, por outro, ela se vê atravessada por transformações que reconfiguram seus modos de legitimação. Em Abaíra, os saberes associados à produção da cachaça passaram a ser tensionados pela inserção em novos circuitos institucionais, especialmente a partir da instituição da IG. Esse marco ampliou a visibilidade do produto, conferiu prestígio social e abriu acesso a mercados

mais amplos, mas também introduziu critérios de padronização, controle e normatização que nem sempre dialogam com as lógicas sensíveis do fazer tradicional.

A certificação não atua apenas como instrumento técnico, mas como operador simbólico que redefine os parâmetros do reconhecimento. O que antes era legitimado prioritariamente pela experiência compartilhada e pela identificação comunitária passa a ser avaliado segundo protocolos formais, métricas e documentos. Essa reconfiguração não elimina os saberes locais, mas os desloca para um campo de negociação no qual diferentes formas de autoridade passam a coexistir e, por vezes, a se confrontar.

A contribuição de Anthony Giddens (1991) oferece um instrumental analítico fecundo para compreender esse cenário. Ao discutir a modernidade reflexiva, o autor argumenta que as tradições não desaparecem diante dos processos de racionalização, mas passam a ser objeto de avaliação consciente. Elas deixam de operar como normas inquestionáveis e tornam-se passíveis de escolha, reconstrução e justificação, sendo mobilizadas de acordo com as contingências da vida social contemporânea.

Nesse regime reflexivo, a tradição é reinscrita em novos contextos institucionais, nos quais precisa dialogar com expectativas externas, demandas regulatórias e narrativas de autenticidade. Em Abaíra, as práticas artesanais ligadas à produção da bebida são mantidas não apenas por apego ao passado, mas como estratégias ativas de ancoragem simbólica. Os produtores avaliam, selecionam e reinterpretam o que permanece e o que se transforma para negociar seu lugar em um cenário marcado por múltiplas pressões.

Essa dinâmica, entretanto, não se desenvolve de maneira homogênea ou consensual. Estado, mercado, instâncias técnicas e comunidade local operam segundo racionalidades distintas, frequentemente em tensão, disputando a definição legítima do que deve ser preservado, adaptado ou descartado. A tradição torna-se, assim, um campo de negociação, comunicada como linguagem pública, no qual diferentes atores buscam afirmar suas leituras sobre autenticidade, qualidade e valor cultural.

O Festival da Cachaça assume, nesse contexto, uma função estratégica. Mais do que celebração festiva, ele se configura como espaço público de visibilidade e disputa, no qual distintas versões da cultura são apresentadas, encenadas e hierarquizadas. Mestres alambiqueiros, representantes de órgãos técnicos, jovens empreendedores e visitantes externos compartilham o mesmo espaço, tornando visíveis os jogos de prestígio que atravessam a produção cultural local.

Essa exposição não implica, contudo, a perda de controle por parte dos sujeitos locais. Pelo contrário, muitos produtores desenvolvem habilidades de tradução cultural, aprendendo a

operar entre diferentes regimes de valor. Incorporam exigências formais quando as percebem como vantajosas, mas preservam práticas herdadas que continuam socialmente significativas. Trata-se de um equilíbrio delicado, no qual adesão e resistência não se apresentam como polos excludentes, mas como estratégias complementares.

Nesse movimento, a tradição permanece como critério de distinção, mas passa a atuar também como recurso discursivo. Ela é mobilizada para afirmar autenticidade diante de públicos diversos, construir autoridade simbólica e negociar reconhecimento institucional. O passado não é apenas evocado; é estrategicamente acionado, reorganizado e apresentado de modo inteligível a interlocutores externos, sem que isso implique, necessariamente, sua descaracterização.

A tensão entre tradição e inovação, portanto, não configura uma oposição linear entre conservação e ruptura. Ela revela, antes, diferentes formas de organizar a memória, a autoridade e o valor social. Como sugere Paul Connerton (1989), as práticas corporais continuam desempenhando papel central na transmissão dos saberes, mesmo quando passam a coexistir com registros formais e exigências normativas. O domínio da técnica persiste ancorado no corpo, na percepção sensível e na experiência acumulada, ainda que precise dialogar com sistemas externos de validação.

Nesse cenário, os saberes herdados não são rejeitados, mas reelaborados. Ao serem mobilizados como recurso de negociação e afirmação identitária, adquirem densidade política. Os produtores não se apresentam como guardiões estáticos de um legado intocado, mas como agentes capazes de interpretar, ajustar e ativar seus repertórios culturais. Essa habilidade de transitar entre diferentes lógicas, sem esvaziar o núcleo simbólico das práticas, é o que garante sua continuidade em um contexto atravessado por transformações institucionais e mercadológicas.

A observação das disputas e acomodações em torno desses referenciais evidencia que sua permanência no presente não se resolve apenas no plano normativo, discursivo ou das políticas de reconhecimento. Eles seguem operando, sobretudo, em um registro sensível, no qual a experiência acumulada, a percepção corporal e o domínio do gesto permanecem centrais.

Tal constatação desloca o foco analítico das arenas institucionais para o âmbito da ação cotidiana, onde esses saberes se reinscrevem de forma mais discreta, porém decisiva. É nos corpos, nos ritmos do trabalho e na repetição das práticas que o conhecimento se atualiza e se projeta no tempo. Compreendê-lo a partir desse nível implica reconhecer a agência dos produtores como elemento fundamental de sua vitalidade cultural. É a partir dessa chave que a

subseção seguinte examina esse patrimônio em movimento, destacando os modos pelos quais os sujeitos recriam, negociam e incorporam seus saberes no fazer diário.

2.7 Tradição em movimento: reinvenção e agência nos modos de fazer

A tradição observada em Abaíra manifesta-se menos como discurso formalizado e mais como prática incorporada, inscrita nos movimentos cotidianos que estruturam o fazer artesanal. Conforme propõe Paul Connerton (1989), a memória social não se sustenta apenas por narrativas verbalizadas, mas por ações reiteradas que se inscrevem no corpo, moldando posturas, ritmos e modos de percepção. Alimentar o fogo do alambique, acompanhar o tempo da fermentação ou observar a textura da cana não são procedimentos ensinados de maneira abstrata, mas aprendidos no convívio, pela repetição atenta e pela imersão prolongada em um universo de hábitos compartilhados.

Esse aprendizado corporal não se apresenta como técnica isolada, mas como forma de pertencimento. O gesto, ao ser reiterado, torna-se portador de sentido, conectando o sujeito a uma cadeia de transmissão que antecede sua experiência individual. A tradição, nesse plano, não se impõe como regra externa, mas como disposição incorporada, um saber que se revela na ação antes de se formular em linguagem explícita.

O conhecimento do ponto exato da destilação ilustra de modo exemplar essa lógica. Não se trata de um cálculo preciso ou de uma medição formal, mas de uma percepção sensível construída na prática. Recordo, da infância, a reverência com que observava os mais velhos em sua lida: a firmeza ao posicionar a cana nas moendas, o aroma doce que envolvia o ambiente, o ritmo constante ao alimentar o fogo sob o alambique, a atenção delicada do líquido destilado que escorria e o caldo borbulhando em fermentação no cocho entalhado pelo meu avô. A técnica se misturava ao rito, e o gesto se tornava veículo de pertencimento.

O grau alcoólico não era medido, como é atualmente por meio do como o alcoômetro¹⁰ ou o medidor de Brix¹¹, mas intuído: bastava agitar o líquido e observar, no ritual conhecido como aljofre, a formação e persistência das bolhas para decidir, com precisão quase intuitiva,

¹⁰ O alcoômetro centesimal de Gay-Lussac é um instrumento utilizado para medir o teor alcoólico em volume de líquidos, especialmente destilados, baseado na densidade relativa da solução a 15 °C, com graduação que vai de 0° (água) a 100° (álcool puro). (Museu do Centro Hospitalar do Porto, 2025).

¹¹ O grau Brix (símbolo °Bx) expressa a porcentagem de sólidos solúveis em uma solução aquosa, majoritariamente açúcares como sacarose, onde 1 °Bx corresponde a 1 g de sólidos solúveis em 100 g de solução. A medição, geralmente feita com refratômetro, é amplamente utilizada na agricultura, produção de sucos, bebidas e vinhos, tanto para avaliar doçura quanto para indicar maturação e potencial alcoólico. (Falando de Agro, 2025).

o momento exato de interromper a destilação. Não era explicado, mas demonstrado, repetido até tornar-se parte da memória do corpo.

Nessa dinâmica, a técnica se entrelaça ao rito, e o fazer cotidiano adquire uma dimensão simbólica que ultrapassa sua funcionalidade imediata. O gesto correto não é apenas aquele que produz um bom resultado, mas aquele que reafirma uma maneira reconhecida de fazer, inscrita em uma história coletiva e legitimada pelo olhar dos pares. A precisão, nesse contexto, não se opõe à sensibilidade; ela se constrói a partir dela.

A reflexão de Ecléa Bosi (1994) contribui para aprofundar essa compreensão ao situar a memória como experiência atravessada por afetos, temporalidades e vínculos sociais. As lembranças associadas ao fazer artesanal não se organizam como registros distantes, mas como presenças que estruturam o cotidiano. O passado, longe de permanecer como vestígio inerte, atua como força que orienta percepções e escolhas no presente, especialmente por meio da mediação dos mais velhos, que ocupam lugar central na transmissão dos saberes.

Os anciãos não apenas ensinam técnicas; eles encarnam uma autoridade simbólica fundada na experiência vivida. Suas narrativas, conselhos e gesticulações inscrevem os mais jovens em uma rede de continuidade que é, simultaneamente, material e afetiva. Ao aprender com eles, o aprendiz não adquire apenas um conhecimento funcional, mas se identifica como parte de um mundo compartilhado, no qual o fazer carrega história, responsabilidade e pertencimento.

Esse modo de transmissão revela que a tradição não se limita à preservação de práticas técnicas, mas constitui um sistema de vínculos que articula memória, identidade e reconhecimento. Os saberes que não figuram em manuais, o cheiro exato da cana moída, o tempo adequado da fermentação, o momento certo de interromper a moagem, circulam por meio de silêncios, observações e gestos compartilhados. A autoridade do saber não reside na formalização, mas na eficácia da técnica.

Diante das exigências normativas contemporâneas, muitos produtores não respondem com recusa, mas com inteligência social. Avaliam o que pode ser ajustado, o que deve ser preservado e o que convém manter fora do olhar externo. Essa capacidade de leitura do contexto não enfraquece o saber fazer; ao contrário, assegura sua continuidade como prática viva, capaz de dialogar com o presente sem se dissolver nele.

Nessa direção, o saber-fazer assume caráter estratégico. Ele não é apenas patrimônio a ser protegido, mas recurso ativo de negociação simbólica. Ao mobilizar narrativas de continuidade, ao enfatizar gestos herdados ou ao destacar determinados modos de produção, os sujeitos locais afirmam sua competência e reivindicam legitimidade em diferentes arenas

sociais. A tradição, assim, deixa de ser apenas herança e passa a operar como linguagem, acionada de forma consciente para construir valor no presente.

Essa agência não implica abandono do passado, mas sua interpretação situada. Os produtores não se colocam como guardiões imóveis, mas como intérpretes atentos de um legado que se transforma porque permanece significativo. Reinventar a tradição, em Abaíra, não significa romper com ela, mas recriá-la a partir de um saber que se atualiza na prática cotidiana, preservando sentidos enquanto ajusta formas.

A noção de “movência”, proposta por Paul Zumthor (1993), ilumina esse processo ao evidenciar a fluidez constitutiva das tradições transmitidas pela oralidade. Cada olhar, cada instrução e cada narrativa comportam variações que expressam a vitalidade da cultura em movimento. A repetição não se apresenta como cópia exata, mas como recriação ajustada às circunstâncias, aos interlocutores e às condições do momento.

No cotidiano dos alambiques e nas sociabilidades informais que cercam a produção, os saberes técnicos circulam por meio de uma pedagogia sensível, estruturada na escuta atenta e na observação persistente.

Compreender o aspecto tradicional como prática em movimento permite reconhecer que sua permanência não se sustenta por inércia, mas por sua capacidade interpretativa. Cada geração, ao reinscrever os gestos herdados, realiza uma operação hermenêutica que ajusta o passado às condições do presente, projetando sentidos para o futuro. A durabilidade cultural não reside na preservação intocada das formas, mas na plasticidade com que são apropriadas.

Na microrregião abairense, a tradição associada a bebida afirma-se, assim, como linguagem viva, sustentada pela agência dos sujeitos que sabem dosar continuidade e reinvenção. É a partir dessa compreensão que se torna possível avançar para a análise etnográfica do Festival da Cachaça, espaço no qual essas dinâmicas ganham visibilidade pública, densidade performativa e expressão espacial.

3 ESPAÇO, MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL: UMA ANÁLISE ETNOGRÁFICA DO FESTIVAL DA CACHAÇA EM ABAÍRA

O Festival da Cachaça de Abaíra constitui um momento singular na vida social do município, instaurando uma temporalidade própria que reconfigura ritmos cotidianos, usos do espaço e formas de convivência. Durante os dias de celebração, a cidade experimenta uma intensificação das interações sociais e uma reorganização visível de seus lugares, convertendo ruas, praças e edificações em cenários de encontro, circulação e expressão coletiva. Esse deslocamento provisório da rotina ordinária produz uma ambiência específica, na qual práticas habituais são suspensas, rearranjadas ou ressignificadas.

Nesse contexto, o festival pode ser compreendido como um evento ritualizado, no qual a repetição periódica, os gestos compartilhados e as performances públicas conferem inteligibilidade às ações dos sujeitos envolvidos. A celebração não se limita à programação oficial ou aos espetáculos musicais, mas envolve um conjunto mais amplo de práticas que articulam preparação, expectativa, participação e memória. Trata-se de um tempo socialmente marcado, no qual a experiência coletiva ganha densidade e visibilidade, mobilizando símbolos, afetos e formas de pertencimento.

É a partir desse enquadramento que a presente seção se dedica a observar as transformações espaciais, sociais e simbólicas desencadeadas pelo Festival da Cachaça em Abaíra. O foco recai sobre os modos como a cidade é apropriada e reinterpretada durante o evento, bem como sobre as interações, práticas e materialidades que emergem nesse período. Ao acompanhar esses deslocamentos, busca-se compreender como o espaço urbano, os sujeitos e os signos culturais são ativados e reconfigurados no interior da experiência festiva.

3.1 A Viagem Etnográfica no Festival da Cachaça em Abaíra

A narrativa da experiência etnográfica inicia-se com o próprio deslocamento até Abaíra, entendido como parte constitutiva do trabalho de campo. A viagem que antecede o encontro com o festival já se apresenta como momento de construção do lugar, no qual expectativa, lembrança e afeto se entrelaçam. Antes mesmo da chegada, o campo começa a se delinear no movimento, nas imagens evocadas e nas disposições que acompanham o trajeto.

A chegada à cidade não se reduziu ao simples ato de transpor fronteiras geográficas, configurando-se como uma travessia simbólica em que deslocamento e memória se articularam. O contato inicial mobilizou sensações que ultrapassavam a experiência imediata, ativando lembranças e afetos que situavam a viagem em um campo de ressonâncias pessoais e coletivas.

Nesse processo, o espaço vivido se apresentava como terreno de reconhecimento e estranhamento simultâneos, produzindo uma atmosfera na qual o inédito dialogava com experiências já sedimentadas.

As paisagens montanhosas, o aroma característico do cerrado, a simplicidade das casas e a presença marcante da cultura canavieira mobilizaram lembranças latentes da infância nos arredores, tornando familiar aquilo que inicialmente se apresentava como desconhecido. A experiência configurou-se de modo ambivalente, oscilando entre reconhecimento e descoberta, à medida que o deslocamento ativava referências anteriores e, simultaneamente, abria-se à novidade do encontro. Nesse processo, o território se delineava como espaço vivido, no qual temporalidades distintas se entrecruzavam no curso da própria experiência.

Nessa perspectiva, a etnografia da festa não se inicia com a abertura oficial do Festival da Cachaça, mas no próprio percurso de aproximação à cidade. Cada etapa da jornada, marcada por encontros, relatos e percepções sensoriais, foi compondo um mosaico de significados que se prolongaria na vivência dos dias festivos. O relato da viagem, portanto, constitui parte essencial do trabalho de campo, pois traduz a maneira como a festa se inscreve tanto no espaço urbano quanto na memória afetiva daqueles que a vivem.

Minha chegada, na véspera da abertura oficial do Festival da Cachaça, foi atravessada por essa sensação paradoxal de novidade e familiaridade. As ruas de paralelepípedos, as pequenas praças, os traços arquitetônicos singelos e o ritmo tranquilo da vida local anunciavam não apenas um novo campo de investigação, mas também um reencontro íntimo com modos de existência que, de diferentes formas, ajudaram a moldar minha própria formação. Esse sentimento, entre nostalgia e curiosidade analítica, acompanhou todo o percurso da pesquisa em campo.

A etnografia que se desenhava exigia, portanto, uma escuta atenta e uma sensibilidade voltada tanto para as práticas cotidianas quanto para os espaços públicos transformados pela festa, além das narrativas que costuravam passado e presente. Como sublinha Clifford Geertz (1972), o etnógrafo não ocupa a posição de observador distante, mas a de intérprete imerso nas tramas de significados produzidas pelos sujeitos. Era com essa disposição que me propunha a acompanhar não só os eventos oficiais, mas também os gestos mínimos, os rituais informais e as lembranças evocadas nas conversas e vivências dos abaienses.

Iniciei a jornada de pesquisa ciente de que a compreensão do Festival da Cachaça exigiria mais do que a observação analítica de suas dinâmicas visíveis. Tornava-se necessário apreender a atmosfera que o circunscovia, perceber de que modo ela reconfigurava o espaço urbano, reativava tradições e, sobretudo, mobilizava a memória coletiva em torno de símbolos,

afetos e práticas socialmente partilhadas. A investigação, desde o início, apresentava-se como exercício de escuta sensível, no qual a interpretação dependeria da atenção aos gestos, às ambiências e aos sentidos produzidos na experiência vivida.

Os preparativos que antecederam a partida foram atravessados por uma conjugação de expectativas acadêmicas e disposições subjetivas. Na organização do material de campo, cada escolha foi realizada de forma deliberada, não apenas pela utilidade técnica dos instrumentos selecionados, mas pela consciência de que seriam mediadores essenciais no registro de uma experiência cuja relevância ultrapassaria o plano estritamente analítico. Já nesse momento preliminar, delineava-se a percepção de que o trabalho etnográfico envolveria, simultaneamente, rigor metodológico e implicação pessoal, dimensões indissociáveis na construção do conhecimento produzido.

Um desafio inesperado surgiu na busca por hospedagem. Os principais estabelecimentos da cidade, Hotel e Restaurante Miranda, Hotel Fazenda Vale dos Guaribas e Pousada e Lanchonete Tropical, estavam lotados, conforme constatei em consultas ao *Google Maps*. Recorri, então, às redes sociais do festival e, no *Instagram*¹², encontrei a página oficial que divulgava alternativas de estadia, incluindo pousadas e casas particulares disponibilizadas para aluguel. Após algumas tentativas de contato telefônico, consegui assegurar um quarto em uma dessas acomodações.

Nesse mesmo período, ao buscar informações gerais sobre o município, deparei-me com um dado que mereceu atenção particular: a inexistência de registros de homicídios em Abaíra ao longo dos oito anos anteriores (G1, 2022). Longe de se apresentar como surpresa, essa informação operou como confirmação empírica de uma percepção já compartilhada por muitos moradores, segundo a qual a cidade se distingue por uma sociabilidade marcada pela tranquilidade, pela previsibilidade das interações e por formas de convivência assentadas em vínculos duradouros.

Tal constatação evoca a permanência de um modo de vida no qual a experiência urbana parece ainda orientada por relações de proximidade e reconhecimento mútuo, frequentemente associadas, nas narrativas locais, a um passado percebido como mais coeso e socialmente integrado.

Na microrregião em estudo, a identidade dos sujeitos está profundamente vinculada ao espaço de origem, constituindo uma ponte entre passado e presente. Embora ancorada em um

¹² Lançado em 2010 por Kevin Systrom e Mike Krieger, o *Instagram* é uma plataforma de rede social projetada para o compartilhamento de fotos e vídeos, permitindo aos usuários interagirem através de comentários e curtidas (Vilicic, 2015).

território específico, não é estática: transforma-se com os deslocamentos e as interações com novos ambientes e valores. Nesse sentido, Ecléa Bosi (2004, p. 28) adverte que o desenraizamento pode fragilizar a memória, enfraquecendo os vínculos que sustentam a pertença coletiva.

O retorno, por sua vez, assume função revitalizadora. O reencontro com o lugar de origem opera como reafirmação comunitária. Como observa Bosi (2004, p. 75), o “reencontro do caminho familiar” torna-se experiência concreta, permitindo que os indivíduos se reconheçam em um espaço que é, ao mesmo tempo, físico e simbólico. A compreensão dessa dimensão espacial revela-se, portanto, decisiva para analisar os processos de construção da identidade local.

Nessa perspectiva, Maurice Halbwachs (1990), também enfatiza a indissociabilidade entre espaço e lembrança. Para o autor, “não há memória que não se desenvolva num quadro espacial” (Halbwachs, 1990, p. 143). É nessa conjuntura que o autor vai discorrer sobre a temática, discussão essa que não será abordada nesse trabalho, haja vista que não existe uma memória “puramente” individual e, de igual modo, a coletiva. Assim, a análise do festival deve considerar o papel dos lugares como quadros de referência que sustentam e organizam o recordar.

O sociólogo francês aprofunda sua análise ao propor uma concepção de espaço que ultrapassa a materialidade. Para ele "quando um grupo está inserido numa parte do espaço, ele a transforma à sua imagem, ao mesmo tempo a que se sujeita e se adapta às coisas materiais que a ele resistem" (Halbwachs, 1990, p. 133). Essa perspectiva permite compreender o Festival da Cachaça não apenas como celebração, mas como fenômeno cultural em que identidade e memória coletiva se reafirmam continuamente.

O autor ressalta ainda que o espaço não deve ser visto simplesmente como cenário, mas como um agente ativo no processo de rememoração. Em suas próprias palavras, “o lugar ocupado por um grupo não é como um quadro negro sobre o qual escrevemos, depois apagamos os números e figuras” (Halbwachs, 1990, p. 133). É esse ambiente composto por ruas, casas e praças que se transformam em palcos da memória coletiva, onde lembranças individuais se entrelaçam com as do grupo, formando uma “tapeçaria” rica de histórias e tradições compartilhadas.

Ecléa Bosi (1994) complementa essa visão ao destacar a articulação entre lembranças pessoais e coletivas. Para ilustrar, evoca uma cena da infância:

Subindo a rua onde morei, lembro-me de que ela se unia à avenida Rebouças por uma transversal de calçadas altas, com degraus. O encontro de um amigo que se tenha sentado nos mesmos degraus nos traz uma espécie de euforia e tranquilidade. (Bosi, 1994, p. 413).

Essa experiência ressoa com a vivência dos participantes do Festival da Cachaça, nos quais o reencontro com os espaços da cidade, mediado por encontros e afetos, vivências individuais em recordações partilhadas, formando um tecido coletivo de pertencimento.

Ao se fazer uma leitura a partir das contribuições de Halbwachs e Bosi evidencia a estreita relação entre espaço, memória e identidade cultural. O evento bianual ultrapassa a dimensão de simples celebração, marcada pela alegria e pelo entretenimento, para constituir-se como momento de reafirmação simbólica, no qual a comunidade atualiza suas lembranças coletivas. Trata-se de um processo em que grupos humanos e territórios se moldam mutuamente, em contínua construção e reconstrução cultural.

A viagem teve início na véspera do Festival, a bordo de um veículo tipo van, de uma empresa que faz o trajeto diário entre Abaíra e Vitória da Conquista. O deslocamento revelou-se mais do que uma etapa preparatória: tornou-se parte intrínseca da própria experiência festiva, oferecendo um campo privilegiado para observar como espaço e lugar são vividos e compartilhados pelos participantes.

À medida que a jornada se desenrolava, percebi que emergia um campo etnográfico dinâmico, característico do que George Marcus (1995) denomina etnografia *multi-sited*. Diferente da concepção tradicional, que restringe o campo a um único ponto, essa perspectiva permite acompanhar a circulação de significados, objetos e identidades em diferentes espaços e temporalidades, ampliando a compreensão das interações entre memória e território em contextos interconectados.

Marcus (1995) propõe diversas estratégias para conduzir etnografias multi-situadas, como o acompanhamento de pessoas, objetos, metáforas, narrativas, biografias ou conflitos. Enquanto Peirano (2014) lembra que a pesquisa de campo não possui limites rígidos de início e fim. Essa perspectiva dialoga com as ideias de Tuan (1983), ao afirmar que a experiência do lugar se inicia muito antes da entrada física nele, sendo moldada por expectativas e pela própria jornada.

Os preparativos em direção à Abaíra estavam impregnados de expectativas e de sentidos culturais que, ainda antes da chegada, já começavam a delinear o “lugar”. No interior do veículo, relatos, músicas e conversas compartilhadas transformavam o deslocamento em

extensão da própria festa, compondo um *continuum* cultural que englobava preparação, percurso e retorno.

O espaço da van converteu-se em uma representação da comunidade festiva, no qual interações efêmeras fortaleciam vínculos e instauravam um sentimento de pertencimento coletivo. Relph (1976) destaca que as relações humanas são decisivas na constituição do lugar, e que os laços estabelecidos em trânsito podem ter tanto peso quanto aqueles tecidos no destino. Assim, a viagem produziu uma continuidade emocional e social que acompanharia os participantes durante todo o evento.

Recordo que algumas jovens conversavam animadamente sobre as compras realizadas para os dias de festa. Os fragmentos da conversa revelavam um hábito recorrente na região: deslocar-se a centros maiores, como Vitória da Conquista, terceira cidade mais populosa da Bahia, conhecida por sua diversidade comercial, para adquirir roupas, acessórios e outros preparativos. Esses gestos cotidianos, observados na viagem, não apenas reiteravam práticas sociais, mas também antecipavam o clima festivo que envolveria Abaíra.

O contraste entre Vitória da Conquista e Abaíra tornava-se cada vez mais evidente ao longo da viagem, ultrapassando os aspectos físicos, urbanísticos ou econômicos. As diferenças apareciam também nos gestos, nas entonações da fala, nos diálogos e nas sutilezas do comportamento dos indivíduos observados. Essa percepção ampliava meu entendimento de como o ambiente urbano e as tradições locais moldam identidades e influenciam as formas de interação social.

As conversas durante o trajeto, marcadas pelo compartilhamento de lembranças de festivais anteriores, revelavam com clareza a importância histórica e simbólica do evento para os abaienses. Entre os passageiros estavam jovens universitários retornando à cidade natal para os dias de celebração. Suas narrativas evidenciavam o vínculo afetivo com o território, um sentimento de pertencimento que se mantinha vivo independentemente da distância ou da residência atual.

Esse retorno não se limitava à visita a um espaço físico, configurando-se antes como uma reconexão com o campo da memória e como gesto de reafirmação identitária. O Festival da Cachaça apresentava-se, assim, como instância mediadora entre gerações, capaz de sustentar práticas e costumes transmitidos ao longo do tempo. Mais do que evocação de lembranças, tais referências operavam como recursos simbólicos fundamentais à coesão comunitária e à continuidade do sentimento de pertencimento que estrutura a vida social local.

À medida que o veículo avançava pelas estradas em direção ao destino, um fluxo intenso de reflexões se impunha, entrelaçando expectativa, entusiasmo e recordações. Aproximava-se

o momento de alcançar um lugar reiteradamente mencionado nas narrativas familiares, como se a chegada anunciasse o desvelamento de um sentido há muito preservado na memória transmitida. O deslocamento assumia, assim, a forma de um percurso interpretativo, no qual passado e presente se articulavam de modo progressivo.

Cada quilômetro percorrido não apenas reduzia a distância geográfica, mas reativava passagens significativas da trajetória pessoal, compondo uma retrospectiva atravessada por afetos. O trajeto coincidia com cidades que marcaram diferentes momentos da vida: Brumado, onde se deram a adolescência e parte da juventude, e Rio de Contas, lugar de origem. Ao atravessar esse município, episódios da infância retornavam com força, e a contemplação da paisagem característica do cerrado, entre formações rochosas e montanhas, meus olhos marejaram ao avistar, no horizonte, o lugar no qual se enraizaram as primeiras experiências.

A viagem prosseguiu rumo a Jussiapé, município em que meus pais se fixaram para dedicar-se ao cultivo da cana-de-açúcar e à produção artesanal de cachaça e, em menor escala, de rapadura. À medida que nós aproximávamos de Abaíra, a expectativa se intensificava. O simples ato de observar a paisagem pela janela tornava-se prelúdio da experiência etnográfica que estava por iniciar, revelando que aquele percurso ultrapassava a condição de deslocamento físico: tratava-se de uma jornada de reconhecimento e reencontro com raízes familiares e memórias de infância.

Nesse contexto, comecei a ponderar sobre os caminhos metodológicos a adotar durante o festival, avaliando perguntas, técnicas de observação e registros planejados ao longo dos meses de preparação. Entre nervosismo e excitação, sentia-me diante do desafio de mergulhar em um campo de pesquisa singularmente marcado por minha história pessoal, o que exigiria, ao mesmo tempo, rigor analítico e sensibilidade interpretativa.

Por volta das dezenove horas, após cerca de seis horas de viagem e algumas breves paradas, chegamos finalmente a Abaíra. O motorista seguia deixando cada passageiro em sua residência; para alguns pedia o endereço, mas, para a maioria, o reconhecimento imediato tornava desnecessária qualquer indicação, eram rostos familiares do cotidiano da cidade. Quando chegou a minha vez, mencionei a pousada que me hospedaria e, antes mesmo que o motorista pudesse se orientar, três passageiros ainda presentes no veículo, me responderam em uníssono e com muito entusiasmo o local, sendo que o mesmo já tinha me respondido que ficava logo após a “praça da festa”.

Figura 01 – Entrada principal da praça Francisco Pereira, ornamentada para o XVIII Festival da Cachaça em Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

Ao aproximar-me da praça central, um cenário iluminado anunciava a atmosfera de celebração. O motorista reduziu a velocidade e, ao perguntar a um transeunte se seria possível passar, recebeu a resposta afirmativa, prosseguindo lentamente por entre carros estacionados e pedestres em circulação. As primeiras impressões foram de vitalidade e alegria: grupos conversavam animadamente, e a movimentação intensa nas ruas transmitia a expectativa da festa que se aproximava. Somente mais tarde percebi que uma das vias da praça estava interdita ao tráfego de veículos, reservada exclusivamente à ornamentação preparada para o Festival da Cachaça.

A viagem, portanto, chegava ao seu termo. A partir dali, iniciava-se um novo momento da experiência etnográfica: o encontro direto com a cidade da cachaça em festa.

Refletir sobre os sentidos sociais de um festival popular como o da Cachaça em Abaíra exige reconhecê-lo como um tempo e um espaço singulares, nos quais a rotina ordinária é provisoriamente suspensa, abrindo-se à experimentação simbólica, à reconfiguração dos vínculos comunitários e à afirmação pública de pertencimentos. Trata-se de um momento marcado por deslocamentos sensíveis e reorganizações temporárias da vida social, no qual práticas, narrativas e gestos cotidianos adquirem visibilidade ampliada e densidade expressiva.

Nesse horizonte interpretativo, a contribuição de Victor Turner (1974) oferece uma chave analítica decisiva para compreender a lógica ritual que atravessa a celebração. Ao conceituar a liminaridade como condição transitória, Turner permite apreender o festival como um intervalo socialmente instituído, no qual hierarquias se atenuam, posições se relativizam e identidades se tornam momentaneamente permeáveis à reinvenção. A festa, nesse sentido, não constitui simples ruptura com a ordem, mas um deslocamento controlado que expõe suas tensões internas e possibilidades de recomposição.

Essa perspectiva dialoga de forma produtiva com a abordagem interpretativa proposta por Clifford Geertz (1972), para quem a cultura se apresenta como um sistema de significados publicamente partilhados, acessível por meio da descrição densa das práticas sociais. Longe de se oporem, tais aportes se complementam: enquanto Geertz ilumina a espessura simbólica dos gestos, Turner evidencia os momentos de exceção em que a vida coletiva se reorganiza em torno de rituais que condensam, simultaneamente, coesão e conflito, pertencimento e disputa.

No clássico **O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura** (1974), Turner define a liminaridade como um estado intermediário, situado entre posições sociais relativamente estáveis, no qual categorias como tempo, autoridade e identidade são temporariamente reconfiguradas. Esse entre-lugar ritualizado oferece uma chave privilegiada para compreender o Festival da Cachaça como experiência coletiva que tensiona a ordem cotidiana sem anulá-la, permitindo que valores e narrativas sejam atualizados sob novas formas de expressão.

O olhar etnográfico aqui mobilizado não se pretende exterior nem desimplicado. Ao contrário, constitui-se a partir de uma posição reflexiva que reconhece a presença do pesquisador como parte constitutiva do campo. A escuta atenta, o registro minucioso e a atenção aos detalhes sensoriais articulam-se a uma memória vivida que atravessa a experiência de pesquisa, conferindo-lhe densidade interpretativa sem comprometer o rigor analítico.

Chegar a Abaíra significou, portanto, mais do que um deslocamento físico em direção ao local da investigação. Representou um retorno simbólico a um universo que, embora pouco familiar em seus aspectos urbanos, carregava traços de minha infância em Jussiape, município vizinho igualmente enraizado na tradição da cachaça. A viagem etnográfica configurou-se, assim, como travessia múltipla: geográfica, memorial e epistemológica, na qual reencontro e descoberta, pertencimento e estranhamento, afetividade e análise se entrelaçam no próprio gesto de pesquisar.

3.2 Primeiras Impressões da Cidade da Cachaça

As primeiras impressões de Abaíra, vivenciadas nos dias que antecedem e inauguram o Festival da Cachaça, revelam uma cidade submetida a um regime temporal e espacial distinto daquele que organiza o cotidiano ordinário. A intensificação dos fluxos de pessoas, a reorganização dos espaços urbanos e a suspensão parcial das rotinas habituais produzem uma ambiência singular, na qual o lugar passa a ser experimentado sob novas disposições sensíveis e relacionais. Nesse contexto, a cidade deixa de ser apenas cenário para se converter em experiência compartilhada, marcada pela expectativa, pela circulação e pelo encontro.

Essa transformação pode ser compreendida à luz das contribuições de Victor Turner (1974), para quem determinados eventos coletivos instauram estados de liminaridade nos quais as estruturas sociais se flexibilizam e os sujeitos transitam entre posições, papéis e pertencimentos. Tais momentos não se caracterizam pela ausência de ordem, mas pela emergência de uma organização provisória, capaz de reconfigurar relações, percepções e hierarquias. No caso do festival, essa condição liminar manifesta-se na própria cidade, que se abre a usos, apropriações e significações temporariamente deslocadas de seu funcionamento habitual.

É nesse estado intermediário que Abaíra se apresenta aos visitantes e aos próprios moradores, permitindo que as primeiras impressões da cidade sejam atravessadas por intensidades e ambiguidades específicas. Ruas, praças e edificações passam a assumir funções ampliadas, enquanto gestos, falas e práticas ordinárias se reorganizam em torno de uma experiência coletiva temporária.

Essas percepções iniciais não se esgotam em registros superficiais do ambiente urbano, constituindo antes um ponto de partida privilegiado para compreender como o festival media a relação entre espaço vivido e formas de pertencimento que se atualizam ao longo da celebração.

A chegada ao espaço urbano de Abaíra, já ornamentado e bem iluminado, impregnado pelas expectativas do festival, marca um momento decisivo da experiência etnográfica. Se a viagem revelava a preparação simbólica da memória e do pertencimento, o primeiro contato com a cidade em festa permitiu observar como o cotidiano se reorganiza para acolher a celebração. O ambiente urbano, nesse contexto, apresenta-se não apenas como cenário físico, mas como lugar em que tradições, sociabilidades e práticas culturais se articulam em torno das comemorações.

Foi nesse quadro que, ao despertar em uma manhã de 21 de setembro de 2023, percebi a cidade já pulsando com os preparativos do XVIII Festival da Cachaça. Da pousada em que

estava hospedado, a claridade do sol delineava o cenário urbano, enquanto carros de som percorriam as ruas trazendo informações importantes para a nova configuração de vida local naqueles dias.

O primeiro aviso orientava os moradores a retirar veículos das áreas destinadas ao evento e das vias próximas, de grande movimentação, sinalizando a interdição do tráfego. A repetição da mensagem ao longo da manhã, em diferentes pontos da cidade, evidenciava a preocupação da comissão organizadora com a logística e a mobilidade, condições indispensáveis para garantir a circulação de pessoas e a segurança coletiva.

Em seguida, um novo veículo de som, desta vez da Polícia Civil, reforçava recomendações de cuidado com objetos pessoais, como celulares, documentos e dinheiro. Essa ação preventiva refletia o empenho das autoridades em assegurar a ordem pública durante os dias de intensa aglomeração, quando pequenos delitos poderiam ocorrer.

Munido de um caderno, uma caneta e um celular, instrumentos essenciais para anotações, registros fotográficos e gravações, dirigi-me ao epicentro do festival: a praça Francisco Pereira. Mais do que um ponto de referência urbana, esse espaço concentra a vitalidade simbólica da celebração, articulando práticas tradicionais, circulação comercial e encontros cotidianos que se intensificam durante os festejos. A praça se impõe, assim, como lugar privilegiado de observação das dinâmicas e objetos que estruturam a experiência festiva.

Ao percorrer as ruas que conduzem a esse núcleo, fui absorvido pela movimentação característica de uma pequena cidade em plena efervescência. Pessoas de diferentes idades transitavam pelas vias estreitas e sinuosas, enquanto os estabelecimentos comerciais abertos e as atividades informais revelavam aspectos centrais da economia local e dos hábitos que organizam a vida cotidiana.

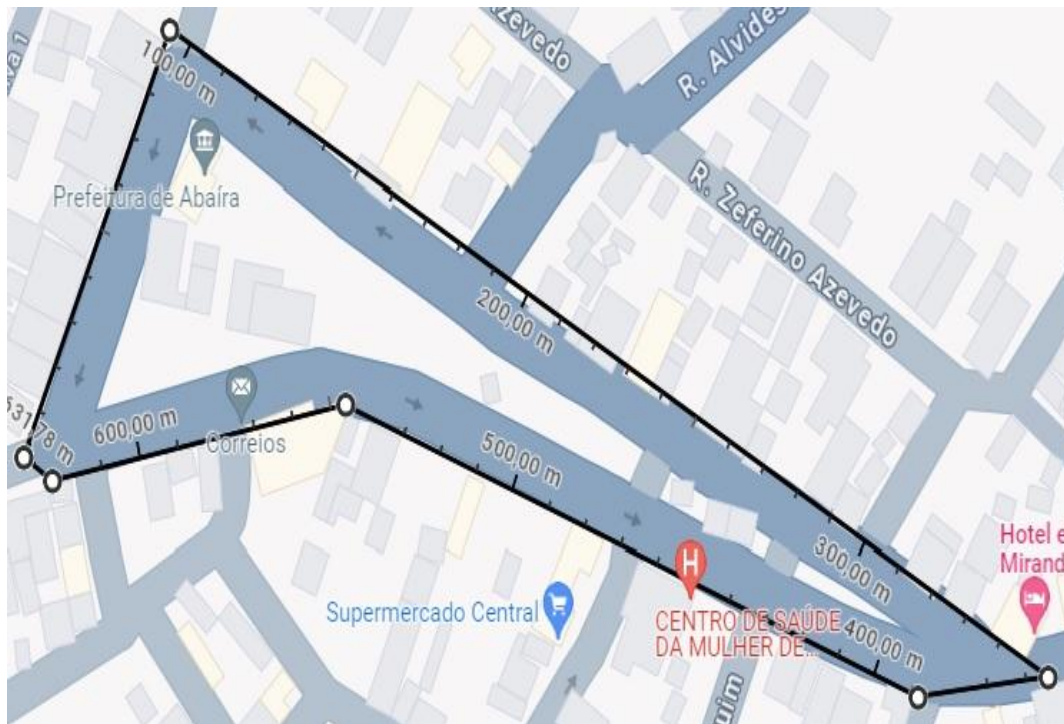
Essas cenas iniciais, observadas no percurso até a praça, delineiam o cenário no qual se inscrevem os principais lugares de memória do festival, preparando o olhar para a análise dos espaços e monumentos que concentram e materializam os sentidos simbólicos da festa.

3.2.1 Lugares de Memória: Praça e Monumentos

A praça Francisco Pereira assume, durante o XVIII Festival da Cachaça em Abaíra, papel central na organização das práticas, dos encontros e das narrativas que estruturam a experiência festiva. Com aproximadamente 10.000 m², esse espaço urbano concentra fluxos, performances e interações que o convertem em ponto de convergência da vida social no período do evento. Mais do que uma área física destinada à circulação e ao lazer, a praça se configura

como lugar no qual memórias individuais e coletivas se articulam, permitindo que a história local seja continuamente evocada e atualizada no curso das relações ali estabelecidas. A representação cartográfica da cidade e de sua praça central, apresentada a seguir, contribui para visualizar a centralidade desse espaço na dinâmica comunitária.

Figura 02 – Praça Francisco Pereira em Abaíra – BA



Fonte: *Google Maps* (2024)

O conjunto arquitetônico que circunda a praça é marcado por edificações em estilo colonial brasileiro, reconhecíveis pelas amplas aberturas, portas e janelas em madeira, características que, conforme observa Vasconcellos (1979), favorecem a ventilação cruzada e a iluminação natural. Essa configuração não se limita a um traço estético, mas constitui um registro material de longa duração, no qual distintas temporalidades se sobrepõem. O ambiente construído estabelece, assim, um diálogo silencioso entre práticas herdadas e usos contemporâneos, integrando a dimensão histórica às dinâmicas atuais da vida urbana.

O calçamento em paralelepípedos, cuidadosamente preservado, reforça essa continuidade ao inscrever no espaço urbano marcas sensíveis da passagem do tempo. Mais do que elemento funcional ou ornamental, a superfície irregular das pedras evoca trajetórias, deslocamentos e permanências que atravessam gerações, conferindo ao lugar uma densidade simbólica particular. Nesse plano material, o espaço se afirma como suporte de pertencimento, no qual a memória não é apenas evocada, mas vivenciada no contato cotidiano com a paisagem.

Figura 03 – Arquitetura presente na Praça Francisco Pereira em Abaíra – BA



Fonte: Autoria própria (2023)

Nesse contexto, a paisagem urbana pode ser compreendida como resultado da interação contínua entre formas construídas e práticas sociais, constituindo um campo privilegiado para observar as relações entre sujeitos e ambiente. A praça, longe de operar como simples cenário, integra ativamente a vida social, cultural e econômica da comunidade, sendo permanentemente reconfigurada pelos usos que nela se inscrevem.

A fotografia apresentada a seguir exemplifica essa dinâmica ao registrar um dos estabelecimentos comerciais do entorno, cuja presença evidencia a articulação entre a tradição arquitetônica local e as práticas cotidianas de consumo que atravessam o espaço festivo.

Figura 04 – Arquitetura de estabelecimento comercial na praça Francisco Pereira em Abaíra – BA



Fonte: Autoria própria (2023)

As edificações e os espaços públicos, entrelaçados às práticas sociais cotidianas, constituem um acervo expressivo de informações sobre a vida urbana, no qual passado e presente se articulam de modo contínuo. Esse tecido material pode ser lido como uma malha simbólica que revela tanto transformações arquitetônicas e funcionais quanto as dinâmicas sociais que contribuíram para sua conformação.

A observação atenta desse conjunto permite apreender como memória e cotidiano se inscrevem na própria materialidade da cidade, conferindo densidade histórica às experiências ordinárias.

O reconhecimento desses espaços como patrimônio cultural amplia essa compreensão ao evidenciar a inseparabilidade entre materialidade e simbolismo. A paisagem urbana não apenas abriga práticas sociais, mas é permanentemente redefinida por elas, tornando-se expressão sensível das relações comunitárias e dos sentidos atribuídos ao ambiente vivido. Nessa perspectiva, como observa Meneses (2004),

A cidade passa, assim, a ser vista como construção histórico cultural, como patrimônio de seus moradores, como espaço de memória. A cidade enfim é monumento e é documento [...] ela é o lócus continuum de cultura, onde natureza, construção material, símbolos e significados e representações se constroem em diversidade e em harmonia. (Meneses, 2004, p.86-87).

Sob esse enfoque, o espaço urbano ultrapassa sua função de suporte físico e converte-se em reservatório dinâmico de herança cultural. Nele coexistem grandes narrativas históricas e memórias do cotidiano, inscritas em rituais, celebrações e interações que se desenrolam em praças, ruas e residências. Essas experiências tecem continuamente a trama da vida urbana, fazendo da cidade um documento vivo, capaz de registrar e expressar transformações sociais, políticas e culturais ao longo do tempo.

Cada geração imprime suas marcas nesse processo, contribuindo para a permanente reinvenção da coletividade e consolidando o espaço como patrimônio identitário de seus habitantes. É nesse movimento que tradições comunitárias se formam e se transformam, alimentadas por expressões materiais e imateriais que compõem o *ethos* local. A transmissão intergeracional de saberes, práticas e rituais sustenta essa continuidade, permitindo que a cultura se enraíze no cotidiano e produza lugares significativos, fundamentais para a renovação das identidades sociais e para o fortalecimento dos vínculos de pertencimento.

No contexto urbano, essa incorporação do patrimônio cultural confere aos espaços comuns uma densidade simbólica que os converte em lugares de referência coletiva. Praças que abrigam monumentos ou intervenções artísticas ultrapassam a função estética ou histórica para se afirmarem como centros de convivência, celebração e reconhecimento mútuo. Murais, esculturas e ornamentos atuam como suportes sensíveis da memória social, preservando tradições e reativando narrativas que estruturam a identidade local. Como observa Gastal (2002, p. 77),

[...] as diferentes memórias estão presentes no tecido urbano, transformando espaços em lugares únicos e com forte apelo afetivo para quem neles vive ou para quem os visitam. Lugares que não apenas têm memória, mas que para grupos significativos da sociedade, transformam-se em verdadeiros lugares de memória.

A familiaridade com esses símbolos ativa sentimentos de integração e reconhecimento, produzindo significados singulares que articulam experiência individual e memória coletiva. Nesse sentido, a cidade se constitui a partir de seu patrimônio cultural, assim como a sociedade se ancora nas formas pelas quais preserva e atualiza sua memória. Em Abaíra, essa relação

manifesta-se de modo particularmente intenso: a cultura da cachaça permeia ruas, praças, residências e estabelecimentos, extrapolando a esfera econômica para inscrever-se nas práticas sociais e nas formas de celebração que estruturam a vida coletiva.

Durante o Festival da Cachaça, essa relação manifesta-se de forma particularmente visível na transformação estética e simbólica da praça Francisco Pereira, espaço que abriga tanto a matriz da Igreja Católica quanto a feira livre¹³ semanal. Frequentado cotidianamente por diferentes gerações, gêneros e credos, o ambiente passa a ser marcado por elementos visuais que evocam a cana-de-açúcar, os engenhos de madeira, as garrafas e os tonéis. Esses recursos visuais não apenas reconfiguram a paisagem urbana, mas reafirmam a centralidade da cachaça como eixo de coesão comunitária e de expressão identitária.

Nesse período, a intervenção estética da praça ultrapassa o caráter decorativo e assume função simbólica mais ampla. Monumentos permanentes, como o engenho e o carro de boi, recebem cuidados específicos e maior destaque, tornando-se referências visuais ainda mais expressivas no contexto festivo. Ao serem realçados, esses elementos passam a operar como mediadores entre passado e presente, atualizando a tradição da produção da cachaça e ressaltando sua relevância no cenário contemporâneo da cidade.

¹³ A feira-livre no Brasil tem origens profundas nas práticas comerciais coloniais, quando as trocas e o comércio de produtos locais eram organizados de forma itinerante, geralmente em praças públicas. Ao longo dos séculos, as feiras livres se consolidaram como um ponto importante de encontro entre os produtores rurais e os consumidores urbanos. Em cidades pequenas, especialmente no interior, essas feiras são fundamentais para a economia local, pois oferecem uma variedade de produtos frescos e produzidos sem o uso ou excesso de agrotóxicos, provenientes da agricultura familiar, como frutas, verduras e alimentos artesanais, diretamente dos produtores para os consumidores. Geralmente, as feiras acontecem em praças centrais, ruas movimentadas ou espaços públicos abertos, locais de fácil acesso para os moradores. (Godoy; Sacco dos Anjos; Caldas, 2005; Vedana, 2004; Mascarenhas, 2005).

Figura 05 – Obras artísticas expostas na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

As Figuras 5 e 6 apresentam obras de artistas locais que, por meio de uma abordagem estética marcada pela criatividade, reinterpretam símbolos da comunidade em distintos contextos culturais. Em uma das composições, sobressai a figura feminina portando uma peneira artesanal confeccionada em palha, objeto associado a ofícios tradicionais da região, como a separação manual da palha seca do feijão ou do milho após a colheita. A presença desse elemento remete a práticas cotidianas historicamente transmitidas, integrando trabalho, memória e representação artística.

Outros objetos, como a bandeja de palha utilizada para acomodar garrafas de cachaça e o violão, instrumento recorrente nos reisados e celebrações religiosas, reforçam o enraizamento dessas imagens na cultura popular local. A figura feminina ornamentada com fibras e folhas vegetais destaca uma estética construída a partir de materiais naturais característicos do território, valorizando saberes, sensibilidades e formas de beleza associadas ao universo social da comunidade.

Figura 06 – Obra artística exposta na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

A Figura 07 apresenta a escultura de um jegue selado, transportando um tonel de madeira, imagem que remete a práticas cotidianas profundamente enraizadas na vida das comunidades do interior. O uso desse animal como meio de transporte de cargas permanece recorrente em contextos nos quais o acesso a veículos motorizados é limitado, constituindo uma solução funcional para o deslocamento de produtos e mantimentos. O recipiente de madeira fixado ao dorso do jegue evoca circuitos locais de circulação, associados tanto às atividades laborais quanto às idas às feiras, integrando trabalho, economia doméstica e sociabilidade.

Essa representação artística condensa aspectos centrais de um modo de vida sustentado por estratégias de subsistência adaptadas ao contexto rural, revelando formas de organização social baseadas na funcionalidade, na criatividade e no conhecimento prático do território. Ao tratar essa cena com sensibilidade estética, a obra valoriza o animal não apenas como

instrumento de trabalho, mas como elemento constitutivo de sistemas culturais e econômicos que estruturam a experiência cotidiana dessas populações.

Trata-se, assim, de uma manifestação visual que ressignifica práticas tradicionais frequentemente marginalizadas pelos discursos hegemônicos da modernidade, reinscrevendo-as como expressões legítimas de saber e pertencimento.

Figura 07 – Obra artística exposta na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

A Figura 08 introduz um elemento visual que contrasta com o conjunto das obras anteriores ao representar uma cena marcada pela presença da modernidade. A escultura retrata uma Kombi, veículo tradicionalmente associado ao transporte de passageiros, aqui reinterpretado como meio motorizado para a circulação de mercadorias, especificamente da cachaça, produto de centralidade econômica e simbólica na região. A opção estética por destacar apenas a parte frontal do veículo, com a traseira substituída por uma carroceria aberta carregada de garrafas, acentua a adaptação funcional do objeto e sua inserção no universo produtivo local.

Essa composição evidencia a incorporação de tecnologias contemporâneas aos sistemas tradicionais de transporte, revelando uma reconfiguração nas formas de circulação dos bens regionais. Em diálogo com representações fortemente vinculadas ao imaginário rural, como o jegue, os instrumentos artesanais e as figuras humanas associadas aos ofícios manuais, a imagem da Kombi aponta para um cotidiano em transformação. A obra amplia, assim, o campo de representação da cultura local ao registrar, de maneira simbólica, a convivência entre permanências históricas e soluções modernas, expressando os modos pelos quais a tradição se atualiza sem se dissolver.

Figura 08 – Obras artísticas expostas na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

Além dos marcos fixos, obras temporárias, esculturas, arranjos e ornamentos inspirados na cana-de-açúcar e no universo da cachaça são distribuídos pela praça, ampliando a dimensão estética e simbólica do espaço. Esses elementos transitórios dialogam com os monumentos permanentes, compondo um cenário que mobiliza memórias afetivas e projeta para o presente a herança cultural da comunidade. A ornamentação, nesse contexto, atua como expressão da identidade coletiva e como mecanismo de ativação da memória social.

Os monumentos presentes em Abaíra exercem a função de arquivos do tempo ao condensarem valores, práticas e saberes associados à história local. Embora cada construção carregue significados compartilhados em diferentes contextos culturais, seus sentidos se definem de maneira situada, ancorados nas experiências e narrativas da comunidade. Ao remeterem à cachaça e ao trabalho artesanal, esses símbolos celebram o esforço coletivo e tornam-se referências que auxiliam os moradores a se orientarem em sua própria trajetória histórica, funcionando como âncoras identitárias.

Essa leitura aproxima-se das formulações de Milton Santos (2004), para quem o espaço constitui um testemunho durável das dinâmicas sociais, resistindo, adaptando-se e transformando-se conforme os usos que nele se inscrevem. De modo convergente, Jacques Le Goff (1990) compreende o monumento como suporte material da memória, capaz de evocar o passado e perpetuar recordações coletivas. Nesse sentido, os monumentos não apenas registram a história, mas desempenham função formadora ao transmitir, entre gerações, conhecimentos sobre práticas e valores que estruturam a vida comunitária.

Tal compreensão dialoga ainda com a noção de lugares de memória proposta por Pierre Nora (1993), segundo a qual a memória se ancora em espaços investidos de sentido simbólico. Em Abaíra, monumentos permanentes e ornamentos festivos coexistem como guardiões da identidade coletiva, preservando tradições ao mesmo tempo em que se adaptam às transformações sociais contemporâneas.

Nesse horizonte interpretativo, a praça Francisco Pereira não apenas concentra a memória coletiva, mas irradia sentidos que se expandem para além de seus limites imediatos. O diálogo entre permanência e efemeridade, materialidade e lembrança, prolonga-se pelas ruas, fachadas e ornamentos transitórios que revitalizam o cotidiano urbano durante os dias do festival. Assim, a festa ultrapassa o marco arquitetônico da praça e inscreve-se na própria cidade, convertida em cenário vivo de experiências compartilhadas.

É nesse desdobramento que se afirma a dimensão estética do evento, na qual cores, formas e aromas reativam memórias e convocam afetos. Essa tessitura visual e sensorial prepara o olhar para a análise seguinte, dedicada às manifestações artísticas que se espalham pelo espaço urbano e transformam Abaíra em uma tela coletiva de recordações e identidades em construção.

3.2.2 Cores, Formas, Aromas e Memórias: A Arte Expressa pela Cidade

Se a praça Francisco Pereira se apresenta como o núcleo simbólico do festival, é pelas ruas adjacentes e pelos detalhes ornamentais que se revela sua dimensão sensorial. Durante os festejos, a cidade converte-se em uma superfície viva, marcada por cores intensas, formas cuidadosamente elaboradas e aromas que evocam a cana-de-açúcar, seus derivados e a culinária local. Essa estética não se restringe à decoração: ela mobiliza afetos, atualiza memórias e transforma o espaço urbano em experiência partilhada de pertencimento e identidade.

A arte exposta, seja por meio de painéis, arranjos temáticos ou enfeites confeccionados pela própria comunidade, não constitui apenas adorno, mas linguagem simbólica que comunica valores e tradições. Cada detalhe atua como signo que remete a práticas cotidianas e ao saber-fazer artesanal, inscrevendo na paisagem urbana a história e a resistência de uma cultura vinculada à produção de cachaça. Nesse contexto, cores, formas e cheiros não são elementos acessórios, mas protagonistas na construção de um ambiente que envolve, sensibiliza e integra os participantes.

Ao adentrar a praça central, fui imediatamente envolvido pela intensidade cromática dos canteiros, ornamentados com cerâmicas em tons de amarelo que reluziam sob a luz do sol. O que poderia parecer um simples arranjo estético revelava-se, na verdade, como manifestação cultural carregada de sentido. Esses ornamentos, dispostos nos espaços públicos, funcionavam como mediadores simbólicos entre arte, memória e identidade coletiva, transformando o ambiente em um espaço de evocação sensível e partilhada.

Os monumentos que se erguem na praça não apenas celebram a cachaça, mas narram visualmente as etapas de sua produção, desde a cana até o destilado. Dessa forma, o espaço transcende sua função de ponto de encontro físico e se converte em cenário reflexivo, no qual se evidencia a interdependência entre cultura e economia que caracteriza a região. Cada detalhe ornamental, longe de ser adereço, torna-se convite à contemplação das práticas que sustentam a vida comunitária.

Enquanto observava o movimento de moradores, conterrâneos que retornavam para o festival e visitantes atraídos pela curiosidade ou pela atratividade da festa, notei como se estabelecia uma comunicação silenciosa entre pessoas e espaço. O diálogo entre corpos e paisagem não se limitava ao olhar, mas se desdobrava em gestos, fotografias, toques e pausas diante dos monumentos. Essa interação, quase ritual, tecia uma narrativa coletiva de pertencimento, tradição e transformação, inscrevendo-se no cotidiano como experiência estética e identitária.

Halbwachs destaca como a memória é reconstruída a partir dessas interações entre o espaço físico e social, ao comentar que,

quando voltamos a uma cidade em que já havíamos estado, o que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro de que muitas partes foram esquecidas. Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções no presente. É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos. (Halbwachs, 1990, p. 16).

Essa formulação oferece um aporte decisivo para compreender a relação entre os monumentos da praça e os sujeitos que os contemplam.

O que se vive no presente não substitui o passado, mas o reconfigura, produzindo um tecido complexo de significados em constante atualização. Esse processo torna-se evidente no modo como moradores, turistas e abaienses retornados se detêm diante das esculturas que remetem à cachaça e às práticas produtivas. O gesto de contemplar não apenas convoca recordações anteriores, mas inscreve nelas novos sentidos, fruto do contexto festivo que reanima a praça.

Há uma beleza intrínseca nessa troca não verbal, na forma como cada gesto, cada olhar lançado aos monumentos, reflete uma profunda conexão com a história e os valores da comunidade. É como se, nesse breve momento de contemplação, as fronteiras entre o passado e o presente se esvaecessem, permitindo que uma conversa ancestral ecoasse pelas gerações. Os monumentos, em sua imponência silente, não são meros objetos estáticos, mas sim portadores de histórias, emblemas de uma identidade coletiva que se renova e se afirma diante dos olhos de todos.

Halbwachs (1990) enfatiza que a memória não se sustenta isoladamente, mas se ancora no contexto social que lhe dá forma e legitimidade. Ao recordar, apoiamo-nos não apenas em nossas próprias experiências, mas também nas lembranças partilhadas por outros, de modo que a evocação se fortalece como se fosse confirmada por múltiplas vozes:

Nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomendada, não somente pela mesma pessoa, mais por várias (Halbwachs, 1990, p. 25).

Essa perspectiva evidencia que nossas recordações são constantemente moldadas por valores, normas e narrativas coletivas, ultrapassando a esfera do vivido individual. Na convivência entre visitantes e moradores, no diálogo entre as obras expostas e a vida cotidiana,

percebe-se como o tecido cultural é absorvido, experimentado e celebrado. Cada gesto de apreciação estética ou de reconhecimento de tradições se integra a essa rede simbólica, onde lembranças pessoais e memórias comunitárias se entrelaçam e se atualizam no fluxo da vida urbana.

Entre os monumentos que atraem a atenção na praça, conforme demonstrado nas imagens de 9 a 12 a seguir, destacam-se um carro de boi em madeira acompanhado de seu condutor, além de um engenho igualmente construído de forma artesanal, movido por tração animal, evocando as primeiras formas de produção de cachaça na região. A esses se somam um tonel que remete aos barris de armazenamento e uma imponente garrafa de cachaça, da qual jorra água em fluxo contínuo, símbolos que reforçam a vitalidade do destilado na vida comunitária.

Figura 09 – Monumento representando uma Garrafa de Cachaça exposto na Praça Francisco Pereira em Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 10 – Monumento representando um engenho movido a tração animal exposto na Praça Francisco Pereira em Abaíra



Fonte: Aventuras na Chapada Diamantina (2012)

Figura 11 – Monumento representando um tonel de armazenamento de cachaça exposto na Praça Francisco Pereira em Abaíra



Fonte: Portal Gazeta do Vale (2024)

Figura 12 – Monumento representando um carro de boi exposto na Praça Francisco Pereira em Abaíra



Fonte: Férias Tur Brasil (2024)

Essas expressões artísticas não apenas materializam etapas fundamentais do processo produtivo, mas também reforçam a permanência da cachaça como eixo de pertencimento. Ao mesmo tempo em que remetem a práticas ancestrais, projetam a continuidade dessa herança cultural para o futuro, compondo uma narrativa visual que celebra trabalho e pertencimento.

Dessa forma, a praça ultrapassa sua função habitual de espaço de circulação e sociabilidade para se constituir em verdadeiro arquivo vivo de culturas. Nesse lugar, significados e lembranças são constantemente inscritos e reinscritos pelas celebrações e por outras práticas cotidianas, fazendo da praça um ambiente dinâmico de memórias. Cada detalhe arquitetônico ou instalação, seja duradouro ou passageiro, ajuda a narrar a identidade do grupo, com destaque para a produção cachaceira, que representa um símbolo de continuidade, força e reinvenção.

Na busca por um local para refeição, deparei-me com um estabelecimento situado em frente à praça. Identificado como uma pizzaria, este lugar não se limitava à oferta convencional, expandindo seu cardápio para incluir uma ampla gama de opções gastronômicas. Notavelmente, um anúncio manuscrito informava que o estabelecimento também serviria almoço e jantar. Esse detalhe capturou minha atenção, revelando-se como um reflexo das estratégias de adaptação comercial e a diversificação dos serviços adotados pelos negócios

locais em resposta às necessidades sociais e econômicas emergentes, especialmente durante a realização de comemorações significativas para a comunidade, como o festival.

Essa postura evidencia como o evento reconfigura temporariamente as práticas comerciais, produzindo um ambiente propício à experimentação e à inovação. Ao alinhar-se às exigências da ocasião, os estabelecimentos não apenas respondem ao aumento do fluxo de consumidores, mas também participam ativamente da afirmação da identidade local, inscrevendo-se no processo de construção coletiva do festival.

Ao aproximar-me do balcão, fui atendido por duas funcionárias que, ao oferecerem o cardápio, revelaram outra dimensão dessa adaptação: os preços haviam sido ajustados manualmente, sinal de uma reação ágil ao aumento do fluxo de clientes. Essa prática, recorrente em contextos de grandes eventos, reflete a tentativa de equilibrar oferta e demanda, evidenciando como o ritmo extraordinário do festival impõe novas lógicas temporárias ao comércio. Ao destacar a recente inclusão de refeições completas no cardápio, a atendente reforçou que tal expansão não era mera resposta contingente, mas fruto de um entrelaçamento entre necessidades econômicas e práticas culturais que orientam a vida da comunidade.

Ao registrar meu pedido, a atendente fez questão de ressaltar que, além das pizzas e lanches tradicionais, o estabelecimento havia incorporado recentemente outras refeições completas, como almoço e jantar. Essa expansão, mais do que uma reação imediata ao crescimento do consumo, expressava uma sintonia entre a logística e tradições locais, revelando a capacidade de articular necessidades cotidianas com a excepcionalidade do festival.

Esse episódio evidencia de forma clara a interconexão entre cultura, economia e sociabilidade em um contexto comunitário. A flexibilidade do comércio, traduzida na adaptação de cardápios e serviços, ilustra como eventos festivos funcionam como catalisadores de inovação em pequenas cidades, abrindo possibilidades de crescimento ao mesmo tempo em que reforçam vínculos de pertencimento. A resiliência dos comerciantes locais, que reconhecem e respondem às expectativas da população, reflete não apenas estratégias de sobrevivência, mas um entendimento profundo das práticas sociais que sustentam a vida coletiva em Abaíra.

Ao acomodar-me à mesa da pizzaria, deparei-me com um grande quadro exposto de forma central na parede, cuja força simbólica ultrapassava a simples função decorativa. A obra, posicionada de forma proeminente, oferecia uma representação pictórica de uma paisagem rural, característica da região, destacando plantações de cana-de-açúcar e figuras humanas envolvidas no trabalho agrícola, compondo um cenário que condensava de modo expressivo a identidade cultural e socioeconômica de Abaíra.

No centro da pintura, um engenho de madeira operado por bois ocupava posição de destaque, evocando de imediato as práticas tradicionais de produção da cachaça. A escolha de privilegiar o engenho arcaico, mesmo em um contexto em que maquinários modernos de ferro movidos a eletricidade já são comuns, revela a permanência de um imaginário coletivo que valoriza a herança artesanal.

A cena retrata ainda trabalhadores em plena atividade, conectando o observador não apenas ao processo produtivo, mas também a uma temporalidade marcada por vínculos comunitários e pela manualidade do ofício. As pastagens representadas ao fundo, por sua vez, remetem à criação de animais, outra prática recorrente na região, sugerindo a complementaridade entre agricultura e pecuária.

Essa interdependência revela uma sabedoria ecológica construída ao longo do tempo: resíduos da cana alimentam o gado, e a criação animal integra-se ao ciclo produtivo, compondo um sistema de aproveitamento integral dos recursos. Nessa perspectiva, a pintura não apenas ilustra, mas celebra uma racionalidade econômica e sustentável local, que alia memória, identidade e sustentabilidade.

A pintura não se restringia ao papel de ornamento, mas emergia como expressão artística da vida cotidiana e do trabalho dos habitantes de Abaíra, sobretudo no que concerne à produção de sua célebre cachaça. Ao transpor para a tela práticas agrícolas e processos produtivos, a arte se entrelaçava à etnografia, oferecendo ao observador uma via de acesso sensível ao universo simbólico, econômico e social da comunidade. O fato de estar exposta em uma pizzaria, espaço associado ao lazer e ao consumo, revelava ainda como a cultura local permeia diferentes dimensões da vida, inscrevendo-se tanto nos rituais festivos quanto a outros cenários.

Durante a espera no balcão para efetuar o pagamento, outro detalhe chamou minha atenção: uma prateleira de madeira, cuidadosamente posicionada na parede. Embora concebida para armazenar garrafas e recipientes variados, o móvel trazia um elemento singular, uma peça esculpida em forma de tonel, remetendo ao armazenamento tradicional da cachaça. Esse objeto, à primeira vista funcional, assumia valor simbólico, evocando diretamente a produção artesanal que sustenta a identidade local.

Mais do que um adorno sem intenção, o tonel em miniatura funcionava como marcador cultural, reafirmando o orgulho coletivo em torno da Cachaça Abaíra. A bebida, nesse contexto, ultrapassa a condição de simples produto alcoólico: converte-se em emblema de pertencimento, em sinal tangível de uma história que se projeta no presente e continua a modelar a memória e a sociabilidade da comunidade.

Nesse percurso reflexivo, recordo a presença recorrente de um artefato específico nas residências da região: engenhos de madeira em miniatura, acompanhados de bois em ação de trabalho. Dispostos sobre armários de sala, esses objetos apareciam mesmo em casas de famílias sem vínculo direto com a produção da cachaça, evidenciando que seu valor ultrapassa a dimensão econômica, assumindo caráter simbólico e identitário. Entre minhas lembranças, destaco o de um tio que, embora não estivesse ligado à fabricação da bebida, mantinha orgulhosamente um desses engenhos como peça central de sua casa (Figura 13).

Figura 13 – Miniatura de engenho de madeira com uma junta de bois



Fonte: Autoria própria (2023)

Após sua morte e a mudança da família para outra cidade, o engenho foi levado junto, preservado como herança afetiva. O gesto não apenas conservava a memória do parente falecido, mas assegurava também a continuidade de um elo cultural, transportando consigo uma materialidade que sustentava vínculos emocionais e reafirmava a pertença às tradições da microrregião.

Ao contemplar tanto o artesanato em miniatura quanto a pintura observada na pizzaria, torna-se evidente que essas expressões artísticas carregam uma densidade simbólica que transcende a mera estética. Cada forma, cor e textura condensa narrativas complexas sobre a história e a identidade da comunidade, funcionando como veículo de recordações e de transmissão cultural.

Esses artefatos, longe de serem objetos inertes, atuam como guardiões de memórias, testemunhas silenciosas de valores, crenças e práticas que resistem ao esquecimento. Ao mesmo

tempo em que adornam os espaços, alimentam a coesão social, fortalecem laços comunitários. Nesse sentido, são mais do que simples ornamentos, constituem-se em mediadores de continuidade cultural, pontes entre passado e presente, memória e vivência.

Assim, ao inscreverem sentidos que ultrapassam a simples função ornamental, esses elementos visuais aproximam a festa de uma linguagem artística que conserva e reinventa memórias. Eles preparam o terreno para compreender como a arte, em Abaíra, não apenas embeleza o espaço, mas sustenta e projeta no presente um repertório de lembranças coletivas. É nessa interseção que se abre o diálogo com a próxima reflexão, voltada especificamente à relação entre arte e memória.

3.2.2.1 Arte e Memória

A relação entre arte e memória em Abaíra constitui um campo privilegiado para compreender como práticas culturais se inscrevem no cotidiano e como o passado é continuamente reatualizado na vida comunitária. As manifestações artísticas, presentes tanto nos espaços públicos quanto nos ambientes privados, não cumprem apenas a função estética, mas operam como pontes simbólicas de lembranças coletivas, transformando-se em suportes materiais da identidade social. Como assinala Pierre Nora (1993), certos objetos e lugares atuam como lugares de memória, condensando histórias e emoções que atravessam gerações.

Nesse sentido, observar as obras artísticas nos mais diversos ambientes, seja no engenho de madeira exposto nas residências, nos monumentos da praça central ou nas ornamentações temporárias do festival, significa adentrar um universo em que o estético se entrelaça ao etnográfico. Cada objeto, ao mesmo tempo em que embeleza, comunica narrativas de pertencimento, evocando práticas ligadas à cana-de-açúcar e à produção de cachaça, que se tornaram marcas indeléveis da região. Mais do que ilustrações de um passado remoto, essas expressões revelam uma memória ativa, permanentemente mobilizada pelos sujeitos em sua relação com o espaço vivido.

A arte, portanto, emerge como arquivo vivo, onde lembranças individuais encontram ressonância coletiva. Como destaca Maurice Halbwachs (1990), a memória não se constitui isoladamente, mas no interior de quadros sociais que lhe dão forma e consistência. Na região, esses quadros são visíveis nas obras e artefatos que circulam entre casas, comércio e praças, instaurando uma rede de significados que conecta o presente às experiências de gerações anteriores. Ao examinar tais manifestações, torna-se evidente que a arte não é apenas um

ornamento periférico, mas um eixo estruturante da memória comunitária e da identidade cultural.

Enquanto percorria a praça central, Francisco Pereira, fui subitamente envolvido por um aroma intensamente familiar e evocativo: o cheiro do bagaço de cana-de-açúcar. Esse odor, impregnado no ar, não se reduzia a um simples detalhe ambiental; constituía-se como um fio condutor que me transportava para memórias adormecidas do engenho, um verdadeiro lugar de memória no sentido proposto por Pierre Nora (1993). O que poderia ser percebido apenas como resíduo agrícola revelava-se, naquele instante, como vestígio material e simbólico de uma prática ancestral, capaz de despertar lembranças e ressignificá-las no presente.

No espaço expositivo, onde estavam dispostos os equipamentos e utensílios que compõem o processo de produção da cachaça, os odores se misturavam em uma sinfonia sensorial: o perfume adocicado da cana recém-colhida, os odores das moendas e dos ductos por onde flui o caldo, a aspereza do bagaço exposto ao ar e o cheiro ácido do vinhoto resultante da destilação.

Cada nota olfativa evocava fragmentos de experiências ligadas ao trabalho artesanal, às rotinas do engenho e às histórias transmitidas entre gerações. O ambiente se transformava, assim, em um mosaico vivo, no qual memória e prática se entrelaçavam, permitindo compreender a produção da bebida não apenas como atividade econômica, mas como dimensão existencial e afetiva da vida na região.

Esse poder evocativo do aroma demonstra, como assinala Halbwachs (1990), que a memória se reconstrói a partir da interação entre o presente e as lembranças já vividas. O cheiro do bagaço não era apenas um estímulo sensorial: tratava-se de um intermediador simbólico que reativava recordações pessoais e coletivas, convocando tanto a minha experiência de infância nos engenhos quanto a memória social dos habitantes. Nesse encontro entre sensações atuais e reminiscências, o festival convertia-se em palco privilegiado para a reatualização das tradições e para a produção de novos significados culturais.

Guiado pela curiosidade e intensidade dessa fragrância adocicada, aproximei-me de dois estandes cuidadosamente montados na praça, onde grandes quantidades de bagaço estavam dispostas tanto no interior quanto ao redor das estruturas, se estendendo ao longo da praça, como pode ser observado na figura 13. À primeira vista, poderia parecer apenas um simples resíduo agrícola, mas sua presença marcante naquele espaço ultrapassava o sentido funcional: o bagaço se convertia em signo cultural, evocando a memória coletiva da produção artesanal de cachaça.

Assim, o que em outros contextos seria descartado, ali se tornava ornamento simbólico, um lembrete tangível da história econômica e social da região.

Figura 14 – Bagaços de cana-de-açúcar expostos na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

Nas colunas de sustentação desses estandes, feixes de cana sem folhagem eram arrumados de forma intencional, quase cenográfica (Figura 14). O brilho verde dos colmos contrastava com a rusticidade do bagaço espalhado no chão, compondo uma estética híbrida entre celebração e cotidiano agrícola. Além do impacto visual, o odor adocicado da cana fresca permeava o ambiente, criando uma atmosfera sensorial que remetia, de imediato, ao universo do engenho.

A ornamentação, portanto, não se limitava a embelezar os espaços do festival, mas operava como dispositivo mnemônico, reatualizando as práticas da lavoura e da moagem no coração da cidade.

Figura 15 – Estande ornamentado com cana-de-açúcar na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

Esse arranjo estético e olfativo intensificava em mim lembranças afetivas ligadas à infância, quando acompanhava o preparo da cana para ser transportada aos engenhos. Ao caminhar por entre os estandes, tinha a sensação de estar novamente no interior de um canavial, rodeado por cheiros, cores e texturas que atravessavam o tempo. A experiência demonstrava como a cenografia do festival, ao mobilizar elementos materiais do cultivo, convertia-se em um mecanismo de ativação da memória social, colocando em diálogo o passado agrícola e a celebração contemporânea da cachaça.

À medida que prosseguia pelo espaço festivo, novos elementos reforçavam essa imbricação entre estética, memória e prática produtiva. Diversos estandes apresentavam objetos ligados diretamente à cadeia de transformação da cana: engenhos manuais, alambiques de cobre, galões metálicos e tonéis de madeira. Não estavam dispostos como simples mercadorias, mas como artefatos que condensavam séculos de saberes e técnicas artesanais. Cada peça evocava narrativas próprias, funcionando como testemunho material de um fazer transmitido de geração em geração.

O engenho manual, com suas engrenagens robustas, trazia à lembrança os primeiros esforços coletivos para transformar a cana em caldo, remetendo a um tempo em que a produção

era essencialmente familiar e comunitária. O alambique, de brilho metálico, insinuava o domínio da destilação, arte que combina paciência, cálculo e experiência. Já os tonéis e galões remetiam ao armazenamento e à circulação da bebida, revelando não apenas a dimensão agrícola, mas também a projeção mercantil e simbólica da cachaça.

Nessa configuração, o festival ultrapassava a função de vitrine comercial. Ao exhibir tais utensílios em meio à festa, transformava-os em emblemas culturais, inscritos em uma dramaturgia coletiva que celebrava tanto a materialidade do trabalho quanto os valores que dela emergem. Os estandes se convertiam em verdadeiros museus efêmeros, nos quais o público não apenas contemplava objetos, mas era convidado a reconhecer neles a memória de práticas sociais que moldaram a vida comunitária de Abaíra.

Figura 16 – Utensílios usados na produção da cachaça expostos na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

Continuando meu percurso, deparei-me com uma estrutura que imediatamente capturou minha atenção: uma fornalha tradicionalmente utilizada no processo de fabricação de rapadura, produto profundamente enraizado na cultura derivada da cana-de-açúcar. A princípio, questionei a presença desse elemento em um festival dedicado à cachaça, mas logo compreendi seu valor simbólico.

Figura 17 – Casal envolvido na produção de melaço de cana-de-açúcar em estande na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

A representação da fornalha no festival não evocava apenas um artefato técnico, mas instaurava uma cena de memória viva. Lembro-me de observar o homem, incumbido de alimentar o fogo com lenha, enquanto a mulher, de escumadeira em mãos, revolia lentamente o tacho de caldo em ebulição. Essa coreografia do trabalho rural, repetida por gerações, delineava com clareza a divisão de papéis de gênero que caracteriza a região: aos homens, a lida com a força e a manutenção do fogo; às mulheres, o cuidado com a culinária, onde a cana se transformava em rapadura, melaço ou outros derivados.

Tais gestos, embora cotidianos, carregavam significados que transcendiam a esfera da funcionalidade. O ato de mexer o caldo e o esforço de manter a fornalha acesa constituíam, simultaneamente, trabalho e rito, prática produtiva e expressão cultural. Era nesse entrelaçamento que se inscrevia uma memória coletiva, na qual a divisão de tarefas não se reduzia a uma mera organização prática, mas convertia-se em linguagem simbólica sobre papéis sociais, relações familiares e modos de sociabilidade locais.

Nesse sentido, a fornalha exposta na praça não se configurava apenas como adorno festivo ou evocação nostálgica. Ela funcionava como um verdadeiro “lugar de memória” (Nora, 1993), condensando valores, experiências e saberes compartilhados. O fogo, o tacho, a escumadeira e a lenha tornavam-se mediadores de uma história que não se perde:

se destacava, especialmente a presença marcante de idosos diante de casarões históricos, observando o movimento.

Esse contraste não apenas caracterizava a dinâmica urbana da pequena cidade durante eventos significativos, mas também sublinhava a coexistência de movimento e tranquilidade como elementos fundamentais da experiência festiva.

A arquitetura modesta das residências e estabelecimentos comerciais, juntamente com a culinária caseira, ancorada em ingredientes locais e métodos tradicionais, refletia uma vida simples, distinta das complexidades encontradas em centros urbanos mais desenvolvidos. Tal simplicidade não era meramente circunstancial, mas um elemento intrínseco ao *ethos* da cidade, oferecendo uma janela para as práticas que formam o tecido da comunidade local.

O festival proporcionava um panorama das interações intergeracionais, revelando a integração e a diversidade local. A presença de jovens, famílias e idosos compartilhando espaços públicos destacava a coesão social e a continuidade cultural, particularmente visível durante este período festivo. Essas observações sugerem uma consciência coletiva e uma valorização da tradição e da convivência comunitária que transcendem a rotina diária, especialmente evidenciadas pelo contraste entre o cotidiano da cidade e o ambiente festivo.

No início da noite, por volta das dezoito horas, sentei-me em frente a uma residência localizada na praça Francisco Pereira para conversar com um morador idoso, com aproximadamente oitenta anos de idade, cuja presença ali se confundia com a própria história do lugar. Ao longo de uma conversa prolongada, o interlocutor relatou ter trabalhado durante décadas em um órgão público do governo federal, atividade que exerceu até a aposentadoria, e afirmou residir nas imediações da praça havia mais de cinquenta anos.

Em seu relato, destacou que, durante grande parte desse período, o espaço era marcado por uma rotina tranquila, com maior movimentação restrita aos dias de feira, sem a intensa agitação observada nos dias do festival. Recordou ainda que o evento, em suas primeiras edições, ocorria em outro ponto da cidade, sendo posteriormente transferido para a praça principal, mudança que, segundo ele, contribuiu para a ampliação do público e para a chegada de pessoas “de todo canto” interessadas em participar da celebração.

Ao comentar sua rotina atual, observou que leva uma vida serena, permanecendo mais tempo dentro de casa em razão da idade avançada. A conversa foi interrompida quando alguém o chamou para o interior da residência, momento em que se despediu cordialmente e retornou ao espaço doméstico.

A observação desse encontro, marcado pela escuta atenta de uma memória longa e situada, revelou como a presença dos moradores mais velhos, que acompanhavam com

serenidade a movimentação intensa do festival, opera como uma ponte simbólica entre passado e presente.

Suas narrativas evidenciam uma reflexão implícita sobre as transformações no ritmo, na ocupação e no significado da vida urbana, produzidas pela festividade. Nesse sentido, o evento não apenas reconfigura o espaço físico da cidade, mas instaura uma temporalidade singular, capaz de provocar pausas reflexivas na rotina habitual e de tensionar diferentes experiências geracionais sobre a mesma paisagem urbana.

Assim, ao entrelaçar arte, memória e experiência festiva, o Festival da Cachaça em Abaíra revela-se muito além de uma simples celebração: transforma-se em um espaço de ativação de lembranças, de atualização de tradições e de fortalecimento identitário. Monumentos, estandes, aromas e objetos funcionam como mediadores simbólicos que mantêm viva a herança cultural e reforçam os vínculos de pertencimento comunitário.

Contudo, a compreensão do festival não se limita à dimensão estética ou sensorial; ela se amplia ao adentrarmos seus espaços institucionais, como a Central do Festival, onde memória, organização e sociabilidade se encontram em um ponto estratégico de articulação entre passado e presente.

3.2.3 A Central do Festival: Cruzamento de Histórias e Culturas

Na praça, outro espaço também chamava a atenção é a Central do Festival. Sua estrutura chamava a atenção pela amplitude da fachada, semelhante à de uma grande garagem aberta, ornamentada com plantas que conferiam frescor ao ambiente. Nas laterais, bancos improvisados serviam de assento aos visitantes, compondo um espaço de convivência que conciliava utilidade e acolhimento. Uma pequena rampa conduzia ao interior, revelando um ambiente amplo, organizado em torno de um balcão de atendimento e de salas ao fundo, denotando um planejamento que articulava praticidade e cuidado estético.

Figura 19 – Central do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra, montado na Praça Francisco Pereira



Fonte: Autoria própria (2023)

Mais do que um simples ponto de apoio logístico, a Central do Festival se configurava como um verdadeiro núcleo de articulação cultural. Sua disposição espacial transmitia, ao mesmo tempo, funcionalidade e simbolismo: tratava-se de um lugar de referência tanto para a organização das atividades quanto para a rememoração dos eventos anteriores e preservação do atual.

A partir desse espaço, não apenas se coordenavam tarefas práticas, mas também se produziam sentidos, reafirmando o papel do festival como manifestação de identidade coletiva. Foi nesse cenário que tive a oportunidade de iniciar um contato mais direto com os organizadores, experiência que se revelaria decisiva para a compreensão das engrenagens sociais e culturais que sustentam o festival.

Fui recebido com grande cordialidade pela equipe responsável, cuja hospitalidade expressava mais do que simples formalidade. O entusiasmo em acolher minha presença como pesquisador evidenciava a disposição da comunidade em compartilhar suas histórias e, sobretudo, o orgulho em ver sua cultura documentada e valorizada no âmbito acadêmico. A

atenção dedicada ao meu trabalho, associada ao reconhecimento da relevância da cachaça para a vida social e econômica de Abaíra, mostrava não apenas receptividade, mas também uma clara consciência do valor simbólico e patrimonial do festival.

Durante a conversa, os organizadores explicaram que o principal propósito da Central do Festival, naquele ano, era a montagem de uma exposição dedicada a resgatar a memória das edições anteriores, destacando a relevância da cachaça e sua contribuição para a valorização da região. Essa iniciativa sintonizava-se de maneira direta com o eixo central de minha pesquisa, oferecendo uma oportunidade singular de observar como a memória coletiva é mobilizada para reafirmar identidades e legitimar tradições locais. Ficava evidente, nesse contexto, que o festival operava não apenas como celebração, mas como um dispositivo de preservação cultural e de fortalecimento da coesão comunitária.

Ao apresentar-me a exposição, os organizadores conduziram-me por uma coleção de artefatos visivelmente dispostos que narravam, em formas materiais, a trajetória do festival. Camisetas, canecas, chaveiros e outros objetos, longe de serem apenas *souvenires*, surgiam como registros palpáveis de transformações vividas tanto pelo evento quanto pela comunidade que o acolhe (Figuras 20 e 21). Cada peça se revelava um fragmento de memória coletiva, funcionando como testemunho das mudanças estéticas, sociais e culturais ao longo de quase quatro décadas de celebrações.

Figura 20 – Canecas de argila expostas rememorando a comemoração do I Festival de Cachaça de Abaíra no ano de 1987



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 21 – Canecas, copos e garrafas comercializados em comemoração do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

As camisetas, organizadas em ordem cronológica, permitiam perceber as transformações de estilo, linguagem e design gráfico que acompanharam cada edição, revelando um diálogo constante entre tradição e inovação. De modo semelhante, as canecas expostas apresentavam um percurso simbólico e material: das primeiras versões em argila, moldadas artesanalmente com matéria-prima local, até os exemplares mais recentes em louça e porcelana, evidenciando processos de modernização e adaptação.

Essa transição material refletia, ao mesmo tempo, avanços tecnológicos e mudanças culturais, revelando como a comunidade reelabora suas práticas sem abandonar os vínculos com sua herança artesanal.

Figura 22 – Camisa exposta comemorando as comemorações do V Festival de Cachaça de Abaíra, no ano de 1995



Fonte: Autoria própria (2023)

Uma inovação marcante introduzida naquele ano foi a produção de chaveiros com o emblema do festival, confeccionados em plástico, que simbolizavam uma nova forma de lembrança e circulação da memória do evento. Esses objetos, aparentemente simples, funcionavam como suportes de identidade, prolongando a experiência festiva para além do espaço-tempo da celebração.

A exposição reunia ainda panfletos institucionais da COOPAMA, além de garrafas e tonéis de cachaça disponibilizados para degustação. Tais elementos, ao mesmo tempo informativos e sensoriais, não apenas promoviam o produto local, mas criavam um elo entre o visitante e o universo cultural, econômico e simbólico da cachaça abairense.

Figura 23 – Camisa para ser comercializada em comemoração do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

Ao me preparar para deixar a Central do Festival, os organizadores gentilmente ofereceram uma sala reservada para que eu pudesse conduzir meu trabalho de documentação. Contudo, optei por permanecer na entrada, espaço que me permitia observar com maior nitidez a circulação das pessoas e as dinâmicas sociais em torno do evento. Essa decisão ancorava-se em uma postura etnográfica atenta, que privilegia a observação direta e situada como estratégia fundamental para compreender a experiência cultural em sua complexidade.

Ali, sentado à entrada, recorri ao celular para registrar áudios com impressões imediatas, um recurso que, no trabalho de campo contemporâneo, amplia a possibilidade de capturar a densidade dos acontecimentos no instante em que se dão. Esse tipo de registro, ao lado das anotações em caderno, constitui uma prática essencial, pois assegura tanto a autenticidade quanto a riqueza dos detalhes observados. Anotar e gravar, nesse contexto, não eram apenas técnicas auxiliares, mas formas de mergulhar mais profundamente na trama de interações e significados que se desenrolavam diante de mim, permitindo uma análise posterior mais fiel às vivências experimentadas.

Enquanto registrava minhas observações, minha atenção foi atraída pela figura de um senhor sentado diante da Central, em um espaço que lembrava a garagem aberta de uma

residência. Sua postura serena e o olhar demorado sobre a cena transmitiam um estado de contemplação rara, como se cada detalhe ao redor fosse cuidadosamente apreendido. Seus olhos percorriam o fluxo de pessoas que entravam e saíam, alternando-se entre os movimentos imediatos da Central e a praça ao fundo, como quem navega entre o presente e lembranças distantes. Havia em sua expressão algo de introspectivo, sugerindo que aquele momento de observação se confundia com um exercício de memória, em que cada gesto alheio evocava fragmentos de experiências passadas.

Aquela presença, aparentemente silenciosa e discreta, revelava-se como uma oportunidade etnográfica singular. O modo atento com que ele se relacionava com o espaço e com as pessoas não se limitava a uma curiosidade passageira; tratava-se de um engajamento denso, que revelava vínculos afetivos e históricos entre o indivíduo e o festival. Seu comportamento refletia uma conexão viva, uma espécie de diálogo íntimo entre lembranças pessoais e o espetáculo comunitário em curso.

Essa forma de absorção do ambiente evidenciava a complexidade da experiência individual diante de um evento coletivo. A relação dele com o festival parecia enraizada em vivências anteriores, fazendo dele não apenas um espectador, mas também um depositário de memórias. Nesse sentido, sua presença iluminava como os festivais comunitários, mais do que celebrações efêmeras, atuam como catalisadores de recordações.

Poucos minutos depois, um dos organizadores aproximou-se e me apresentou a esse senhor, identificado como um dos primeiros idealizadores do Festival, e comentou que ele poderia contribuir muito com minha pesquisa, pois detinha amplo conhecimento histórico e vasta experiência em relação aos eventos. Ao saber do meu interesse em “pesquisar sobre a cachaça”, este senhor, demonstrando abertura e interesse em colaborar, convidou-me a sentar ao seu lado, iniciando um diálogo que se revelaria fundamental para aprofundar meu entendimento da cultura de Abaíra.

Sua primeira indagação sobre minha origem e a natureza da minha pesquisa refletia não apenas curiosidade, mas também uma valorização da disseminação do conhecimento sobre a tradição local. Ao compartilhar detalhes do meu doutorado, ele respondeu com entusiasmo, o que reforçou a importância da minha iniciativa em documentar e promover a cultura local. Assim como em outras ocasiões, percebi nessa interação a receptividade da comunidade à pesquisa acadêmica e à divulgação de suas tradições.

Ao mencionar aspectos da minha própria história pessoal, sua reação foi de genuína felicidade quando destaquei meu retorno às origens, expressando: "Então, você saiu, mas está voltando às suas origens?!" Esse momento catalisou um sentido de conexão entre nós,

intensificado ainda mais pela descoberta de um sobrenome em comum. Esse achado desencadeou uma busca conjunta por possíveis laços de parentesco, transformando o que era uma interação formal em um encontro permeado por familiaridade e calor humano.

Esse episódio também explicitou meu papel como intérprete situado. Minhas origens regionais e a possibilidade de vínculos familiares retornando à terra de seus antepassados atuaram como condutores simbólicos que facilitaram o acolhimento e a construção de confiança. A etnografia, nesse caso, não se configurava como uma prática distanciada, mas como um exercício relacional, em que a posição social do pesquisador influi tanto na maneira como é percebido quanto nos sentidos que pode apreender do campo.

Esta experiência evidencia uma dimensão central da prática etnográfica: a construção de relações ancoradas na partilha de experiências pessoais e na descoberta de vínculos inesperados. O sentimento emergente de “estar em família”, que brotou daquela conversa, revela como a etnografia tem a capacidade singular de engendrar laços significativos entre pesquisador e interlocutores, criando uma rede de confiança que ultrapassa a mera formalidade do trabalho de campo. Tal perspectiva ressalta a importância da empatia e do diálogo situado como ferramentas fundamentais, em contraste com métodos mais invasivos ou distanciados de engajamento comunitário.

Minha inserção naquele contexto ocorreu de forma gradual e serena, sem a necessidade de episódios intensos ou marcados por ruptura, como no célebre relato de Clifford Geertz (1972) sobre a “briga de galos”¹⁴ em Bali. No caso de Abaíra, a aceitação emergiu de uma combinação de familiaridade, partilha de histórias pessoais e reconhecimento mútuo, demonstrando como a aproximação afetiva pode ser um poderoso catalisador de pertencimento e compreensão cultural.

No desenrolar da conversa, o senhor expressou com notável orgulho a centralidade da cachaça e do festival na vida comunitária. Destacou que o evento transcende o simples consumo da bebida, constituindo-se como um veículo de preservação das tradições locais. Para ele, o festival deve ser entendido em uma dupla dimensão: de um lado, como expressão da herança

¹⁴ A seção 9 da **Interpretação da Cultura** de Clifford Geertz, intitulada “Um jogo fascinante: notas sobre uma briga de galos balinesa”, conta a história da chegada do autor e sua esposa a uma aldeia balinesa para realizar uma experiência de pesquisa antropológica. Inicialmente tratado com indiferença pelos habitantes locais, o casal mais tarde teve dificuldade em integrar-se na sociedade, até que uma briga de galos ilegal organizada para financiar a escola foi interrompida pela polícia. Em meio ao caos, o casal fugiu, um ato que paradoxalmente levou à sua aceitação na comunidade.

Geertz explora o profundo significado cultural da briga de galos balinesa, descrevendo-a como uma arena para expressões de status, masculinidade e a complexa interação da sociedade balinesa. Ele discute a ligação emocional e simbólica que os homens balineses têm com os galos, vendo-os como uma extensão das suas próprias identidades e desejos.

cultural da região; de outro, como celebração que integra práticas, saberes e rituais associados à cachaça.

Ele reforçou ainda a centralidade da cachaça na vida comunitária, salientando que seu valor ultrapassa o aspecto econômico de garantir o sustento de inúmeras famílias. Para além de mercadoria, ela se projeta como um elemento de sociabilidade, capaz de animar encontros cotidianos, fortalecer vínculos afetivos e catalisar momentos de celebração coletiva. Durante o festival, essa dimensão se intensifica: a bebida converte-se em símbolo de alegria partilhada, animando a cidade e engajando especialmente os jovens em práticas culturais como a música, a dança e outras formas de expressão que compõem o repertório festivo.

Nesse sentido, a cachaça deixa de ser apenas um produto agrícola e artesanal para afirmar-se como emblema identitário, sustentáculo da coesão social e vetor de continuidade das tradições culturais de Abaíra.

Desse modo, ao compreender a Central do Festival como um espaço de articulação entre memória e organização, evidencia-se que o evento não se limita às estruturas físicas ou à preservação de tradições: ele se realiza, sobretudo, nas pessoas que dele participam e nas performances que animam a cidade. É no encontro entre moradores e visitantes, atravessado pelas apresentações musicais e manifestações artísticas, que o festival ganha vitalidade e expande seus significados, abrindo caminho para uma análise das relações sociais e culturais que se desenham nesse cenário festivo.

4 FESTIVAL DA CACHAÇA: MORADORES, TURISTAS E APRESENTAÇÕES MUSICAIS

Adentrar o universo simbólico do Festival da Cachaça em Abaíra é mergulhar em uma experiência que ultrapassa a simples celebração de um produto regional. O que se revela ali é um emaranhado de sentidos tecidos entre lembranças, pertencimentos e práticas que resistem ao tempo. Esta seção propõe lançar um olhar atento às nuances dessa manifestação cultural, que não se limita ao seu caráter festivo, mas se desdobra como um espaço social privilegiado, onde vínculos afetivos se entrelaçam com referências históricas.

A partir da imersão etnográfica, torna-se possível perceber como moradores e visitantes, ao compartilharem o mesmo território durante o período das festividades, constroem experiências coletivas que renovam os sentidos de comunidade.

Mais do que uma sucessão de barracas temáticas e apresentações musicais, o festival se afirma como condensação simbólica de uma coletividade. É nesse intervalo de tempo e espaço que a herança ligada à cachaça se projeta em novas formas de expressão, reanimada pelas interações entre sujeitos diversos, produtores locais, turistas, comerciantes, músicos, jornalistas e curiosos. O ambiente se converte em cenário onde o saber-fazer tradicional é reinscrito, confrontando-se com demandas contemporâneas e discursos externos. Ali, o destilado ultrapassa seu aspecto material: torna-se narrativa, afeto e marca social, presente nos gestos, falas e performances que permeiam o cotidiano festivo.

Durante os dias da programação, algo se intensifica no ar. Não se trata apenas do aroma doce que escapam das garrafas ou da cana moída ou do som das sanfonas entoando melodias ao entardecer na Central do Festival. Há uma atmosfera que envolve tudo e todos, como se o tempo ali assumisse outro ritmo, mais carregado de sentidos. É nesse cenário que se evidencia o conceito de Pierre Nora (1993) sobre os “lugares de memória”: espaços em que as lembranças se tornam palpáveis, encenadas com intenção e cuidado. O encontro, nesse sentido, não é apenas festa: é também um dispositivo simbólico que tensiona passado e presente, enquanto evoca uma tradição que insiste em permanecer viva.

Segundo Pierre Nora (1993), os chamados lugares de memória emergem quando as lembranças espontâneas e vividas já não são suficientes para sustentar, sozinhas, a continuidade de um grupo. É nesse vazio que surgem os marcos materiais e rituais, — monumentos, arquivos, comemorações — como estratégias de ancoragem da identidade coletiva. Esse evento comemorativo dedicado à cachaça cumpre essa função de fixação simbólica: em meio a um

mundo em constante transformação, torna-se necessário preservar certos signos culturais que resistam ao esquecimento e, ao mesmo tempo, possam dialogar com o presente.

O paradoxo, entretanto, é evidente. Conforme afirma Nora, “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há mais memória espontânea” (1993, p. 13). E, no contexto abairense, esse sentimento se expressa tanto na alegria das celebrações quanto no esforço quase ritualístico de manter vivos gestos, objetos e práticas herdadas no decorrer dos anos. Como se, a cada edição, a comunidade se debruçasse sobre suas raízes para reafirmar uma continuidade possível, mesmo diante das rupturas e acelerações trazidas pela modernidade. A festividade não apenas celebra: ela sustenta, com vigor e intenção, aquilo que corre o risco de se dissipar.

Durante o festival, a cidade parece dobrar-se sobre si mesma, encenando a própria memória. A praça se converte em palco, os estandes em vitrines de histórias, os objetos em sinais que evocam não apenas tempos idos, mas escolhas presentes sobre o que deve ser lembrado. Canecas, alambiques, fotografias, sons e aromas tornam-se elementos de uma narrativa pública e sensível. Como aponta Nora (1993, p. 09), “a memória é sempre atual, um elo vivido com o eterno presente”, enquanto a história opera sobre o que já se encerrou. Nesse jogo de tempos, não se trata apenas de reviver o que passou, mas de reelaborar sentidos, num movimento contínuo entre tradição e invenção.

A cada nova edição, o evento ressurgue com roupagens distintas, mas preserva o fio condutor que o ancora à história local. Como espaço privilegiado da rememoração coletiva, ele não apenas remete ao que já foi vivido, mas também projeta anseios e continuidades. A cachaça, nesse contexto, ultrapassa sua dimensão material: transforma-se em signo, afeto compartilhado, memória encarnada. Trata-se, portanto, de uma experiência que recusa a rigidez dos museus e opta pela vitalidade da festa, onde o tempo passado não surge como registro frio, mas como presença vivida.

A observação etnográfica revela que esse encontro coletivo não é apenas expressão cultural, mas também mecanismo de afirmação social. Ali se reatualizam modos de vida, práticas e saberes que atravessaram gerações, mantendo o vínculo entre produção e pertencimento. A experiência de produzir, comercializar e consumir a cachaça adquire uma dimensão simbólica ao ser compartilhada no espaço público, fortalecendo os laços entre os moradores da microrregião. Trata-se de um saber transmitido não apenas por palavras, mas por gestos, aromas, sons e afetos que habitam o cotidiano e se intensificam durante os dias comemorativos.

Halbwachs (1990) aponta que a memória coletiva exerce um papel estruturante na constituição dos grupos sociais, funcionando como elo entre o passado e o presente. Essa formulação ressoa diretamente em Durkheim, para quem a memória não se constitui isoladamente, mas depende da força da coletividade. Em **As formas elementares da vida religiosa**, Durkheim (1978) enfatiza que ritos e mitos conservam as lembranças, impedindo que elas se apaguem, pois exprimem “a maneira pela qual a sociedade concebe o homem e o mundo”.

Nesse sentido, o festival, com seus rituais, imagens, monumentos, canções e símbolos, não apenas projeta memórias individuais, mas reforça a coesão do grupo, renovando o pacto social que sustenta a tradição. Assim, o que poderia parecer apenas celebração converte-se em prática coletiva, em que solidariedade e memória se entrelaçam na preservação do pertencimento.

No contexto abairense, esse vínculo se manifesta de forma vibrante, especialmente por meio da música, que ocupa lugar central nas celebrações. Mais do que entretenimento, os ritmos que ecoam pela cidade evocam paisagens emocionais, despertam lembranças e organizam significados. As apresentações de artistas locais, regionais e nacionais evidenciam esse diálogo entre continuidade e renovação, onde tradições se preservam ao mesmo tempo em que se abrem às influências contemporâneas.

Conforme destaca Melo (2000), o ambiente festivo favorece a assimilação de imagens que alimentam o imaginário coletivo, renovando-o ciclicamente. No Festival da Cachaça, essas representações nem sempre se impõem de forma explícita, mas emergem da convivência cotidiana entre os diversos grupos sociais que compõem a celebração. São manifestações que, muitas vezes, surgem de modo difuso, quase intuitivo, funcionando como catalisadores das relações interpessoais, promovendo sensações de pertencimento e unidade no seio da comunidade.

Nesse cenário, a memória revela seu caráter mutável: ela não repousa sobre estruturas fixas, mas se transforma a cada reencontro com o presente. Nora (1993) já apontava o papel das celebrações como instrumentos que renovam o pacto coletivo com o passado. No contexto em estudo, esse vínculo se materializa nas práticas herdadas das gerações anteriores, especialmente aquelas relacionadas à produção artesanal da cachaça. São saberes compartilhados por indivíduos que dividem códigos, afetos e modos de vida, o que contribui para a manutenção de uma identidade que, embora em constante reconstrução, encontra no festival um espaço de fortalecimento.

A presença dos turistas nesse cenário revela outro aspecto significativo do fenômeno observado. Mais do que visitantes, esses sujeitos se tornam interlocutores ativos na ressignificação da festa, mediando relações entre o regional e o externo. Suas percepções, registradas em entrevistas e observações de campo, apontam para a pluralidade de sentidos atribuídos ao que se celebra. Assim, há uma arena de negociações simbólicas, onde narrativas distintas se entrelaçam. Desse encontro emergem novas leituras sobre a cultura local, compondo um mosaico de significados que articulam expectativas internas e olhares vindos de fora.

O fluxo intenso de visitantes e a circulação de recursos ativam diversos setores, como hospedagem, alimentação, produção artesanal e, sobretudo, a valorização da cachaça elaborada com rigor e distinção. Nesse entrelaçamento entre mercado e tradição, evidencia-se uma relação de mútua dependência: os saberes ancestrais se fortalecem ao serem reconhecidos comercialmente, enquanto o valor econômico ganha legitimidade ao se ancorar em práticas enraizadas no território.

O debate sobre as Indicações Geográficas, como aponta Santos (2022), revela que o reconhecimento oficial do produto carrega implicações que vão além da procedência: trata-se também da afirmação de uma identidade coletiva.

Dessa maneira, o Festival da Cachaça revela-se como expressão de um processo cultural contínuo, e não como uma simples programação. Suas práticas revelam uma comunidade em constante movimento, que revisita suas origens ao mesmo tempo em que dialoga com novas possibilidades. O trabalho de campo, sustentado pela escuta atenta, pelas trocas com os participantes e pela permanência nos espaços centrais da festa, permite compreender como os sentidos atribuídos à celebração não são estáticos. Pelo contrário, emergem como narrativas compartilhadas, constantemente remodeladas nas interações entre os sujeitos e nas formas de apropriação do espaço público.

O percurso até aqui prepara o terreno para um mergulho mais aprofundado nos aspectos que estruturam o festival. O que se busca, nas páginas seguintes, é entrelaçar teoria e experiência etnográfica, construindo uma leitura sensível sobre como os diferentes elementos do evento, desde os rituais cotidianos até as performances musicais, contribuem para a produção de sentidos. Mais do que uma comemoração, essa data marcante para Abaíra se apresenta como engrenagem social, onde se produzem pertencimentos, se negociam memórias e se inventam, coletivamente, modos de habitar o mundo.

4.1 Chegada Antecipada: Explorando a Praça Antes das Festividades

Ao final da tarde, a praça central de Abaíra já se encontrava tomada por um movimento crescente de pessoas que circulavam entre os estandes decorados, os monumentos e a entrada da Central do Festival. Era possível notar uma presença constante de indivíduos que fotografavam os espaços ornamentados com evidente curiosidade e cuidado. Havia algo de contemplativo nos olhares lançados à exposição de artefatos, peças, documentos, objetos antigos, que remetiam a edições anteriores do evento, compondo uma memória visual e sensorial da cachaça e de sua trajetória local.

Naquele momento, a Central deixava de ser um simples ponto de visitação para se configurar como um santuário efêmero, onde os símbolos do passado encontravam os afetos do presente.

Figura 24 – Praça Francisco Pereira em Abaíra durante o Festival da Cachaça



Fonte: Autoria própria (2023)

Ao lado da Igreja Católica, um pequeno estande instalado para atendimento médico contrastava com o restante da ambientação festiva. Duas mulheres, vestidas com jalecos brancos, ocupavam uma mesa com materiais organizados sobre panfletos e caixas. Uma cena insólita capturava a atenção de quem passava: crianças em tom de brincadeira retiravam

preservativos de um suporte fixado na parede, rindo alto enquanto as técnicas de enfermagem, visivelmente desconfortáveis, advertiam com firmeza: “É para usar, viu? Não é para brincadeira, não!”. Esse momento breve, quase banal, revela nuances da convivência social em espaços públicos e a maneira como diferentes gerações se encontram.

Figura 25 – Estande montado para assistência médica



Fonte: Autoria própria (2023)

Mais adiante, o espaço ganhava tons domésticos e cotidianos: crianças menores corriam livres entre os canteiros da praça, observadas por mães, enquanto pequenos grupos de homens conversavam em voz baixa, encostados nos bancos ou em pé, próximos aos estandes. O som dos testes de sonorização no palco, ainda incompleto, invadia o ambiente com microfônias e batidas soltas, desenhando um contraste entre a tranquilidade momentânea e a promessa de agitação iminente. Essa ambivalência revela aquilo que é típico das pequenas cidades: uma atmosfera de familiaridade entre corpos e espaços, onde o conhecimento mútuo parece tecido na própria arquitetura das relações.

Apesar do ambiente marcado por uma forte sensação de pertencimento coletivo, notei a presença de algumas pessoas que destoavam daquele entrelaçamento típico das cidades

pequenas. Havia rostos atentos, mas silenciosos, com gestos contidos e uma postura de quem observava mais do que participava. Esses indivíduos, deslocados da convivência cotidiana local, pareciam suspensos entre o fascínio pelo novo e o distanciamento de quem ainda busca se situar. Essa justaposição entre o familiar e o estranho revelava o potencial do festival em reunir mundos distintos em um mesmo espaço compartilhado.

Em meio a esse vaivém de olhares, avistei uma mulher sentada no canteiro da praça. Parecia ter uns trinta anos. Me aproximei, apresentei como pesquisador e perguntei se poderia gravar uma breve conversa para minha pesquisa de doutorado. Ela sorriu timidamente, cobriu parte do rosto com a mão e, olhando para o lado, disse: “Gravar!? Ô moço, eu não sei responder essas coisas não.” Diante dessa atitude, perguntei se poderíamos apenas conversar informalmente, sem registro. Ela aceitou. Sentamos e, aos poucos, o diálogo foi se desenrolando com naturalidade.

Perguntei se era da cidade, e ela respondeu que não, que morava em Piatã e que era a primeira vez que participava desse momento de celebração. Disse que estava acompanhada da mãe e que sempre ouvira falar do evento, principalmente por meio dos parentes mais velhos, que comentavam com muito entusiasmo. “Todo mundo sabe, né? É a festa mais famosa da região”, afirmou. Contou ainda que pretendia voltar nos próximos anos e que, apesar de não se hospedar na cidade, participaria dos festejos até o último dia, fazendo o trajeto de ida e volta diariamente. Havia na fala dela uma mistura de novidade e familiaridade, como se aqueles dias comemorativos já ocupassem lugar no seu repertório afetivo, mesmo antes de vivenciá-los.

Em continuidade à conversa, perguntei qual, na opinião dela, era a importância do festival para a cachaça e como percebia essa relação. Ela respondeu com firmeza que o principal era “ajudar a atrair turistas de fora”, o que aumentava a visibilidade de Abaíra e reforçava sua imagem. Ao mencionar o termo “Indicação Geográfica”, ela franziu o cenho e disse nunca ter ouvido falar. Tentei explicar brevemente o conceito, e ela, olhando para a mãe ao lado, recebeu em resposta apenas um gesto de cabeça sinalizando o mesmo desconhecimento.

No transcorrer do diálogo, comentou que não bebe cachaça, com um gesto de desprezo e que por isso não poderia nem dar muitas informações, mas que já ouviu falar que é muito boa. Nesse momento, a mãe, que permanecia em silêncio, sorriu discretamente e desviou os olhos para o chão, como se partilhasse, silenciosamente, da mesma distância afetiva em relação à bebida.

As conversas e observações realizadas nesses dias festivos revelam uma rede diversa de sentidos atribuídos à festa, que extrapolam o campo do consumo ou da produção material da cachaça. Emergiram, nessas interações, compreensões fragmentadas, expectativas afetivas e,

por vezes, distanciamentos sutis. O evento, mais do que apenas uma celebração, revela-se como campo de discursos, práticas e tensões que atravessam o tecido social da microrregião, oferecendo pistas sobre como se constroem os vínculos entre memória, pertencimento e tradição.

Em outra interação, um dos responsáveis por um estande instalado na praça compartilhou informações sobre sua trajetória familiar na produção de cachaça, iniciada por volta de 1990. Durante a conversa, afirmou que esses dias de comemoração representam um momento estratégico para os pequenos produtores, não apenas pela visibilidade, mas pelos ganhos concretos. Falou com entusiasmo da “boa movimentação para o comércio em geral”, destacando o impacto direto nas vendas e na circulação de visitantes. Sua fala refletia uma percepção mais estruturada da importância econômica, reforçando o papel da cachaça como eixo articulador entre identidade regional e atividade mercantil.

Quando perguntei sobre o histórico do festival, o interlocutor destacou o aumento expressivo no número de visitantes ao longo dos anos, acompanhado por uma elevação nas vendas da bebida. Para ele, a celebração se consolidou como motor de recurso financeiro local. No entanto, fez uma ressalva importante: apesar da valorização do produto, o número de produtores vem diminuindo. Atribuiu essa tendência à fatores demográficos, “muitos filhos saem para estudar fora e acabam se dedicando a outras profissões”, comentou, revelando uma preocupação com a continuidade da tradição. Além disso, questões como o menor prestígio associado à agricultura, ao artesanato e à vida no campo, somadas aos baixos rendimentos dessas atividades, também influenciam esse afastamento. Há ainda o desejo crescente por um estilo de vida considerado, por muitos, mais promissor fora do meio rural.

Em sua análise, o entrevistado também refletiu sobre as transformações que o festival provocou na dinâmica da cidade. O aumento do turismo e à injeção de capital são vistos como fatores de impacto direto, mas ele reconhece que tais mudanças estão atreladas às flutuações do mercado e às oportunidades temporárias de trabalho. Ainda assim, considera esse evento um elemento importante de valorização cultural, por promover o reencontro entre diferentes agentes, produtores, consumidores e visitantes, e estimular a circulação da bebida na região. Para ele, há um fortalecimento simbólico e comercial da cachaça nesse cenário.

A conversa seguiu em tom empolgado, com o entrevistado demonstrando orgulho evidente de sua trajetória na produção artesanal. Percebendo o entusiasmo em sua fala, aproveitei para perguntar quais seriam, em sua visão, os requisitos essenciais para iniciar nessa atividade na microrregião. Com um sorriso, explicou que, para ingressar de forma efetiva no setor, seria necessário um investimento consistente em três frentes principais: o cultivo da cana-

de-açúcar, a montagem do engenho e a instalação de um alambique, estrutura fundamental para garantir a autonomia e a qualidade na produção.

A fala do interlocutor ofereceu uma leitura esclarecedora sobre os desafios enfrentados por quem deseja ingressar no setor da cachaça em Abaíra. Explicou que seu pai, apesar de manter uma longa trajetória na atividade, optou por não se vincular à Associação de Produtores Aguardente da Microrregião de Abaíra (APAMA), mantendo uma produção a granel, sem rótulo. Essa decisão, segundo ele, reflete a resistência de muitos produtores em aderir ao modelo cooperativado, motivada principalmente pelas exigências legais e sanitárias impostas, como os padrões de higiene, fiscalização e regularização exigidos pela associação.

Assim, boa parte dos pequenos produtores prefere manter-se na informalidade, por considerá-la mais viável e com uma certa segurança de rentabilidade. A ausência de garantias de compra imediata por parte da cooperativa, somada à atuação dos atravessadores, contribui para a permanência desse modelo alternativo, ainda que com preços reduzidos e à margem da formalização (Santos, 2022). A agilidade e a flexibilidade oferecidas pelo comércio informal ainda pesam mais do que os benefícios da legalização, especialmente em contextos de baixa capacidade de investimento.

Quando perguntei sobre as vantagens da produção rotulada, ele afirmou que a associação à APAMA seria imprescindível, mas relativizou os ganhos. Em sua percepção, as diferenças de qualidade entre os produtos certificados e os demais não seriam tão significativas. Essa resposta lança luz sobre as múltiplas formas de entender o valor da cachaça na região, não apenas em termos técnicos, mas também a partir de lógicas práticas e afetivas que atravessam os modos de produção e consumo locais. A formalização, embora desejável em certos aspectos, nem sempre se sobrepõe às estratégias cotidianas de sobrevivência e continuidade familiar.

Na noite de abertura das apresentações musicais, ocorrida em 21 de setembro de 2023, uma quinta-feira, a cidade de Abaíra se transformou em palco de celebração coletiva que ultrapassava o entretenimento. Sob o tema “A Noite da Jovem Guarda”, o festival deu início à sua programação por volta das 21h, reunindo moradores e visitantes em torno de repertórios que marcaram épocas. O cronograma previa a participação de artistas locais nas primeiras horas da noite, seguidos pela histórica banda “Os Incríveis” às 23h, encerrando com o grupo “Forró Like” por volta da 1h da manhã. Cada apresentação era intercalada por breves intervalos, reforçando a atmosfera de expectativa e comunhão.

Figura 26 – Programação de quinta-feira do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Festival da Cachaça Of. (2023a)

Divulgado intensamente por meio de cartazes virtuais e publicações em redes sociais, o evento foi acompanhado, durante toda a sua realização, por um locutor empolgado que reafirmava, com frequência, como sendo a edição “mais expressiva” do Festival até o momento. Tal classificação se devia, principalmente, à estrutura montada: um palco com visibilidade em 360 graus e uma organização elogiada publicamente. A gestão municipal, sob a liderança do prefeito Edval Luz, foi amplamente reconhecida por sua atuação direta na captação de recursos e no apoio à realização da festa, recebendo destaque nas falas oficiais e nos materiais de divulgação.

Entre os anúncios transmitidos ao público, um dos mais enfáticos dizia respeito à autenticidade do produto oferecido. Incentivava-se a aquisição exclusiva da Cachaça Abaíra com selo da APAMA/COOPAMA, alertando-se para a circulação de versões adulteradas, especialmente aquelas diluídas com água, que comprometiam tanto a experiência do

consumidor quanto a reputação da bebida. A responsabilização era claramente atribuída ao comprador em caso de aquisição de versões não certificadas, o que reforçava, ainda que de forma indireta, a disputa simbólica entre a formalização e os circuitos paralelos de comercialização.

A transmissão ao vivo do festival pela Transmissão Virtual Dedé Santana - TVSD, com suporte das plataformas digitais e de um telão montado na praça central, ampliou o alcance da festa, fazendo com que ela ultrapassasse as fronteiras da cidade. Durante os intervalos das apresentações, foram exibidas entrevistas com figuras-chave da administração local, incluindo o próprio prefeito, nas quais se projetava o desejo de consolidar Abaíra como um destino turístico de destaque. As falas não se restringiam à notoriedade da cachaça, mas ampliavam o foco para as potencialidades naturais da região, apontando para um esforço articulado de reposicionamento territorial diante de públicos externos.

Entre as ações voltadas para o fortalecimento da imagem de Abaíra como destino turístico, uma das mais comentadas foi a construção de um mirante em Catolés de Cima. O projeto, segundo os anúncios oficiais, permitirá uma vista panorâmica das paisagens montanhosas, frequentemente comparadas, em tom elogioso, aos Alpes Suíços. De lá, será possível contemplar o Pico do Barbado, ponto culminante do nordeste brasileiro, com seus 2.033 metros de altitude, compondo uma cena de rara beleza, já incorporada ao imaginário local. A proposta reafirma um esforço deliberado de mobilizar o potencial natural como recurso de atração e pertencimento.

Esse entusiasmo revela que tais empreendimentos não se restringem ao campo econômico, mas carregam consigo uma dimensão simbólica ligada à valorização do território como espaço de memória e herança. Nesse contexto, ganha destaque também a preservação da antiga casa da “Água Suja”, situada na Fazenda homônima, pertencente à família de Ramiro da Luz Pereira há oito gerações. A edificação, de forte apelo afetivo, foi apontada por moradores e autoridades como referência histórica a ser protegida.

Datada de 1660, a propriedade está entre as mais antigas da Chapada Diamantina e segue dedicada ao cultivo da cana-de-açúcar em aproximadamente cinco hectares (SECOM GOVBA, 2011). A manutenção da casa não representa apenas a conservação de um bem material, mas o reconhecimento de um lugar que ancora histórias, saberes e vínculos. Preservá-la é manter viva uma narrativa que atravessa gerações e reforça a identidade cultural de Abaíra e da microrregião.

Durante as festividades, foi mencionado com entusiasmo o sonho do prefeito Edval Luz de trazer Bell Marques, ícone da música baiana, do estilo *axé music*, e ex-vocalista da banda Chiclete com Banana, para se apresentar no segundo dia do evento. A escolha do cantor e, em especial, da música “Diga que valeu”, não se deu ao acaso. O locutor destacou que essa canção teve papel importante na trajetória política do gestor, apelidado carinhosamente de “Diga”. A apresentação, portanto, extrapolou o entretenimento: tornou-se uma performance de reafirmação pública e afetiva de uma liderança local, fundindo política e memória coletiva sob o manto festivo.

Outro momento marcante da programação foi a apresentação da banda “Os Incríveis”, que encantou principalmente o público ligado à Jovem Guarda. O repertório incluiu o clássico “Era um garoto que, como eu, amava os *Beatles* e os *Rolling Stones*”, além de homenagens à cantora Rita Lee, com a execução de composições que evocaram sua irreverência e sensibilidade. Este tributo não apenas evocou lembranças de uma era vibrante na música brasileira, mas também sublinhou o poder transcendental da música em unir gerações distintas. A capacidade da música de servir como um elo entre o passado e o presente foi enfatizada, reafirmando seu papel cultural vital como uma ponte intergeracional, capaz de resgatar e celebrar o legado de figuras emblemáticas na música.

Naqueles dias, também se observou o uso estratégico do espaço como plataforma de divulgação institucional. A prefeitura aproveitou a visibilidade do evento para anunciar iniciativas recentes, como a reabertura do complexo esportivo e projetos habitacionais voltados a famílias de baixa renda. Além dessas realizações, novos investimentos e planos para o município foram compartilhados com o público, em falas distribuídas nos intervalos musicais. Essa articulação entre festa e gestão pública conferiu ao festival uma dimensão político-comunicativa que ultrapassa a comemoração em si, inserindo-a em um jogo de legitimação simbólica perante moradores e turistas.

Encerrando a programação, o grupo de cantores e dançarinos da banda “Forró Like” subiu ao palco com um repertório animado que mesclava referências tradicionais com sonoridades mais contemporâneas. A escolha do grupo finalista da noite parece uma tentativa da organização de equilibrar memória e atualidade, buscando contemplar diferentes segmentos do público. A última apresentação não apenas manteve o entusiasmo até o fim, como consolidou o espírito de celebração que marcou aquele dia: uma comunhão rítmica entre tradição, afeto e projeção de futuro.

4.2 Amanhecer no Festival: O Segundo Dia em Abaíra

Na manhã de sexta-feira, segundo dia do Festival da Cachaça, a cidade de Abaíra já pulsava com uma energia mais intensa. As ruas, especialmente nas imediações da praça central, apresentavam um fluxo crescente de pessoas e atividades. Inserido nesse cenário vibrante, realizei uma breve caminhada exploratória pelo centro urbano, com o propósito de aprofundar minha percepção sobre a dinâmica sociocultural que ali se desenrolava.

Durante o percurso, entrei em uma pequena lanchonete local, motivado pelo desejo de experimentar uma iguaria típica da região: o biscoito de goma frito. Esse alimento, associado à memória afetiva de muitos habitantes, remete aos rituais cotidianos do café da manhã e aos vínculos familiares. Foi nesse ambiente que iniciei uma conversa espontânea com um jovem morador, a quem me apresentei, explicando os objetivos de minha presença na cidade durante aqueles dias festivos.

A interação inicial evidenciou um aspecto digno de nota: observava-se um descompasso significativo entre a aparência física do indivíduo, que sugeria uma idade aproximadamente uma década superior, e a idade por ele declarada, de 35 anos. Com naturalidade, compartilhou aspectos de sua rotina e mencionou residir em um povoado rural situado a cerca de 15 quilômetros dali. Falando de modo sereno, relatou viver com a mãe e não ter filhos, afirmando, com certo desapego que “naquela altura da vida não tinha mais perspectiva de enriquecer”, embora se dissesse satisfeito com o estilo de vida que levava: “muito confortável”, como ele próprio definiu.

Em sua narrativa, o jovem relatou ter atuado por mais de vinte anos em atividades informais, especialmente no transporte e distribuição de cachaça, tanto aquela proveniente de outras regiões com destino a Abaíra quanto no escoamento da produção local para municípios vizinhos. Destacou com ênfase a crescente procura pelo produto e a reputação consolidada da cachaça fabricada em Abaíra. Segundo ele, o diferencial era inconfundível: “Eu conheço quando a cachaça é de Abaíra, só pelo sabor. Quando não é, eu conheço o sabor... a qualidade é outra coisa, é totalmente diferente”.

E prosseguiu:

“Mais” eu cansei de trabalhar com caminhão... agora eu fico aqui fazendo uns serviços... “mais” eu nunca trabalhei de carteira assinada, minha carteira é limpinha! (dizendo com bastante orgulho e fazendo gestos com as mãos, em demonstração de limpeza) eu tenho os documentos da zona rural, trabalho na roça e quero aposentar como trabalhador rural, por isso nunca deixei assinar a minha carteira.

“Mais” eu trabalho, sempre trabalhando fazendo “bico” e agora recebo a “ajuda do governo” e com carteira assinada não pode receber auxílio, né? e a gente faz uma coisinha aqui, uma coisinha ali e com esse auxílio da muito bem pra viver! E eu também fiz meu pé de meia enquanto novo, né? Agora eu não preciso me preocupar mais com a vida. Eu vivo muito bem, moro com minha mãe, tenho o meu carrinho, minha moto, minha casa meu pedaço de terra.

A fala do interlocutor é rica em elementos que revelam não apenas as “escolhas” individuais diante da vida rural, mas também as complexas relações entre tradição, identidade e as estruturas de proteção social que moldam as estratégias de futuro. Ao justificar sua decisão de evitar o emprego formal para manter-se elegível ao auxílio governamental e assegurar, futuramente, sua aposentadoria como trabalhador rural, o depoente exemplifica uma lógica que ultrapassa a vontade individual: trata-se de uma racionalidade socialmente compartilhada, comum na microrregião, e amplamente informada pelas condições institucionais do sistema previdenciário brasileiro.

Essa configuração da vida rural é respaldada por um enquadramento legal específico: o de segurado especial, previsto no artigo 12, inciso VII, da Lei 8.212/1991 (Brasil, 1991).

“VII – enquadra-se como segurado especial: o indivíduo que reside em propriedade rural ou em proximidade de aglomerados urbanos ou rurais ligados a esta, que, de forma individual ou em contexto de economia familiar, mesmo contando ocasionalmente com a ajuda de terceiros sob a forma de cooperação mútua[...].

Tal dispositivo evidencia a relevância da economia familiar como base organizacional do trabalho agrícola, estruturada sobre vínculos solidários entre os membros da unidade doméstica. Nessa lógica, a contribuição de filhos, cônjuges e outros parentes, mesmo sem remuneração formal, é legitimada tanto social quanto juridicamente como parte essencial da manutenção da vida no campo. Ao vincular seu futuro a esse modelo, o jovem entrevistado reproduz uma prática socialmente enraizada, revelando também o modo como o saber empírico sobre o funcionamento do sistema previdenciário é assimilado e convertido em estratégia concreta de existência.

Diante da escassez de oportunidades no mercado formal e das limitações impostas pelo contexto socioeconômico local, alguns jovens da região optam por permanecer no meio rural, engajando-se em atividades autônomas ou inseridos na lógica da produção familiar. Ao fazê-lo, assumem o papel de pequenos agricultores, o que os enquadra, legalmente, na categoria de

segurado especial, conforme destaca Amado e Pavione (2017), reafirmando, assim, uma racionalidade prática que se molda à realidade das possibilidades disponíveis.

Dando continuidade à conversa, o jovem compartilhou aspectos de sua rotina e prazeres cotidianos com um entusiasmo tranquilo:

Agora eu quero aproveitar a vida quero fazer meu churrasco nos rios, ir para as cachoeiras, tomar banho curtir o sol nesse calor nada melhor que um churrasquinho uma cerveja e é isso... pegar meu carro andar devagar, sabe? eu não gosto de andar correndo não! não tem graça. O povo anda em alta velocidade eu gosto de andar bem devagar. Às vezes eu vou até para o acostamento. Para mim a graça é dirigir devagar, é muito bom de vez quando fazer isso, tomar a cachaça Abaíra... mas tem que ter cuidado né? eu falo isso porque conheço gente que morreu tomando whisky falsificado... Eu não vejo graça nisso, porque a cachaça de Abaíra é melhor que o Whisky sabe? Eu gosto da amarelinha.

Esse trecho da entrevista evidencia a articulação entre dimensões do cotidiano que atravessam o trabalho, o prazer e os vínculos com o território. A maneira como ele narra suas práticas expressa uma experiência de mundo que valoriza a simplicidade, a liberdade e os elementos que conferem sentido à vida no campo. Mais do que um relato pessoal, sua fala evoca uma forma de estar no mundo, na qual os gestos, os sabores e os ritmos locais reafirmam pertencimento e fortalecem os laços comunitários.

No período da tarde, houve a reinauguração do estádio municipal. A escolha da data, segundo um morador, não era coincidência, ele fez questão de compartilhar comigo que, em cidades de pequeno porte, é prática recorrente que autoridades públicas aproveitem eventos festivos de grande mobilização popular para realizar inaugurações, aproveitando a concentração de moradores e visitantes. Devido ao atraso da chegada de algumas autoridades políticas convidadas para o ato público de entrega da obra, o Festival atrasou em cerca de duas horas.

Esse momento revela de maneira significativa como o Festival da Cachaça, para além de seu papel tradicionalmente associado à valorização cultural e ao fomento da atividade turística local, assume também a função de espaço estratégico de visibilidade institucional. A festividade não apenas promove a celebração de saberes e práticas tradicionais, mas se converte em um cenário propício à exposição simbólica de agentes políticos e representantes do poder público.

Observa-se que essa movimentação, ainda que não vinculada de forma direta à programação oficial do evento, exerce influência concreta sobre sua dinâmica e organização, reconfigurando, em alguma medida, os sentidos atribuídos à festividade. Insere-se, assim, em

uma lógica mais ampla, recorrente em contextos similares, na qual celebrações populares são instrumentalizadas como plataformas performativas de gestão, prestígio e legitimação política. O uso estratégico dessas ocasiões festivas aponta para a complexidade das interações entre cultura, poder e visibilidade pública, revelando dimensões simbólicas que ultrapassam a superfície do entretenimento coletivo.

Figura 27 – Programação de sexta-feira do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Festival da Cachaça Of. (2023b)

Ao regressar, por volta das 21h, deparei-me com um cenário impactante: uma multidão animada ocupava todos os espaços disponíveis, aguardando com grande expectativa a apresentação de Bell Marques, atração principal do festival, que prometia reunir um público animado e marcar um dos momentos mais aguardados do evento. A afluência de público crescia rapidamente, até que a praça parecia ultrapassar sua capacidade física (veja figura 28), dificultando até mesmo a simples circulação entre os presentes.

Tal fenômeno evidencia não apenas o poder mobilizador de figuras icônicas da música popular, mas também o papel da praça como espaço pulsante de sociabilidade e encontros efervescentes.

Figura 28 – Praça Francisco Pereira e Abaíra, durante a realização do XVIII Festival da Cachaça



Fonte: Alô, Alô Bahia (2024)

As áreas destinadas à comercialização de alimentos transformaram-se em verdadeiros núcleos de intensa movimentação e sociabilidade, caracterizados por longas filas compostas por adultos e crianças que disputavam, com entusiasmo e expectativa, o acesso aos produtos oferecidos. Paralelamente, grupos de jovens se aglomeravam diante dos bares, segurando copos em mãos, em uma atmosfera permeada por gestos de descontração, partilha e celebração coletiva.

Nesse cenário, o ato de consumir comidas e bebidas extrapola significativamente sua dimensão estritamente funcional ou utilitária. Tais práticas alimentares assumem um papel central na dinâmica dos encontros sociais, funcionando como catalisadores de interações e expressões simbólicas. O alimento, portanto, não apenas satisfaz necessidades fisiológicas, mas também adquire valor cultural e afetivo, constituindo-se como um dos principais elementos organizadores da experiência festiva e da construção de vínculos no espaço do evento.

Figura 29 – Estandes de vendas de alimentos instalados na Praça Francisco Pereira, durante a realização do XVIII Festival da Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

Em conversas informais, muitos participantes revelaram ter vindo de cidades distantes, aproveitando o período que antecedia os shows para conhecer as iguarias locais. Essa valorização da experiência gastronômica, pouco comum no cotidiano da cidade, reforça o caráter extraordinário do evento, que amplia as fronteiras culturais de Abaíra e oferece aos visitantes um mergulho singular em sua tradição culinária.

O cantor Bell Marques conduziu a multidão ao delírio com os clássicos do carnaval baiano. Durante sua apresentação, que teve duração aproximada de uma hora e meia, o prefeito foi convidado ao palco, onde expressou publicamente sua satisfação por ter viabilizado a presença do artista. Após um intervalo de sessenta minutos, Larissa Melo deu continuidade à programação. Na sequência, a dupla Edy e Nathan encerrou a noite com uma performance de uma hora.

Figura 30 – Apresentação do cantor Bell Marques no XVIII Festival da Cachaça em Abaíra



Fonte: Alô, Alô Bahia (2024)

Durante os intervalos entre os shows, os telões instalados na praça exibiam imagens promocionais da cidade, enfatizando suas paisagens naturais e ações empreendidas pela gestão municipal, como a construção de habitações populares e a reforma do estádio local. Esses materiais audiovisuais funcionavam como dispositivos de comunicação institucional, reforçando o vínculo entre o evento festivo e as políticas públicas em curso.

Após a primeira apresentação musical, direcionei-me a uma lanchonete, improvisada temporariamente para atender as necessidades do evento. No entanto, devido à intensa aglomeração de frequentadores, optei por me dirigir a uma pizzaria próxima, também tomada pelo movimento. Além de pizzas, o local oferecia uma seleção variada de salgados e refeições rápidas.

Figura 31 – Estabelecimento comercial em funcionamento durante o XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

Ao adentrar o estabelecimento pizzeria, procedi com a realização do meu pedido, incluindo um suco de limão. A funcionária responsável pelo atendimento, elevando o volume de sua voz de maneira a se fazer audível acima dos ruídos predominantes no local, indagou aos colaboradores encarregados da área de produção sobre a disponibilidade. A resposta negativa, acompanhada de uma expressão de alegria e satisfação por parte dela, anunciou o esgotamento total do ingrediente, restando apenas o suco de laranja como alternativa disponível.

Este episódio, aparentemente trivial, revela nuances significativas do contexto sociocultural em que se insere. A reação da atendente, marcada por alegria ao comunicar a falta do suco de limão, destaca um contraste interessante: a escassez, em vez de ser entendida como falha operacional, é ressignificada como indicativo de sucesso comercial e forte demanda. Tal perspectiva revela como, em situações de intensa movimentação, a ausência de um produto pode ser celebrada como sinal de êxito, mais do que como um problema logístico.

Esse instante lança luz sobre a maneira como pequenos empreendimentos locais se ajustam aos desafios impostos por eventos de grande porte. A interação entre consumidores e comerciantes, embora por vezes marcada por frustrações pontuais, é permeada por uma compreensão coletiva da efervescência do momento.

Figura 32 – Residências adaptadas para fins comerciais durante o XVII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

Em residências, principalmente os localizados em pontos estratégicos da praça ou adjacências se transformam em pontos comerciais. Esse tipo de adaptação reforça o entrelaçamento entre as dinâmicas econômicas e as práticas sociais em contextos festivos.

Ao retornar à pousada, deparei-me com uma movimentação intensa e uma cena inusitada. A configuração do espaço, que normalmente se prestava a uma organização mais convencional, havia sido significativamente alterada para acomodar o influxo atípico de visitantes. A escada que conduz ao segundo andar, situada adjacente a uma pequena sala próxima à cozinha, revelava uma adaptação inusitada: a sala havia sido convertida em um espaço de acomodação adicional, separada do restante do ambiente por uma divisória de tecido, deixando apenas uma passagem estreita, suficiente para o acesso à escada.

De modo semelhante, a sala no primeiro andar anteriormente destinada a outras finalidades, também fora adaptada como quarto provisório, limitando a circulação a um corredor demarcado por um sofá, que conduzia ao cômodo onde me hospedava. A ocupação plena dos quartos não apenas evidenciava a alta procura por acomodações durante o festival, mas também ilustrava a engenhosidade com que os gestores de hospedagens locais respondiam a picos excepcionais de demanda.

A reorganização dos espaços internos da pousada evidencia de maneira expressiva os impactos sociais e econômicos que grandes eventos podem desencadear em localidades de menor escala urbana. A conversão de áreas originalmente destinadas à convivência em acomodações improvisadas revela não apenas a capacidade de adaptação por parte dos responsáveis pelo empreendimento, mas também as pressões exercidas sobre as estruturas disponíveis diante da demanda excepcional de visitantes.

Ainda que a lotação total dos quartos represente um momento de retorno financeiro positivo, ela suscita reflexões sobre os limites da hospitalidade local e as possíveis implicações para o conforto e a experiência dos hóspedes. Esse cenário oferece uma perspectiva reveladora sobre os ajustes logísticos e arranjos cotidianos acionados em períodos de intensa movimentação turística, ilustrando as interações entre práticas de acolhimento, economia e os modos de vida comunitários que sustentam a cidade durante festividades.

Mais tarde, desloquei-me até outra praça da cidade, onde havia sido instalado um pequeno parque infantil com brinquedos diversos. Além das estruturas de lazer, o espaço também concentrava várias barracas destinadas à venda de brinquedos, doces e pipocas, contribuindo para um ambiente lúdico e atrativo.

O local estava repleto de famílias que, nos intervalos das apresentações musicais, aproveitavam para proporcionar momentos de descontração às crianças. Em determinados momentos, não era possível distinguir quem mais se divertia, os pequenos ou os próprios adultos, envolvidos na atmosfera festiva. Observava-se, ainda, um aumento expressivo na circulação de pessoas, evidenciando uma dinâmica de uso do espaço urbano que ampliava os percursos de sociabilidade e reafirmava o caráter multifacetado do Festival.

Figura 33 – Parque infantil instalado na praça adjacente ao espaço reservado para o XVIII Festival de Cachaça de Abaíra





Fonte: Autoria própria (2023)

Adultos e crianças compartilhavam o espaço de maneira harmoniosa, usufruindo das diversas possibilidades de lazer disponíveis. Ao redor, as ruas próximas estavam intensamente ocupadas por veículos estacionados, evidenciando a expressiva adesão popular àquele ambiente. Em trechos exclusivos para pedestres, sem circulação de automóveis, era possível observar grupos reunidos em mesas, envolvidos em conversas descontraídas, consumindo bebidas ou assistindo à televisão, alheios à movimentação mais intensa da praça principal.

O conjunto dessas cenas revelava a pluralidade das experiências vividas durante o Festival, nas quais diferentes segmentos da comunidade encontravam maneiras distintas de se engajar com o evento.

4.3 Impacto do Festival: Reorganização da Feira Livre e Rotinas Alteradas

No amanhecer do terceiro dia do Festival, a cidade já evidenciava sinais de transformação. As vias urbanas estavam repletas de veículos, prenunciando a intensa movimentação que marcaria o restante do dia. Ao descer para o café da manhã na pousada, observei a presença de duas novas colaboradoras, envolvidas tanto na preparação dos alimentos quanto na organização do ambiente. A introdução dessas ajudantes sinalizava uma resposta direta ao aumento no número de hóspedes, evidenciando, de forma concreta, o impacto do evento sobre a dinâmica da hospedagem local.

Durante o café da manhã, as conversas entre os funcionários da pousada e moradores que por ali circulavam giravam em torno da permanência prolongada de muitos visitantes, que decidiram estender sua estadia até o domingo. Comentava-se que o fluxo de pessoas naquele sábado ultrapassava, com folga, a já tradicional movimentação intensa do dia de feira em

Abaíra. Esse dia da semana, além de seu papel comercial, ocupa lugar central na vida coletiva da cidade, estruturando rotinas e encontros entre moradores das áreas urbanas e rurais.

A feira livre, nesse contexto, transcende sua função mercantil e assume uma dimensão cultural de notável relevância. Mais do que um espaço de circulação de produtos, especialmente alimentos e bens locais, ela funciona como um verdadeiro polo de sociabilidade. Entre os frequentadores mais assíduos, destacam-se os produtores de cachaça, que utilizam esse momento para trocar saberes sobre o cultivo da cana e o processo de moagem, fortalecendo vínculos comunitários e contribuindo para a manutenção de práticas que sustentam a tradição agroindustrial da região.

No contexto de transformações provocadas pela realização do Festival da Cachaça, a feira semanal assume uma centralidade ainda mais evidente, ainda que sua ocorrência não coincida diretamente com os horários oficiais do evento. As interações estabelecidas nesse espaço, pautadas em conversas, trocas de saberes e negociações, reafirmam sua relevância tanto para a economia local quanto para a preservação das práticas culturais.

Nesse cenário, a feira revela-se como expressão da capacidade de Abaíra em articular tradições enraizadas com as novas dinâmicas geradas pela intensificação do turismo e do comércio, sem romper os vínculos com suas formas sociais originárias. A observação desse espaço, portanto, permite compreender como a feira contribui ativamente para a coesão social, operando como uma instância em que tradição e atualidade se entrelaçam.

A origem dessa forma de organização comercial remonta à Europa do século IX, quando as feiras eram estabelecidas com o intuito de atender às necessidades cotidianas da população através do abastecimento de produtos básicos (Pirenne, 1936). No contexto brasileiro, essas estruturas remontam ao período colonial e persistem, apesar das múltiplas transformações da sociedade moderna. A longevidade e resistência das feiras livres não se explicam apenas pela oferta de alimentos frescos e de preços acessíveis, mas também pelo papel social que desempenham como locais de encontro, transmissão de saberes e práticas culturais, como assinala Forman (2009).

Na constante tensão entre modernidade e tradição, as feiras mantêm-se como espaços simbólicos de ligação entre o rural e o urbano. Michellon *et al.* (2008) ressaltam que elas congregam uma diversidade de práticas culturais e sociais que envolvem múltiplos atores. Essa diversidade promove uma rica troca de experiências, constituindo uma paisagem sociocultural híbrida que resiste às lógicas de consumo rápido e à padronização dos espaços modernos, como shoppings, supermercados climatizados e vitrines sedutoras. Em Abaíra, a feira reafirma esse papel ao inserir-se como elo entre o passado agrícola e o presente festivo e turístico.

Ampliando essa compreensão, Freyre (2011) e Vedana (2004) argumentam que os modelos contemporâneos de comercialização, como os supermercados, carecem da dimensão relacional presente nas feiras livres. Nesses espaços modernos, o ato de comprar se dá de forma impessoal, raramente propiciando vínculos entre clientes e funcionários, o que reduz as possibilidades de socialização durante a experiência de consumo.

Em contrapartida, nas feiras tradicionais, a informalidade e a espontaneidade predominam: o ambiente é marcado pela aglomeração de pessoas ao redor das bancas, onde compradores se acotovela em busca de suas mercadorias, tudo isso acompanhado pelo incessante grito dos feirantes, que se esforçam para atrair a atenção da clientela.

Nas cidades menores, esse ambiente ganha contornos ainda mais significativos. A feira se converte em um momento-chave para os moradores da zona rural, que se deslocam até a cidade para comercializar os excedentes de sua produção agrícola e, simultaneamente, adquirir itens que não são encontrados em seu cotidiano, como produtos industrializados, vestuário e utensílios domésticos. A presença de feirantes oriundos de municípios vizinhos, bem como de vendedores ambulantes que se hospedam temporariamente na cidade, intensifica o dinamismo desse espaço, que se torna um importante vetor de movimentação financeira e de encontro entre diferentes realidades sociais.

A interação entre campo e cidade, materializada nas transações da feira, revela-se essencial para a sustentação da economia local. Ela favorece o agricultor familiar, que encontra ali uma via acessível para escoar sua produção, ao mesmo tempo em que oferece aos consumidores urbanos acesso a produtos frescos e de melhor qualidade. Essa engrenagem, conforme observado por Ribeiro et al. (2007), promove uma rede de benefícios que alcança produtores, comerciantes e consumidores, consolidando a feira como um espaço de articulação entre práticas tradicionais e necessidades contemporâneas.

A feira livre configura-se como um momento privilegiado de socialização e lazer, em que a população se engaja não apenas em atividades comerciais, mas também em expressões culturais e afetivas. É comum observar pessoas vestindo suas melhores roupas, encontrando parentes e amigos, participando de conversas e interações que reforçam os vínculos sociais. Homens e mulheres de diferentes gerações, jovens, adultos e idosos, compartilham o mesmo espaço, cada qual buscando, à sua maneira, formas de convivência, distração e pertencimento. Essa dimensão festiva remete diretamente à etimologia do termo “feira”, derivado do latim *feria*, que significa “dia de festa” (Cunha, 1997).

Para além da lógica mercantil, esse espaço configura-se como um verdadeiro ritual comunitário, onde o deslocamento de moradores da zona rural à cidade promove encontros

intergeracionais e fortalece práticas de convivialidade. A feira, nesse sentido, extrapola o caráter funcional de um mercado a céu aberto e se insere como uma engrenagem simbólica da vida social.

Nesse contexto, Ribeiro (2007, p. 57) observa que:

Feiras livres são componentes essenciais na vida de municípios rurais e dos agricultores que os abastecem. Têm, sempre, características marcadamente locais, associadas à cultura e às tradições dessas comunidades. Os feirantes ocupam espaços bastante reservados para suas trocas periódicas, que não são regulados somente pelas normas que vigoram nos grandes mercados, mas pautados pela particularidade, pela solidariedade, pela informalidade que resultam da sedimentação histórica dessas relações locais.

Eventos como a feira livre desempenham, portanto, um papel vital na preservação das tradições e no fortalecimento da identidade coletiva. A antecipação da feira do sábado para a quarta-feira, medida tomada em função da preparação do espaço urbano para as atividades do Festival da Cachaça, ilustra a notável capacidade de adaptação da comunidade local. Essa reconfiguração temporária das rotinas evidencia como eventos de ampla repercussão, ao mesmo tempo que movimentam a cidade, interferem diretamente no cotidiano e nas práticas consolidadas da população.

Ao ser indagado sobre a movimentação em sua pousada, o proprietário respondeu com entusiasmo: “sábado foi sempre movimentado por conta da feira, muito mascate vem de fora e fica hospedado aqui na pousada, mais essa semana o dia da feira foi mudado e hoje o movimento tá bem maior por conta do festival, mas a feira daqui é sábado”.

As expressões de contentamento das ajudantes na cozinha revelavam, de maneira sutil, o impacto concreto que eventos dessa magnitude exercem sobre a rotina local, modificando práticas consolidadas em nome da inovação e da conveniência.

A maneira como a cidade reorganizou a feira livre e expandiu, ainda que provisoriamente, os serviços de hospedagem, revela a capacidade de adaptação diante das exigências contemporâneas. Mais do que resistência, percebe-se uma flexibilidade estratégica das tradições, que passam a coexistir com as novas demandas. A feira, nesse cenário, não apenas resguarda uma herança cultural, mas também se reconfigura como um elo dinâmico entre o passado e o presente da comunidade.

Pela manhã, ao caminhar pelas ruas, observava-se a convivência quase imperceptível entre turistas e moradores, reunidos em pequenos grupos ao redor de caixas de som, bebidas e conversas animadas. O ambiente pulsava com relatos sobre a noite anterior, especialmente

sobre a apresentação de Bell Marques, ícone do axé *music* baiano, considerada por muitos como o ponto alto do festival e aguardada com expectativa tanto por visitantes quanto pelos habitantes locais.

Figura 34 - Foliões aglomerados durante a tarde no Festival da Cachaça



Fonte: Autoria própria (2023)

Na tarde de sábado, terceiro dia do festival, a Central do Evento registrava um fluxo expressivo de visitantes. Aproveitei a ocasião para transitar pelo local, cumprimentar os colaboradores em atividade e observar de perto o dinamismo que marcava aquela área. As estruturas comerciais provisórias operavam intensamente, com destaque para a comercialização de cervejas e água mineral.

Ao questionar os vendedores sobre o consumo de cachaça, fui informado de que, embora o produto estivesse disponível, a preferência recaí majoritariamente sobre a cerveja, sobretudo entre os mais jovens, que demonstravam pouco interesse pela cachaça em ambientes festivos.

Em uma das entrevistas, com dois rapazes, perguntei se consumiam a bebida símbolo da região. Ambos responderam negativamente, ainda que reconhecessem sua importância para Abaíra e para o contexto cultural regional. Indagados sobre os motivos da recusa, um deles comentou que a cachaça era “mais forte que a cerveja” e que “logo o povo fica bêbo”, provocando risos entre os dois. Ao serem perguntados se havia consumo familiar da bebida, afirmaram que sim, mas justificaram sua abstinência com base em preocupações relacionadas ao risco de dependência e possíveis prejuízos à saúde.

Tal percepção, construída a partir de vivências cotidianas e experiências familiares, revela uma tensão simbólica relevante: a cachaça, ao mesmo tempo em que é valorizada como

expressão cultural e patrimônio local, também carrega estigmas associados ao excesso, à vulnerabilidade e à desordem social.

Essa ambivalência já havia sido identificada por Rosiléia Oliveira de Almeida (2008) em sua tese de doutorado, na qual ressalta que parte dos moradores de Abaíra atribui à produção local de cachaça uma espécie de responsabilidade simbólica pelos casos de alcoolismo e seus desdobramentos sociais.

A autora observa que, ao contrário do que ocorre nos grandes centros urbanos, onde o consumo abusivo de álcool tende a se diluir na invisibilidade do anonimato, em contextos de pequena escala como o de Abaíra, os efeitos negativos do alcoolismo se tornam mais visíveis e impactantes. Casos de dependência alcoólica, acidentes e comportamentos desviantes relacionados ao consumo excessivo da bebida frequentemente ganham destaque nos programas da rádio local e são objeto de constante discussão entre os moradores.

A pesquisa de Almeida (2008) ainda demonstra que, mesmo com a ausência de registros médicos expressivos que relacionem diretamente o consumo de álcool a quadros clínicos específicos, existe, entre os habitantes, sobretudo entre profissionais da saúde, uma percepção compartilhada de que a cachaça está diretamente implicada em diversas enfermidades. Distúrbios psiquiátricos, quadros depressivos, declínio funcional e até o agravamento de doenças como a esquistossomose¹⁵ são, na visão local, associados ao consumo crônico da bebida.

Essa correlação torna-se ainda mais preocupante quando se considera a elevada incidência histórica dessa moléstia na microrregião de Abaíra. No passado, a esquistossomose constituiu um problema endêmico e, embora o número de casos registrados tenha diminuído, novos diagnósticos ainda são frequentes, em grande medida subestimados pela limitação dos exames de fezes, cujo grau de confiabilidade é restrito. Estima-se que praticamente todos os habitantes acima de 30 anos tenham contraído a doença em algum momento de suas vidas, dado que o cultivo da cana-de-açúcar em áreas úmidas, próximas a cursos d'água, favoreceu a disseminação do parasita. (Almeida, 2008).

¹⁵ Esquistossomose mansônica é uma doença parasitária causada pelo trematódeo *Schistosoma mansoni*, cuja patogênese depende da interação entre o parasito e o hospedeiro humano. A transmissão ocorre quando larvas (cercárias) liberadas por caramujos do gênero *Biomphalaria* penetram a pele humana em contato com água doce contaminada. No ciclo de vida do parasito, ovos depositados pelo verme adulto nas veias mesentéricas podem ficar retidos no fígado ou tecidos intestinais, levando à formação de granulomas e subsequente fibrose periportal – essas lesões são responsáveis pelas principais manifestações clínicas da doença, como hipertensão portal, esplenomegalia e hipertensão portossistêmica. Na fase aguda, há dermatite (reativa à penetração das cercárias) e sintomas sistêmicos como febre, mal-estar e diarreia. Na forma crônica, pode haver comprometimento hepatoesplênico, complicações vasculares pulmonares, manifestações neurológicas (neuroesquistossomose) e nefropatia por deposição de imunocomplexos nos rins. (Souza et al, 2011).

Ironicamente, o vinhoto proveniente da produção de cachaça, ao ser lançado nos rios e riachos, elimina a maior parte da fauna aquática, mas não afeta o caramujo hospedeiro intermediário do *Schistosoma mansoni*, perpetuando o ciclo da enfermidade. Desse modo, o álcool e a esquistossomose convergem como fatores agravantes das complicações hepáticas na região, produzindo uma associação simbólica e médica entre o consumo da bebida e a deterioração da saúde. Essa construção é intensificada por episódios de comoção pública, como suicídios ou mortes precoces de indivíduos conhecidos, cuja trajetória foi marcada pelo alcoolismo.

Contudo, é justamente nesse terreno de contradições que a pesquisa de Almeida revela um dado particularmente revelador: mesmo entre os segmentos religiosos que, em geral, mantêm uma postura mais rígida em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, a cachaça de Abaíra não encontra resistência absoluta. Em uma de suas entrevistas, um pastor evangélico, pertencente a um grupo que culturalmente não consome bebidas alcoólicas, relatou que sua própria esposa era produtora de cachaça. Ele reconhecia a bebida como uma importante fonte de renda para a população local, afirmando que sua produção constituía uma forma de sobrevivência para muitas famílias da região.

Esse depoimento evidencia que, mesmo diante de valores doutrinários tradicionais e culturais, a realidade local impõe certa flexibilização de posturas, permitindo que a cachaça seja, ao mesmo tempo, tolerada e ressignificada como expressão de resistência e sustento.

Dessa forma, a cachaça se configura como um objeto cultural ambíguo: exaltada enquanto símbolo identitário e motor econômico, mas simultaneamente responsabilizada por desordens sociais e males de saúde. Essa complexidade se manifesta na própria ambiência do festival, onde os espaços de circulação da bebida, os perfis etários dos consumidores e os discursos públicos revelam um entrelaçamento de significados que ultrapassa a superfície da celebração, refletindo as tensões profundas entre tradição, sobrevivência e pertencimento.

Enquanto eu transitava pela entrada principal da praça, vindo na direção de quem adentra a cidade, um carro de som de grandes proporções, popularmente conhecido como “paredão”, comandava a animação da juventude, ao som de *pop rock* e *funk*. O ambiente era tomado por danças e manifestações entusiasmadas dos mais jovens, que encontravam ali um espaço de expressão e diversão. Em contraste, outros frequentadores, sobretudo adultos e idosos, preferiam a tranquilidade das calçadas, onde permaneciam sentados, observando o movimento com atenção curiosa e engajados em conversas amenas.

Figura 35 – Jovens dançando na Praça Francisco Pereira no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria (2023)

Mais tarde, já no início da noite, quando a praça apresentava considerável agitação, minha atenção se voltou para uma área mais resguardada, situada junto a um estabelecimento comercial. Atraído pelo ambiente mais calmo, aproximei-me e me acomodei próximo a duas mulheres que ali conversavam. Após me apresentar, estabeleci um diálogo informal com uma delas, que prontamente conduziu a conversa com naturalidade. Relatou que ambas eram turistas vindas de Piatã, e que, apesar da distância, estavam se deslocando diariamente para acompanhar os festejos.

Com um tom nostálgico, compartilhou sua longa trajetória de participação em edições anteriores do festival, experiência que já se estendia por mais de vinte anos. No entanto, mesmo com tamanha assiduidade, demonstrou certo desânimo em relação à programação daquela edição, descrevendo o evento como “mais ou menos”, e complementando: “gostaria que tivesse outros artistas, outros melhores”.

Ao ser questionada sobre sua familiaridade com a cachaça de Abaíra, confirmou conhecer a bebida e reconheceu sua fama regional. Disse ter intenção de continuar frequentando o festival nos próximos anos, revelando, de maneira espontânea, que sua motivação principal para estar ali não se limitava à música ou às atrações culturais, mas à possibilidade de encontrar “pessoas diferentes, novas e bonitas”, um desejo que, segundo ela, só se realiza em contextos festivos como aquele.

Essa interação evidencia a complexidade das motivações que impulsionam a participação nos festivais, revelando que, para além da seleção artística, aspectos como a vivência estética e as experiências sociais desempenham papel central na forma como os participantes avaliam o evento. O relato da entrevistada, portanto, revela nuances importantes sobre as expectativas e percepções que permeiam tais celebrações, contribuindo para uma leitura mais abrangente das dinâmicas culturais e sociais envolvidas.

Um momento significativo ocorreu ao interagir com frequentadores em um dos estandes de comida. Ali, encontrei-me com um indivíduo acompanhado por um grupo de homens, que se identificou como turista. Este era seu primeiro contato com o festival, e sua experiência até então era extremamente positiva, expressando um forte desejo de retornar em edições futuras. No entanto, apesar de sua apreciação geral pelo evento, ele destacou uma área específica necessitada de melhorias: a infraestrutura de acomodação disponível na cidade.

Segundo ele, a ausência de informações claras sobre alojamento comprometeu, em certa medida, sua vivência no evento. Comentou que a divulgação do Festival deixou a desejar, sobretudo no que diz respeito a dados práticos sobre hospedagens e organização logística. “A gente queria saber de muitas coisas e não tivemos acesso”, afirmou, apontando uma lacuna na comunicação entre os organizadores e o público.

Tal observação revela a importância de estratégias comunicacionais mais eficazes na organização de eventos dessa natureza. A falta de dados objetivos e acessíveis pode comprometer a experiência dos visitantes e afetar a reputação do Festival a longo prazo. Questões como hospedagem, mobilidade, serviços e estrutura de acolhimento devem integrar um planejamento mais abrangente, voltado à qualificação da experiência dos participantes desde o momento da chegada até o retorno para casa.

Figura 36 – Programação de sábado no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Festival da Cachaça Of. (2024)

Nesse sentido, a organização de festivais exige um esforço coordenado entre poder público, iniciativa privada e comunidade local, assegurando que a valorização cultural e o potencial turístico se traduzam em experiências positivas e acolhedoras para todos os envolvidos.

4.4 A Lacuna no Conhecimento sobre Indicação Geográfica

Em meio ao fluir da vida urbana durante o festival da cachaça em Abaíra, após a pausa subsequente à segunda performance musical, dediquei um momento para imergir na experiência individual de um participante. Encontrei um homem em estágio mediano de sua jornada de vida, originário de Novo Horizonte, Bahia. No decorrer de nossa conversação, ele compartilhou reflexões acerca de sua vivência no evento, manifestando um apreço generalizado por todos os aspectos do festival, com destaque para a infraestrutura provida pelos organizadores. Seu relato evidenciou uma percepção positiva, corroborada por comentários alheios, indicando que, em sua visão, a edição atual superava as anteriores em qualidade e organização.

Contudo, sua narrativa não se restringiu a louvações; emergiu uma crítica pontual relacionada à logística de acesso ao local. Ele elucidou uma dificuldade específica no que tange

à sinalização direcional para a cidade, a qual culminou em um percurso veicular prolongado e infrutífero em busca de um espaço para estacionamento. Esta questão logística o forçou a retrair-se à entrada da cidade, resultando em um estacionamento consideravelmente distante do núcleo festivo. Não obstante, ele ressaltou sua dedicação ao festival, evidenciada pelo esforço diário de deslocamento veicular para participar do evento.

Nas vicissitudes de um encontro fortuito junto a um estabelecimento comercial, tive a oportunidade de adentrar no universo particular de uma senhora, cuja presença temporária na região era motivada pelo turismo. Residente em Piatã, mas com raízes profundamente fincadas no município de Abaíra, sua trajetória de vida revela uma história familiar intrinsecamente ligada à produção de cachaça, uma herança cultural interrompida pelo óbito de seu progenitor. Apesar da dissolução dessa prática produtiva, ela, acompanhada de suas duas filhas, ambas estabelecidas fora da região após o casamento, mantém a tradição de retornar anualmente ao festival.

Sua narrativa ofereceu uma perspectiva crítica acerca da evolução do festival da cachaça, marcada por uma transição do foco produtivo para o entretenimento. Ela rememora com certa nostalgia as edições anteriores do evento, que se caracterizavam por um vínculo mais estreito com a esfera da produção da cachaça, abarcando congressos dedicados aos produtores, exposições de maquinários e debates acerca das técnicas de produção. Esses elementos, segundo ela, foram gradativamente eclipsados por uma inclinação ao entretenimento, deslocando o epicentro do festival de sua identidade original.

Contudo, apesar dessas transformações, ela enfatiza a persistência indelével da tradição e da cultura que circundam a cachaça, sugerindo que, independentemente das mudanças na estrutura e no foco do festival, o substrato cultural e a importância da cachaça como elemento de coesão permanecem inalterados. Este relato etnográfico evidencia a complexidade das relações entre o que é tradicional, mudança e memória, ilustrando como indivíduos e comunidades negociam suas identidades e patrimônios em contextos de transformação.

No domingo, enquanto me deslocava por entre a efervescência do festival, um pouco distante da área central da praça, cruzei com duas jovens que andavam pelas ruas. Aproximei-me para saber mais sobre suas origens e as experiências nas festividades. Disseram-me que moravam no município vizinho, Jussiape, e que participam do evento e não perde um sequer. E que, esta edição estava sendo bem melhor que os anos anteriores, um indicativo do dinamismo e da capacidade de renovação do festival.

No decorrer da nossa interação, a conversa adentrou o tema central do festival, enfocando na cachaça. As entrevistadas expressaram admiração pela qualidade e pelo renome

do destilado local. No entanto, revelou-se uma compreensão superficial a respeito deste produto, particularmente notável foi a falta de conhecimento do conceito de IG. Este detalhe veio à tona durante nosso diálogo, marcando uma deficiência significativa no entendimento aprofundado dos aspectos culturais e econômicos que enquadram a produção local da bebida.

Intrigantemente, a maioria dos entrevistados demonstrou desconhecimento sobre o que constitui, tecnicamente, uma Indicação Geográfica. Ainda assim, muitos revelaram orgulho ao mencionar que a cachaça da região havia sido premiada e reconhecida nacionalmente, reforçando a ideia de que se trata de um produto distinto, especial, valorizado. Tal como ocorre com outras mercadorias com forte marca territorial, como o Champagne, o entendimento formal sobre os selos de certificação é frequentemente secundário diante da construção simbólica de um produto de excelência.

O que se consolida, nesse caso, é uma percepção coletiva de que a cachaça de Abaíra “é diferente”, superior, independentemente do conhecimento técnico sobre os instrumentos de certificação. Essa valorização simbólica reforça a força da tradição e da reputação local, mesmo em meio à ausência de informações detalhadas sobre os dispositivos legais que protegem e promovem essa identidade regional.

Esse descompasso revela que, na microrregião, os conhecimentos técnicos essenciais necessários para realçar e elevar o produto nos mercados são frequentemente desconsiderados ou desconhecidos. Isso contrasta fortemente com a apreciação de sua alta qualidade e das premiações que a cachaça recebe, conhecimento este que parece estar mais disseminado entre entusiastas e especialistas da cachaça, tanto no Brasil quanto no cenário internacional.

Este panorama enfatiza a necessidade urgente de engajamento educacional e iniciativas de conscientização que não somente promovam a compreensão da Indicação Geográfica entre os produtores e consumidores locais, mas também valorizem suas implicações para a sustentabilidade da produção e o reconhecimento internacional da cachaça. A partir dessa perspectiva, torna-se evidente que a ampliação do conhecimento sobre as Indicações Geográficas pode servir como um veículo crucial para fortalecer a identidade cultural, promover a integridade econômica regional e assegurar a continuidade das práticas de produção que honram a riqueza da tradição local.

Quando mencionei a presença significativa de canaviais em Abaíra e a grande produção de cachaça, assim como a importância das indicações geográficas como um selo de qualidade e autenticidade local, observei uma reação de surpresa entre as jovens. Elas mostraram-se surpresas e disseram que, na verdade, Abaíra recebe o nome da cachaça, mas revelaram que a maior parte de produção da cachaça e também da extensão dos canaviais encontram-se no

município de Jussiapé, e mais especificamente de Caraguataí, um distrito desse município, reconhecido como um importante centro de produção de cachaça.

Este encontro, embora breve, fornece uma perspectiva valiosa sobre a relação entre os frequentadores do festival e a cultura da cachaça que ele visa celebrar. Destaca-se a desconexão entre a apreciação do produto e o conhecimento sobre suas origens e características distintivas, incluindo aspectos legais e geográficos que contribuem para sua singularidade. Ainda assim, a tradição e o interesse pelo festival persistem, evidenciando a complexa tapeçaria de conexões culturais, sociais e econômicas que definem a identidade regional.

5 O FESTIVAL DA CACHAÇA EM ABAÍRA: RITUAL, DISPUTAS SIMBÓLICAS E FORMAS DE PERTENCIMENTO

Durante os dias do Festival da Cachaça, Abaíra se transforma. A cidade, que no cotidiano guarda os silêncios do interior, converte-se em palco efervescente de celebrações e disputas veladas. À primeira vista, a festa parece expressar coesão comunitária, mas, sob a superfície, emergem fricções políticas, embates simbólicos e diferentes modos de apropriar o espaço urbano. Nesta seção, abordo o festival como um evento que, ao mesmo tempo em que atualiza memórias e identidades locais, também se constitui como uma arena de visibilidade, poder e pertencimento.

Compreendida como rito que suspende a linearidade da vida cotidiana, a celebração coletiva possibilita performances, gestos e narrativas que reorganizam o repertório cultural. A festa, nesse sentido, funciona como dispositivo de reativação afetiva, ao mesmo tempo em que torna visíveis os limites e disputas internas do campo social. A seguir, proponho uma análise etnográfica dessas dinâmicas, dividida em dois eixos: o primeiro dedicado aos blocos festivos e suas territorialidades afetivas; o segundo, às tensões políticas que atravessam esse espaço de sociabilidade.

Estar em Abaíra não foi apenas observar. Foi vivenciar uma experiência sensorial intensa, que exigiu atenção aos sons, aos corpos em movimento, às conversas soltas nas esquinas e às emoções que atravessavam os grupos. Mais do que entretenimento, o festival encena publicamente a memória, atualizando pertencimentos e instaurando fronteiras entre tradição e reinvenção. Nesse espaço, cada gesto carrega significados múltiplos, que se entrelaçam em práticas de celebração e disputa.

Ao circular pelas ruas decoradas e pela praça central, era possível perceber uma coreografia social que revelava como diferentes coletivos se organizavam para ocupar simbolicamente o espaço. Os blocos de rua, com nomes irreverentes, camisas customizadas e estéticas próprias, não apenas embelezavam o cenário festivo, mas também demarcavam pertencimentos. Cada agrupamento trazia consigo histórias, vínculos e modos específicos de viver o evento. Longe de serem apenas expressões de lazer, eles encenavam performances identitárias nas quais se reconfiguravam afetos familiares, amizades duradouras e memórias enraizadas.

Tornava-se evidente que o festival não era experienciado de maneira homogênea. Cada equipe encarnava um estilo próprio de participação, atribuindo nuances distintas à celebração. Alguns apostavam na exuberância visual; outros se destacavam pelo silêncio cúmplice entre os

participantes. Mas havia um denominador comum: o desejo de ser notado, de fazer parte da narrativa coletiva em constante transformação. Mais do que desfilar, era preciso marcar presença, ser reconhecido, deixar rastro.

Neste cenário, o festival revela-se como uma vitrine de sociabilidades articuladas por meio da estética, da memória e da performance. A festa ultrapassa o calendário e instaura um tempo suspenso, onde as estruturas cotidianas são transgredidas. Evocar o caráter harmônico desses eventos é comum, mas tal imagem frequentemente oculta as complexidades que lhes são inerentes. Celebra-se o que é partilhado, mas também se atualizam as disputas em torno do que é legítimo lembrar, e de quem detém o poder de definir o que deve ser lembrado.

Como nos lembra Paul Ricoeur (2007), a memória não é uma recordação fiel do passado, mas um ato de reconstrução, permeado pelas tensões e inquietações do presente. O ritual, nesse contexto, não é neutro: ele ilumina determinados aspectos da história, enquanto silencia outros. O que ganha visibilidade na festa resulta de escolhas e enquadramentos marcados por relações de força.

É nesse ponto que Michel Pollak (1989) contribui decisivamente: a memória, longe de ser consensual, é campo de disputa. No interior do festival, o que está em jogo não é apenas a programação, mas os sentidos atribuídos à tradição. Quem pode representar a cultura local? Quais vozes são legitimadas? Quais são silenciadas? O episódio envolvendo o encerramento do evento, com a tentativa de impedir a apresentação de um artista associado a um grupo político rival, evidencia essas dinâmicas de exclusão simbólica. O festival, portanto, torna-se também palco de embates por reconhecimento e visibilidade.

Maurice Halbwachs, ao conceber a memória como fenômeno coletivo, indica que ela se ancora em quadros sociais de pertencimento. Não recordamos sozinhos; nossas lembranças são ativadas por marcos simbólicos e contextos partilhados. Assim, o festival se converte em uma espécie de amplificador desses quadros, mas sem homogeneizá-los. A comunidade que celebra é, ela própria, marcada por desigualdades e dissensos, o que torna a memória encenada necessariamente conflituosa.

A crítica de Nora (1993) aos “lugares de memória” oferece outra chave de leitura. Para ele, o processo de institucionalização da memória, seja pela política, pela patrimonialização ou pelo mercado, tende a fixar sentidos, apagando o que escapa à narrativa hegemônica. O festival, nesse jogo de forças, é território paradoxal: enquanto celebra o fluxo da memória viva, também corre o risco de congelá-la em representações controladas, estetizadas e funcionalizadas.

Geertz (1972), por sua vez, nos lembra que os rituais são arenas simbólicas de negociação. Ao tornar visível uma identidade, a festa também revela suas fraturas. O Festival

da Cachaça, sob esse olhar, não é apenas um evento festivo, mas um campo onde memória, poder e pertencimento se confrontam. A tensão vivida no encerramento do festival tornou explícita a fragilidade dessa construção coletiva, rompendo momentaneamente a ilusão de harmonia e revelando as forças que operam nos bastidores do espetáculo.

Nos últimos preparativos do evento, caminhando pelas ruas, percebia-se um entusiasmo contido. Enquanto alguns celebravam o apogeu do festival, outros murmuravam apreensões. As conversas nas calçadas, nos estandes de comida e nas proximidades da praça traziam sinais de inquietação. Havia algo no ar além da festa: uma tensão latente, um desconforto coletivo.

Esse sentimento ganhou forma no relato de um primo, que o encontrei acompanhado de um amigo. Ambos moradores da mesma localidade onde cresci, expressaram frustração com os bloqueios nas estradas de acesso à cidade. A intervenção com máquinas da prefeitura foi interpretada como manobra de contenção, um gesto político em um espaço que deveria ser de momentos de liberdade. “É triste ver isso acontecer nesse festival tão importante pra região”, lamentou. A decepção não era apenas com a logística, mas com a quebra do imaginário de um espaço comum.

À noite, a praça se convertia em tablado de reencontros. Entre saudações, abraços e olhares cúmplices, o tempo parecia se reorganizar. Os caminhos da cidade deixavam de ser meras rotas de circulação para se tornarem vias de memória. Os corpos, em cortejo, tornavam-se agentes dessa encenação. Dançavam, portavam símbolos, atualizavam narrativas que não estavam escritas, mas eram vividas intensamente.

A festa, nesse entrelaçamento entre gestos, ritmos e lembranças, emerge como linguagem coletiva. O Festival da Cachaça encarna, assim, um rito de atualização do passado, não como repetição, mas como reinvenção. Em sintonia com Ricoeur (2007), trata-se de uma refiguração da memória: o passado é mobilizado para sustentar o presente e projetar futuros possíveis. Contudo, mesmo nessa celebração viva, persistem disputas por pertencimento e representação.

Em sua ambiguidade, a festa agrega e segrega. Celebra presenças e evidencia ausências. A cada música tocada, a cada passo de dança, reafirmam-se laços, mas também se traçam fronteiras. É nesse território tenso e fecundo, onde afeto e conflito se entrelaçam, que a etnografia encontra sua potência analítica.

5.1 Pertencimentos em Movimento: Blocos e Territorialidades Afetivas

Nos dias mais intensos do festival, as ruas de Abaíra eram tomadas por agrupamentos que iam além de simples encontros entre amigos. Os blocos festivos, compostos majoritariamente por jovens, mas também por mulheres de diferentes gerações, assumiam protagonismo na reorganização simbólica da cidade. Mais do que coletividades temporárias, esses grupos funcionavam como comunidades efêmeras, forjadas por signos compartilhados, códigos de reconhecimento e estratégias de visibilidade. Vestir a mesma camisa, circular em cortejo e apresentar-se como um coletivo era uma maneira de se inscrever no tempo da festa, não como indivíduo isolado, mas como parte de uma coletividade performática.

Essas formações imprimiam novas dinâmicas ao espaço público. O fluxo tradicional de foliões dispersos cedia lugar a zonas delimitadas por afetos, onde bares, esquinas e estandes se convertiam em pontos de fixação simbólica. Nesses lugares, experiências comuns eram reatualizadas, e vínculos comunitários ganhavam corpo através da estética, da ocupação territorial e das narrativas encenadas. A festa deixava, assim, de ser um cenário homogêneo para se tornar um mosaico de microterritórios, cada um com sua memória, sua linguagem e seus modos próprios de celebrar.

Longe de serem réplicas de modelos carnavalescos urbanos, esses blocos carregam marcas locais e operam como reinvenções criativas. Ainda que dialoguem com referências externas, como o uso de redes sociais ou a criação de camisetas personalizadas, mantêm uma forte ancoragem na experiência vivida dos moradores. As tecnologias digitais funcionam aqui não como ruptura, mas como ferramenta de continuidade reconfigurada: permitem que a juventude reafirme sua presença na cidade, imprimindo novos sentidos à tradição.

Mais do que instâncias de animação, os blocos se revelam como verdadeiros dispositivos de memória, capazes de condensar experiências passadas e antecipar futuros desejados. Entre as camisas guardadas de edições anteriores, as fotografias compartilhadas nas redes e as histórias que atravessam os encontros pós-festa, cada agrupamento se constitui como uma narrativa em curso, onde o efêmero do evento ganha contornos duradouros. A memória, aqui, não é apenas evocada, ela é produzida, atualizada e performada a cada nova edição.

A pluralidade desses coletivos revela uma paisagem simbólica marcada por múltiplas estratégias de afirmação identitária. Há quem escolha nomes irreverentes e estampas provocativas para atrair olhares e instaurar uma estética do excesso; outros preferem evocar laços afetivos, memórias da infância ou redes de apoio entre mulheres. Também há blocos que se destacam pela contenção, pela cumplicidade silenciosa entre seus membros, quase como se

a força do vínculo dispensasse os apelos visuais. Essa diversidade expressa, ao mesmo tempo, a abertura da festa para diferentes modos de estar juntos e a riqueza de repertórios mobilizados para significar o pertencimento.

A cada circulação, tornava-se evidente que os gestos, as escolhas estéticas e os modos de ocupação do espaço não se davam ao acaso. Transformar uma esquina em ponto de encontro, decorar um pequeno bar com os signos do grupo ou ocupar discretamente um trecho da praça central são ações carregadas de intencionalidade. Esses movimentos corporais e simbólicos traduzem maneiras distintas de se inscrever na festa e de afirmar uma presença. Estar no festival, nesse contexto, é também disputar sentidos, imprimir marcas e, sobretudo, afirmar-se como parte integrante da memória viva do lugar.

Nas interações com integrantes dos blocos, ficava claro que o desejo de celebrar não se desvinculava da vontade de marcar presença ativa no evento. O “Perdidão”, por exemplo, nasceu do anseio de alguns integrantes de vivenciar o festival de modo mais organizado, criando camisetas personalizadas, combinando os encontros por meio de aplicativos de mensagens e assumindo um nome que, à primeira vista, evocava apenas humor. No entanto, “perder-se”, nesse contexto, não significava desorientação, mas uma entrega consciente ao estado de suspensão provocado pela festa, um mergulho no tempo ritualizado, onde as regras do cotidiano são temporariamente suspensas.

O riso, como bem observa Turner (1974) em seus estudos sobre o liminar, não é apenas brincadeira: é também um gesto de legitimação simbólica da experiência coletiva.

Figura 37 – Ponto de Encontro do bloco Perdidão no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria (2025)

A espontaneidade dessa formação não diminuía sua potência simbólica. Ao contrário, revelava como formas aparentemente informais de organização podem operar como mecanismos eficazes de reafirmação comunitária. A juventude local, articulada com os retornantes, encontrava nessas práticas um modo de permanecer ligada à cidade, mesmo que por meio de vínculos intermitentes, tecidos entre o virtual e o presencial. A “Turma da Barbie”, por sua vez, demonstrava um domínio mais evidente das ferramentas digitais. Seus conteúdos eram publicados com antecedência, interagindo diretamente com o perfil oficial no *Instagram* e ampliando a visibilidade para além das fronteiras físicas da praça.

Foi nesse cenário que conheci um dos organizadores do “Perdidão”. Em entrevista realizada durante o evento, um de seus organizadores relatou:

Rapaz, começou com a ideia de um grupo de amigos. A gente queria se juntar, fazer a resenha juntos, aí pensamos: por que não fazer um bloco? Aí foi que surgiu o nome ‘Perdidão’, porque a gente sempre se perde mesmo, né? na festa [risos]. Aí fizemos as camisas, mandamos estampar... foi um jeito da gente se identificar, estar junto. (Entrevistado A).

A leveza da fala, marcada pelo humor, revela ao mesmo tempo um gesto de entrega ao ritual e uma tentativa de consolidar a presença dos integrantes no universo do festival. A experiência de “se perder” ganha aqui contornos simbólicos: mais do que um desvio da ordem, é um modo de estar entregue à suspensão do cotidiano, de habitar a festa em sua intensidade sensorial e emocional.

O encontro com esse interlocutor me causou, no entanto, certo estranhamento. Sua fala, articulada e segura, destoava ligeiramente dos modos de narrar que eu estava habituado a escutar desde a infância. Ao conversar, percebi uma inflexão urbana no vocabulário, uma dicção mais pausada e formal, como se sua fala se movesse entre dois mundos. Ao perguntar sobre sua origem, ele esclareceu que, embora natural de Abaíra, vivia há alguns anos em Vitória da Conquista. A diferença que eu havia intuído encontrou, então, um ponto de ancoragem. Sua linguagem performava um deslocamento: sem abandonar a origem, ela se reorganizava a partir de uma vivência urbana.

Essa performance não passava despercebida. Amigos ao redor o escutavam com atenção redobrada, como se sua fala condensasse não apenas informações, mas também uma narrativa de sucesso. Ele parecia corporificar a imagem de quem saiu, ganhou experiência e agora retornava à cidade em condições de reafirmar um pertencimento que se dava por outras vias, não mais pela permanência cotidiana, mas pelo retorno ritualizado. A festa, nesse caso,

funcionava como uma fronteira simbólica em que se reinscrevem vínculos, se redefinem identidades e se atualiza o sentimento de pertencimento.

Durante a conversa, ele contou que os blocos já existiam em edições passadas, mas eram menores, mais fechados, baseados em vínculos de afinidade e círculos restritos. Atualmente, segundo ele, a proposta era promover maior inclusão: “a gente não faz mais essa seleção”, afirmou. Essa abertura indicava uma mudança no uso dos agrupamentos: mais do que fortalecer laços internos, os blocos passam a assumir uma função expansiva, de acolhimento de novos integrantes, inclusive visitantes.

Questionado sobre sua avaliação da atual edição do festival, destacou como avanço o fato de os quatro dias do evento serem inteiramente gratuitos, diferentemente de anos anteriores, em que se cobrava ingresso em dois dias. Essa gratuidade, segundo ele, não apenas ampliava o número de participantes, mas democratizava o acesso à festa, permitindo que públicos antes excluídos pudessem agora viver a experiência plenamente. Como afirmou com naturalidade: “Tem muita gente que antes não vinha por causa do ingresso, e agora tá vindo. Isso já é um motivo a mais pro pessoal curtir”.

Instigado a refletir sobre os sentidos do festival, ele apontou que tanto o aspecto cultural quanto o lúdico coexistiam e se reforçavam mutuamente. Argumentou que quem deseja aprender sobre a cachaça pode visitar os estandes e a cooperativa, conhecer o processo produtivo, interagir com produtores; ao mesmo tempo, quem participa apenas da festa, mesmo sem intenção educativa, acaba contribuindo para a valorização simbólica da bebida. “Mesmo quem vem só pra curtir tá ajudando a divulgar, porque tudo aqui é voltado pra cachaça”, concluiu.

Essa fala evidencia um ponto fundamental: a tradição se fortalece também pela via do consumo festivo, por práticas que, ainda que não intencionais, colaboram para a reprodução e reinvenção de símbolos locais. A cachaça, nesse contexto, não é apenas bebida ou produto: ela se transforma em signo que articula memória, identidade e hospitalidade. A festa se torna um território simbólico em que diferentes sujeitos, moradores, retornantes, visitantes, podem se conectar a esse universo de formas diversas, mas igualmente legítimas.

O deslocamento do entrevistado, sua inserção social em outra cidade e o retorno para o festival exemplificam os múltiplos modos de viver o pertencimento na contemporaneidade. Como já indicado em outras passagens desta tese, não se trata mais de uma relação territorial baseada apenas na moradia, mas na experiência intermitente, no retorno ritual e na ativação afetiva do vínculo. A presença do bloco, enquanto organização provisória, reencena esse pertencimento partilhado por meio da festa.

Figura 38 – Bloco Perdidão reunido no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Perdidão Festival (2023)

A informalidade com que os blocos se estruturam, camisetas feitas por conta própria, encontros combinados via aplicativos, reuniões organizadas de maneira espontânea, mostra como a juventude local e migrante reconfigura os códigos da tradição sem rompê-los. O recurso às redes sociais digitais, a presença de forasteiros nos agrupamentos, o uso criativo de estéticas e linguagens urbanas são elementos que renovam o repertório simbólico do festival sem descaracterizá-lo. Como destacou o entrevistado: “A gente se organiza pelo grupo do *WhatsApp*¹⁶... combina onde vai se encontrar, o que vai levar, e sai junto... tem gente até de fora que quer entrar no bloco”.

Esse tipo de organização revela como a festa, embora ancorada em práticas herdadas, abre espaço para a invenção e a atualização. Não apenas decora o evento mas o dinamiza, criando zonas de sociabilidade que mesclam tradição e modernidade, raiz e mobilidade, pertencimento e projeção.

Ao final dessa escuta, a impressão que permanece é a de que a festa opera como uma arena expandida, onde o “estar junto” assume múltiplas formas e intensidades. Os blocos emergem como ferramentas de construção identitária e expressão coletiva, marcando presença no corpo da festa com irreverência, alegria e criatividade. E mais do que isso: eles sinalizam

¹⁶ *WhatsApp* é um aplicativo de mensagens para dispositivos móveis que permite o envio gratuito de textos, fotos, vídeos, áudios e localização, além de realizar chamadas de voz, com criptografia de ponta-a-ponta para proteger a privacidade das comunicações. Desenvolvido para operar com confiabilidade e simplicidade em diferentes países, foi fundado por Jan Koum e Brian Acton; embora tenha sido adquirido pelo *Facebook* (atual *Meta*) em 2014, a aplicação continua operando como um *app* separado. (Meta Platforms INC, 2025).

que, no cenário cultural de Abaíra, tradição e invenção não se opõem, mas caminham entrelaçadas, renovando a cada edição o sentido de pertencer.

5.1.1 Turma da Barbie: Cor, Afeto e Visibilidade no Espaço Festivo

Entre os blocos que mais se destacaram durante o Festival da Cachaça em Abaíra, a Turma da Barbie se impôs não apenas pelo número expressivo de integrantes, mas sobretudo pela força visual, afetiva e performativa com que ocupava o espaço urbano. O rosa vibrante, adotado como marca identitária, reconfigurava a paisagem da cidade com intensidade cromática e presença coletiva. Mais do que elemento estético, a cor funcionava como linguagem afetiva, condensando narrativas de pertencimento, solidariedade e reconhecimento mútuo. Ao circular pelas vias da festa, o grupo não apenas transitava: redesenhava os contornos urbanos com a leveza dos vínculos e a intensidade das emoções partilhadas.

Figura 39 – Ponto de Encontro do bloco Turma da Barbie no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Autoria própria, 2023

A cada deslocamento, o bloco criava uma espécie de coreografia espontânea, atraindo olhares e comentários entusiasmados entre foliões e moradores. As camisetas padronizadas, longe de serem apenas práticas, condensavam memórias partilhadas e histórias de amizade, funcionando como uniforme afetivo. O rosa, nesse contexto, deixava de ser apenas tonalidade: tornava-se linguagem coletiva, evocando acolhimento e alegria. Ao caminhar unido, o grupo

desenhava um rastro de afeto no chão da cidade, transformando o simples ato de circular em afirmação simbólica.

Durante o trabalho de campo, hospedei-me na mesma pousada que um dos integrantes, o que possibilitou uma conversa informal e rica em detalhes. Segundo ele, a Turma da Barbie foi criada em 2007 por uma mulher de Abaíra, conhecida como “rainha da Barbie”, e desde então permanece sob sua liderança. O nome nasceu de uma brincadeira de infância, quando as meninas se convidavam para brincar em seus quintais com a frase “leva sua Barbie”. Essa memória aparentemente banal ressurgiu no tempo da festa como narrativa performativa, reatualizando laços infantis sob nova chave. O bloco, assim, atua como espaço de continuidade entre passado e presente, onde vínculos antigos são reinscritos por meio da celebração.

Embora homens também participem como companheiros, amigos ou simpatizantes, o núcleo organizativo é majoritariamente feminino. Essa liderança confere ao coletivo um protagonismo afirmativo, ancorado em experiências compartilhadas e em uma estética que conjuga leveza e potência simbólica. A presença da Turma da Barbie era notada não apenas pela cor, mas pela energia mobilizada. Nos comentários de moradores e visitantes, elas surgiam como sinônimo de alegria e coesão. Ao circular pelas ruas, suas integrantes desenhavam trajetos afetivos, sendo frequentemente fotografadas e convidadas para interações, como se sua imagem já integrasse o imaginário do festival.

A estética da equipe ampliava sua relevância ao funcionar como linguagem de acolhimento. A cor rosa, os gestos gentis e a disposição para o convívio geravam uma atmosfera de pertencimento, na qual o coletivo se destacava como espaço de cuidado. Segundo o interlocutor, eles atuavam também fora da festa: ajudavam pessoas em situação de vulnerabilidade com gestos cotidianos, como oferecer comida ou abrigo. Esse deslocamento de uma performance exclusivamente festiva para práticas comunitárias de solidariedade indicava sua complexidade. A festa era extensão da vida cotidiana e o bloco, mais que diversão, funcionava como mediador de afetos.

O afeto projetado na praça encontrava raízes em vínculos duradouros entre as mulheres que compunham o grupo. A visibilidade alcançada nas ruas refletia também a confiança mútua construída ao longo dos anos. A atuação da Turma da Barbie impactava ainda o dinamismo econômico da cidade durante o festival. Meu interlocutor destacou o aumento de visitantes, o comércio aquecido e a ocupação intensa das hospedagens. Para ele, “as meninas” contribuíam para tornar o evento mais atrativo, funcionando como um dos elementos que davam identidade à festa. A cada ano, sua presença reafirmava que o festival era feito tanto de atrações oficiais quanto de iniciativas locais que criavam sentidos próprios.

Apesar de a cachaça não ser o foco central do bloco, sua circulação pela praça reforçava, mesmo que indiretamente, a centralidade simbólica da bebida. A presença do grupo em meio aos estandes, entre garrafas e cartazes, mantinha viva a ligação entre o destilado e o território. Assim, mesmo quando o consumo não era o elemento aglutinador, aqueles foliões contribuíam para a valorização cultural do produto, inserindo-o no imaginário coletivo da celebração. Durante a conversa, o integrante refletiu sobre essas transformações. Para ele, a ligação com a cachaça havia se tornado menos intensa em comparação a edições anteriores, mas não representava ruptura: era uma ressignificação.

O que antes era um símbolo diretamente associado à festa, agora operava como pano de fundo que conectava experiências distintas, abrindo espaço para novas formas de participação. Essa capacidade de adaptação é um dos traços que conferem potência à Turma da Barbie. Ao transformar uma lembrança de infância em gesto performativo de presença no espaço público, o bloco reatualiza memórias com afeto e criatividade. Trata-se de uma reinscrição simbólica da infância no corpo adulto, onde o brincar se transforma em ato coletivo de visibilidade, e a leveza em gesto político silencioso, mas contundente.

O rosa, nesse contexto, não é apenas cor: é enunciado coletivo. Ele marca território, convoca olhares e materializa vínculos. A homogeneidade visual funciona como código de reconhecimento imediato, mas também como afirmação de pertencimento construído no cotidiano. Ao ocupar as ruas com alegria e organização, a Turma da Barbie transforma o espaço urbano em palco de uma narrativa que mescla solidariedade, memória e celebração. Essa convivência entre estética e solidariedade conferia ao grupo um lugar especial dentro do festival. A festa não era apenas diversão, mas prolongamento de vínculos afetivos que atravessavam o tempo.

A repetição anual da presença do bloco funcionava como ritual de reafirmação desses laços. As integrantes não apenas se reuniam para celebrar: atualizavam sua história comum, seus compromissos e sua forma particular de ocupar a cidade com leveza e afeto. Ao relatar essa experiência, o integrante que conheci na pousada demonstrava entusiasmo genuíno. Para ele, aquele havia sido “o melhor festival de todos”, não apenas pela música ou pela estrutura, mas porque “mexeu com todo mundo”. A Turma da Barbie, em sua avaliação, era uma das razões dessa mobilização intensa, reunindo alegria, memória e empatia em um mesmo gesto coletivo.

Essa leitura amplia a compreensão do festival como território de negociação simbólica. As práticas não precisam ser homogêneas para produzirem sentido. O simples fato de ocupar a praça, interagir com pessoas, vestir a camisa do bloco e circular pelo evento já contribui para

manter a tradição viva. A festa não impõe um único roteiro de participação: convida à diversidade de gestos e à convivência entre expressões distintas. Ao ocupar o espaço público com intensidade cromática e solidariedade cotidiana, a Turma da Barbie reafirma que a festa é dispositivo de memória coletiva.

A cada edição, as integrantes atualizam vínculos, reafirmam laços de amizade e projetam novas formas de estar juntas. O rosa, nesse contexto, é mais do que cor: é linguagem, gesto político-afetivo e emblema de pertencimento. Encerrando essa análise, pode-se afirmar que a Turma da Barbie exemplifica a capacidade do festival de articular tradição e invenção sem hierarquizar experiências. Sua performance mostra que a continuidade cultural se dá pela reinvenção constante, onde lembranças de infância, solidariedade feminina e estética visual se entrelaçam.

5.1.2 As Apocalípticas e Sou Mais Elas: Coletivos Discretos e Marcantes

Enquanto blocos como o Perdidão e a Turma da Barbie atraíam olhares pela sonoridade estridente e pela intensidade cromática, outros grupos se organizavam em margens mais reservadas do festival. As Apocalípticas e o Sou Mais Elas representavam essa dimensão discreta da festa, longe do centro iluminado da praça, mas profundamente conectada à memória e ao pertencimento. Sua atuação mostrava que a força simbólica da celebração não se media apenas pela visibilidade imediata, mas também pela densidade dos vínculos que ela mobilizava, atualizando afetos e criando outras territorialidades.

5.1.2.1 As Apocalípticas

Foi em um deslocamento para as extremidades do espaço festivo que encontrei As Apocalípticas. Reunidas em torno de uma pequena barraca de bebidas e guloseimas, exibiam camisas personalizadas que marcavam sua identidade coletiva. A sobriedade estética contrastava com o burburinho ao redor, mas transmitia uma atmosfera de comunhão. Ali, corpos se juntavam não apenas para um momento de diversão, mas para reinscrever no espaço público laços tecidos no passado, transformando a festa em ocasião de reencontro e atualização da memória.

Durante uma breve conversa com uma das fundadoras, soube que o bloco havia surgido naquele mesmo ano. Após longo período fora da cidade, ela decidiu retornar a Abaíra e reunir antigas amigas, formando um coletivo feminino para comemorar juntas o festival. O nome

escolhido, talvez escolhido com ironia, condensava tanto humor quanto desejo de marcar presença de forma singular. Mais do que novidade estética, a criação do grupo de cerca de 50 mulheres, se apresentava como gesto de reaproximação, reinscrição no território e afirmação de pertencimento compartilhado.

Ao ser instigada a comentar sobre o elo entre o festival e a tradição, a fundadora respondeu de forma categórica: “tudo aqui tá girando em torno da cachaça”. Citou a Central do Festival, os produtos derivados, os estandes decorados e até panfletos como exemplos de como o evento permanecia ancorado no destilado. Sua fala reforçava uma percepção recorrente ao longo do trabalho de campo: a festa pode se reinventar em suas expressões estéticas, mas a cachaça segue sendo o emblema que conecta diferentes experiências e legitima a celebração como patrimônio coletivo.

Apesar da brevidade da entrevista, ficou evidente que elas desempenhavam um papel importante na dinâmica afetiva da festa. Muitas de suas integrantes eram mulheres migrantes que retornavam para o evento e, por meio do bloco, reativavam laços interrompidos pela distância. Vestir a mesma camiseta e circular juntas não era apenas gesto estético, mas uma forma de performar identidade coletiva, reinscrevendo-se no espaço simbólico da cidade. Assim, o Apocalípticas se configurava como dispositivo de memória, capaz de articular retorno, reencontro e permanência.

Além disso, a entrevistada mencionou o desejo de expandir a atuação das Apocalípticas para além dos limites de Abaíra, participando de festas em localidades vizinhas, como Caraguataí, no município de Jussiape. Esse projeto revelava que o grupo se construía como rede de afetos móveis, projetando-se para além da territorialidade imediata do festival. Ao apostar na itinerância, as integrantes inscreviam-se não apenas como coletivo local, mas como expressão feminina em trânsito, capaz de levar sua marca estética e afetiva a outros cenários festivos da região.

5.1.2.2 Sou Mais Elas

Se As Apocalípticas revelavam um movimento recente, marcado pelo retorno de migrantes à cidade natal, o bloco Sou Mais Elas trazia uma trajetória mais consolidada. Criado em 2006, o coletivo de mulheres se firmou como presença constante no Festival da Cachaça, atravessando quase duas décadas de celebrações. Sua força não vinha de grandes espetáculos ou da ocupação central da praça, mas da persistência silenciosa, reafirmada a cada edição pela

produção de novas camisetas, pelos encontros planejados e pela circulação conjunta no espaço festivo.

Essa permanência contínua conferia ao grupo um valor simbólico particular. Ao repetir gestos como vestir uniformes, reunir-se em rodas e circular pelas ruas, as integrantes transformavam a festa em um ritual de reafirmação identitária. O pertencimento, nesse caso, não era passageiro, mas sustentado pela constância dos vínculos. A regularidade com que retornavam mostrava que a tradição se atualiza não apenas pela herança entre gerações, mas também pela persistência de práticas que resistem às transformações do evento.

Em entrevista, uma das integrantes avaliou positivamente a edição mais recente do festival. Destacou o aumento do público, a vitalidade das ruas e a animação geral como fatores que tornavam aquele festival, o melhor até então. No entanto, apontou uma mudança importante: para ela, a centralidade da cachaça se diluía diante do crescimento das atrações musicais e do entretenimento. Sua fala não expressava lamento, mas revelava uma observação crítica e atenta às reconfigurações simbólicas do evento.

Essa leitura crítica reforça que o pertencimento não implica concordância cega com todas as mudanças. Ao contrário, mostra como sujeitos inseridos no festival reconhecem tensões entre cachaça e música e, memória e lazer. O Sou Mais Elas, ao manter sua presença discreta, exemplifica essa capacidade de conciliar permanência e adaptação, mantendo-se fiel aos vínculos afetivos que lhe dão sentido. A festa, nesse caso, é tanto espaço de celebração quanto de reflexão sobre as formas de viver a tradição no presente.

A análise de As Apocalípticas e do Sou Mais Elas revela uma face menos ruidosa, mas igualmente expressiva do Festival da Cachaça. Diferente da irreverência do Perdidão ou da explosão cromática da Turma da Barbie, esses blocos femininos investem na permanência, na intimidade e na contenção. Suas práticas mostram que a festa não se resume ao espetáculo, mas abriga múltiplas formas de pertencimento, que se complementam e coexistem no mesmo território.

Esses coletivos ampliam a cartografia simbólica da celebração, evidenciando que o vínculo comunitário pode se afirmar tanto em gestos expansivos quanto em presenças discretas. Se alguns disputam visibilidade pela cor ou pelo humor, outros se inscrevem pela constância no tempo, pela ética do cuidado e pela ocupação de margens menos iluminadas. Essa diversidade reforça que a memória não se constrói de forma uniforme, mas se atualiza em registros plurais que se cruzam na festa.

Ao compararmos blocos tão distintos, fica evidente que a vitalidade do festival reside justamente em sua heterogeneidade. Entre performances chamativas e presenças silenciosas,

entre rituais de amizade e práticas de solidariedade, o evento se apresenta como arena de invenção identitária. Nesse mosaico de sociabilidades, a cachaça permanece pano de fundo, conectando diferentes formas de engajamento. A festa, assim, reafirma sua força como território plural, preparando o terreno para a análise das tensões políticas e simbólicas que emergem no espaço público de Abaíra.

5.2 Memória em Disputa: Tradição, Poder e Conflito no Espaço da Festa

As festas populares costumam ser apresentadas como expressões de união, marcadas por encontros e celebrações coletivas. Contudo, uma observação mais atenta revela que elas também concentram tensões e disputas. No caso de Abaíra, o Festival da Cachaça ultrapassa a função de simples rito cultural e se constitui como um espaço em que memórias, identidades e interesses políticos se cruzam. Por trás da imagem de harmonia, emergem conflitos que se insinuam em gestos cotidianos, conversas aparentemente banais e episódios de controle simbólico. É nesse terreno ambíguo que o festival se revela como campo privilegiado para compreender como o passado é mobilizado e reinterpretado.

A memória evocada na festa não se apresenta como lembrança neutra ou espontânea. Seguindo Ricoeur (2007), lembrar envolve sempre selecionar, narrar e atribuir sentidos ao vivido. No tempo ritualizado do festival, o passado é convocado não para ser repetido, mas para legitimar práticas e discursos do presente. Essa dinâmica fica evidente nas garrafas antigas expostas, nos estandartes que ornamentam a praça e nas miniaturas de engenhos que circulam como símbolos da tradição. Cada objeto, nesse contexto, atua como emblema cuidadosamente moldado, iluminando certas narrativas enquanto obscurece outras. Recordar, assim, é também um exercício de poder, pois define o que deve ser preservado e o que pode ser esquecido.

Michel Pollak (1989) destaca que a memória é atravessada por conflitos, já que diferentes grupos disputam o direito de definir quais versões do passado serão reconhecidas como legítimas. No Festival da Cachaça, essa disputa aparece de forma sutil, mas perceptível. Ela se expressa na escolha dos símbolos expostos, na organização da programação e até na exclusão de certas vozes que não encontram espaço nos discursos oficiais. O que está em jogo não é apenas o caráter lúdico do evento, mas o monopólio sobre os sentidos da tradição, quem pode falar em nome da cachaça e da cidade.

Nesse registro, a noção de “lugares de memória”, proposta por Pierre Nora (1993), ajuda a compreender o caráter paradoxal do festival. A praça central, convertida em vitrine, torna-se palco de encenação pública, carregando significados que vão além do lazer. O espaço urbano

se transforma em território de consagração da memória coletiva, mas esse mesmo movimento corre o risco de estabilizar símbolos em formas ritualizadas. O passado, ao ser reatualizado, é também fixado em molduras que excluem narrativas dissonantes, revelando como a celebração pode ser, ao mesmo tempo, vitalidade e congelamento.

O processo de institucionalização da memória, visível em eventos como o Festival da Cachaça, transforma práticas culturais fluidas em repertórios formais legitimados por discursos oficiais. Quando a festa é apresentada como patrimônio cultural ou vitrine turística, certas narrativas ganham destaque, enquanto outras permanecem invisíveis. Nesse movimento, a memória viva, marcada pela espontaneidade comunitária, cede espaço a uma versão organizada e funcional, muitas vezes vinculada a interesses políticos e econômicos. Surge, então, o risco da “museificação”: a tradição deixa de ser prática cotidiana para se tornar peça de exibição.

Essa dimensão conflitiva ficou evidente no episódio do bloqueio da entrada da cidade para impedir a chegada de um trio elétrico contratado pela oposição política. A intervenção ultrapassou o campo administrativo e assumiu caráter performático, controlando não apenas o espaço físico, mas também o simbólico. Ao barrar o artista associado a grupos rivais, a administração municipal reivindicava o monopólio sobre os sentidos da festa. O gesto revelou que a memória não é apenas comemoração cultural, mas também arena de poder, onde se decide quem pode ou não ocupar o palco principal.

Clifford Geertz (1972) lembra que os rituais são arenas simbólicas de disputa, nas quais diferentes forças buscam legitimar suas visões de mundo. O Festival da Cachaça ilustra bem essa perspectiva: ao mesmo tempo em que encena uma identidade coletiva em torno da bebida, serve também de palco para embates sobre quem detém o direito de definir a tradição. O conflito em torno da programação não foi exceção, mas expressão da própria lógica ritual, que reúne celebração e contestação. Nesse sentido, a festa se apresenta como espaço de negociação contínua, no qual o sentido de pertencimento é afirmado e tensionado.

Essas disputas não anulam a força integradora do festival, mas acrescentam complexidade à sua vivência. O evento não se reduz ao encontro de corpos e afetos; torna-se também um laboratório social em que se experimentam formas de convivência e se marcam fronteiras simbólicas. Ao mesmo tempo em que reativa laços comunitários, a festa produz exclusões sutis que definem quem pode ser reconhecido como parte da tradição. Ela funciona, assim, como reflexo das dinâmicas sociais mais amplas: celebra coesão, mas expõe fissuras; reafirma identidades, mas evidencia silenciamentos.

Ao olhar a festa sob esse prisma, torna-se claro que lembrar implica também esquecer. Cada garrafa exibida, cada estandarte celebrado, convive com ausências e silêncios que revelam

escolhas deliberadas. Maurice Halbwachs (1990) recorda que a memória é sempre coletiva e depende de quadros sociais que a sustentam. No festival, esses quadros são reorganizados a partir de disputas políticas e culturais, que definem quais lembranças merecem ser visibilizadas. A tradição, nesse contexto, não se apresenta como herança espontânea, mas como construção em permanente negociação entre forças locais.

Esse processo é perceptível tanto nas estratégias oficiais de legitimação quanto nos gestos cotidianos dos moradores. Enquanto a prefeitura organiza palcos e controla a programação, os habitantes ornamentam suas casas, improvisam pontos de venda e inventam formas paralelas de participação. Essa tensão entre o institucional e o popular mostra que a memória não se concentra em um único lugar, mas se dispersa em práticas múltiplas, algumas reconhecidas, outras marginalizadas. A festa, assim, torna-se território onde narrativas diversas convivem, disputam espaço e, por vezes, se chocam de forma explícita.

A noção de “lugares de memória”, retomada por Pierre Nora, ajuda a compreender o paradoxo que atravessa o Festival da Cachaça. O evento, ao mesmo tempo em que celebra a vitalidade da cultura local, corre o risco de reduzir a tradição a uma representação controlada, funcional a interesses políticos e turísticos. Essa ambiguidade, longe de fragilizar a festa, confere-lhe densidade: mantém em tensão constante o vivido e o representado, o espontâneo e o institucional, o afeto e o poder. É nessa oscilação que o campo se torna fecundo para observar como memórias são atualizadas e disputadas.

Encerrando a subseção, pode-se afirmar que o festival é, acima de tudo, um espaço de forças simbólicas em confronto. Ele não apenas reativa memórias, mas também estabelece quem tem legitimidade para falar. A disputa por visibilidade confunde-se com a disputa pela própria identidade coletiva. Nesse cenário de tensões, silenciamentos e reinterpretções, insere-se o episódio do último dia da festa, quando a política local emergiu de forma explícita no espaço público. Como veremos a seguir, em Abaíra nem tudo é celebração: a festa é também palco de conflitos.

5.3 Nem tudo é festa: disputas de poder e memória no ritual festivo

Essas disputas, antes insinuadas em símbolos e escolhas estéticas, encontraram expressão mais explícita no domingo de encerramento do festival, quando a política local emergiu de modo incontornável no espaço público. A expectativa em torno do encerramento era atravessada por murmúrios discretos, que deixavam transparecer incertezas no ambiente. De um lado, a programação mobilizava moradores e visitantes com entusiasmo; de outro, havia

sinais de desconforto perceptíveis nas conversas informais. Esse contraste revelava uma ambiguidade entre celebração e tensões políticas.

Nas ruas, comentários eram sussurrados com cautela, mesclando admiração e inquietação. Algo destoava do que se esperava para a noite final. Ao abordar três homens próximos a um bar, a resposta obtida foi evasiva. Um deles, sorrindo de forma contida, apenas comentou que “o último dia é sempre bom”, encerrando rapidamente o diálogo. O silêncio calculado, nesse caso, dizia mais do que as palavras, indicando a presença de uma tensão que não podia ser nomeada abertamente.

Mais tarde, na pousada onde estava hospedado, comentei o episódio com um hóspede da região. Sentado à mesa, ele observava a rua com familiaridade, como quem domina os bastidores do que ocorria na cidade. Com calma, revelou que, naquela manhã, o prefeito havia mobilizado “máquinas da prefeitura”, termo usado localmente para retroescavadeiras, a fim de bloquear a entrada de Abaíra. O objetivo era impedir a chegada de um trio elétrico contratado pela oposição, que traria o cantor Marcinho Sensação, anunciado como destaque da noite.

Sem esconder o desconforto, o hóspede resumiu: “Acho errado... vai acabar estragando a festa”. A fala, breve, mas significativa, lançou nova luz sobre o clima ambíguo que tomava as ruas. Enquanto jovens riam e dançavam ao som dos paredões, persistia no ar uma tensão subterrânea. A cidade revelava-se em sua complexidade: não apenas palco de celebração, mas território simbólico onde afetos, memórias e disputas políticas se entrecruzavam. O festival, por trás da alegria coletiva, era também campo de embates silenciosos.

O contraste entre música e riso, de um lado, e sentimentos de desconforto, de outro, mostrava a profundidade da experiência etnográfica vivida em Abaíra. O espaço público, naquele momento, transbordava significados: mais do que cenário de uma festividade anual, tornava-se arena simbólica onde memória e identidade se entrelaçavam a embates políticos, nem sempre explícitos, mas densos em implicações.

As disputas em torno da entrada do trio elétrico não podem ser interpretadas como episódios circunstanciais. Elas revelam como a tradição é mobilizada como recurso simbólico, utilizado estrategicamente para afirmar autoridade e legitimar posições. O Festival da Cachaça, ao reorganizar temporariamente a vida social, produz tanto vínculos comunitários quanto silenciamentos, tensionando as fronteiras do pertencimento. O que parecia ser apenas uma celebração se mostrava, na prática, como campo de forças em disputa.

A cidade, nesse contexto, se convertia em um grande “palco dramaturgico”, onde diferentes atores sociais performavam não apenas papéis festivos, mas também posições de poder, resistências e alianças. Essa dramatização reforça a ideia de que a festa é um momento

em que as estruturas sociais se tornam visíveis, ainda que por meio de gestos lúdicos ou simbólicos. A cada movimento na praça, a cada intervenção da administração municipal, revelava-se o quanto o ritual festivo condensava dinâmicas que extrapolavam o mero entretenimento.

A praça central, decorada e iluminada, assumia múltiplas funções. Era ponto de encontro, vitrine de memórias e arena política. Ali se circulavam afetos, produtos e narrativas em disputa. Discutia-se não apenas o que deveria ser celebrado como tradição, mas também quem teria legitimidade para representá-la. Esse processo conferia ao espaço festivo uma densidade que o tornava muito mais do que simples palco de shows ou estandes de cachaça.

Reflexões clássicas ajudam a compreender esse caráter ambíguo. As festas públicas, ao mesmo tempo em que promovem coesão social, também expõem fissuras e assimetrias internas. O episódio do bloqueio da estrada e a tentativa de controlar a programação são expressões claras dessa lógica. O festival, nesse sentido, se torna um campo estratégico de disputa pela memória, pela visibilidade política e pela afirmação de pertencimentos coletivos.

Sob essa perspectiva, o evento não apenas reafirma uma identidade, mas também estabelece fronteiras de exclusão. Ao impedir a entrada de um artista vinculado à oposição, não se controlava apenas a música que seria ouvida, mas a própria narrativa que ganharia espaço. O ritual, então, deixava de ser neutro: tornava-se um instrumento de poder, em que celebrar era também delimitar o que poderia ser lembrado e quem teria voz.

Esse clima de suspensão, em que nada parecia inteiramente definido, aproxima-se do que Turner (1974|) chamou de estado liminar: um intervalo em que normas cotidianas se desfazem e a comunidade experimenta novas formas de estar junta. O festival suspende temporariamente a ordem cotidiana, criando um espaço intermediário em que papéis sociais, normas e hierarquias são reorganizados. Abaixo, nesses dias, se transforma em território de experimentação simbólica, no qual emergem tanto comunhão quanto tensão. O que parecia apenas celebração se revela como um rito de passagem, em que a cidade se reinscreve de forma transitória e ambígua.

Durante o festival, essa suspensão da rotina se expressava em múltiplas formas de participação. Enquanto alguns jovens ocupavam o centro da praça ao som da música, outros preferiam circular entre os estandes ou conversar em espaços mais tranquilos. Uns exaltavam a cachaça como símbolo maior, enquanto outros optavam pela cerveja, em tom bem-humorado, lembrando os efeitos mais intensos do destilado. Essa diversidade não enfraquecia o evento; ao contrário, mostrava a capacidade da festa de reunir modos distintos de viver a tradição em um mesmo tempo suspenso.

A praça principal, nesse cenário, ultrapassava sua função de espaço físico decorado. Ela se convertia em um “lugar de memória”, no sentido atribuído por Pierre Nora, investido de significados e afetos que articulavam passado e presente. As garrafas antigas, os estandartes e miniaturas de engenhos expostos não eram apenas adornos, mas dispositivos de evocação simbólica. O festival, assim, condensava em objetos e rituais a memória coletiva, oferecendo aos moradores e visitantes um repertório compartilhado de referências.

Essa mobilização da memória, no entanto, não era neutra. Ao selecionar quais símbolos seriam expostos, o festival também definia o que seria silenciado. Tornava-se evidente que o reconhecimento da tradição passava por filtros institucionais e políticos, estabelecendo fronteiras sobre o que podia ou não ser incorporado à narrativa pública. O pertencimento, nesse registro, não era espontâneo, mas constantemente negociado no espaço da festa.

A disputa em torno da presença do trio elétrico contratado pela oposição revelou de forma clara o caráter simbólico do poder em Abaíra. Como sugere Pierre Bourdieu, impor significados legítimos é também impor visões de mundo, controlando a narrativa sobre o que é tradição. Ao bloquear a entrada do veículo, a administração local não apenas interveio na logística da festa, mas tentou regular quais práticas poderiam ganhar visibilidade e aceitação. O espaço festivo, nesse sentido, era mais que celebração: era arena de consagração ou de silenciamento.

Essa regulação da memória se tornava visível em cada detalhe: no controle dos palcos, na ordem das apresentações e até na forma de ocupar a praça. Decidir quem teria acesso ao microfone ou quais símbolos seriam exibidos significava estabelecer fronteiras sobre quem poderia falar em nome da comunidade. A festa, portanto, revelava-se como espaço de disputa por legitimidade, onde a tradição era continuamente editada por forças institucionais e políticas.

Ao mesmo tempo, práticas mais sutis escapavam a esse controle. Muitos moradores ornamentavam suas casas, improvisavam pontos de venda e exibiam objetos ligados à cachaça sem depender da chancela oficial. Esses gestos cotidianos, muitas vezes invisíveis aos discursos formais, atualizavam a memória coletiva a partir da criatividade e da participação direta da população. Tratava-se de modos de fazer que, como descreve Michel de Certeau (2014), operavam como táticas de apropriação do espaço, reconfigurando o evento à margem das estratégias do poder instituído.

Essas táticas revelavam a vitalidade do festival. Ao dispor garrafas nas janelas, decorar estandes com folhas de cana ou transformar a calçada em extensão da festa, os moradores inscreviam suas próprias narrativas no espaço público. A herança cultural, assim, não se limitava ao que era oficializado, mas também se manifestava nos gestos repetidos,

improvisados e criativos que sustentavam a atmosfera coletiva. Era nessa tensão entre controle institucional e invenção cotidiana que a memória da festa encontrava seu caráter vivo e plural.

Essas práticas discretas carregavam uma potência narrativa que escapava à rigidez das representações oficiais. Ao serem repetidos a cada nova edição, gestos como dispor garrafas antigas, ornamentar fachadas ou criar pontos de encontro se convertiam em formas de contar a história sem depender da escrita institucional. Nesse sentido, aproximam-se da concepção de Walter Benjamin (2004), para quem a memória mais viva é aquela transmitida pela experiência sensível, compartilhada em narrativas e rituais, e não reduzida ao acúmulo de informações. O festival, assim, corporificava lembranças, transformando-as em experiências tangíveis que resistiam à lógica da aceleração e do esquecimento.

Esses gestos simples, que reinscrevem a tradição no cotidiano, também evidenciam que a identidade não é estável, mas construída a partir de escolhas, inclusões e exclusões. É nesse ponto que Stuart Hall (1997) nos ajuda a pensar a festa como campo de disputas pela representação cultural. Em Abaíra, isso se tornava evidente na seleção de símbolos elevados à condição de patrimônio e na marginalização de outros considerados impróprios à imagem pública do evento.

O festival, desse modo, não apenas celebrava a unidade, mas evidenciava fronteiras sociais. Quem ocupava o centro da praça? Quais estéticas ganhavam destaque? Que práticas eram deixadas à margem? Essas perguntas atravessavam silenciosamente a festa, condensando-se em episódios aparentemente banais, como disputas por estandes mais visíveis, desconforto diante da ausência de certos produtos ou a desigualdade na presença de grupos políticos.

A vitalidade da festa estava justamente nessa tensão. Ao mesmo tempo em que reforçava vínculos comunitários, ela atualizava os limites do comum. Entre as práticas consagradas e as improvisadas, entre símbolos legitimados e presenças marginalizadas, construía-se uma cartografia múltipla da memória. A tradição, nesse contexto, não aparecia como herança imóvel, mas como campo vivo, permeado por negociações, resistências e estratégias de visibilidade.

Figura 40 – Programação de domingo do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra



Fonte: Festival da Cachaça Of. (2023d)

Minutos depois, a programação musical finalmente começou. No entanto, uma surpresa tomou conta do público: o cantor Marcynho Sensação, que não constava oficialmente na grade divulgada pela prefeitura, apareceu no palco. O público, atônito, demorou para entender (ou assimilar a alteração da programação) o que estava acontecendo. Pela sequência prevista, seria o momento da apresentação do "Trio da Huanna", seguido de "Psirico". A quebra da ordem esperada revelou um sintoma de um conflito político velado que agora irrompia publicamente no cenário festivo.

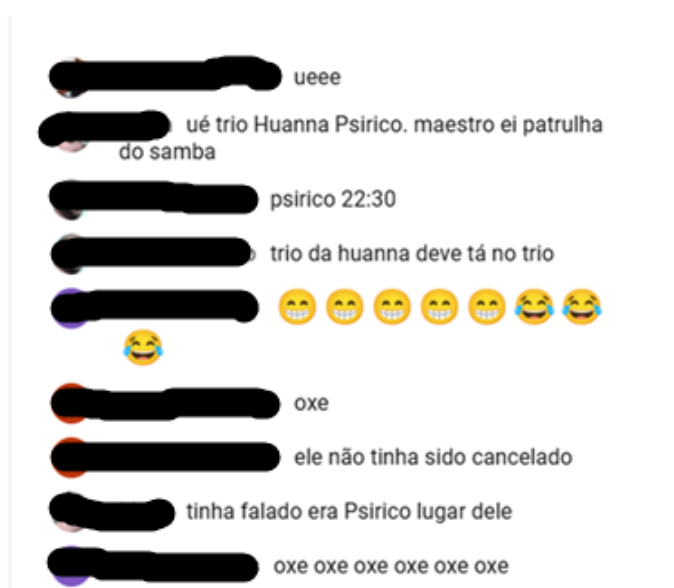
As conversas espalhadas pelos grupos revelavam um misto de surpresa e curiosidade. Os comentários, em tom de interrogação e leve espanto, circulavam entre os presentes como fragmentos de um “mistério” coletivo ainda não decifrado. Diante daquele clima de expectativa e especulação, decidi acessar a plataforma *YouTube*¹⁷ onde a TVSD realizava a transmissão ao

¹⁷ O YouTube é uma plataforma digital de compartilhamento de vídeos que integra funcionalidades de hospedagem, transmissão ao vivo e interação em tempo real com o público. Desde sua aquisição pelo Google em 2006, consolidou-se como um dos principais espaços para a difusão de conteúdos audiovisuais em escala global. Seu ecossistema oferece ferramentas para que produtores culturais e instituições realizem transmissões ao vivo

vivo do festival. O canal havia liberado o espaço de comentários ao vivo, permitindo que os espectadores reagissem em tempo real à apresentação do Festival, todos os dias da festa.

Logo nos primeiros minutos da apresentação inesperada de Marcynho Sensação, algumas mensagens surgiam na tela, expressando, de forma espontânea, tanto perplexidade quanto entusiasmo diante daquela mudança inesperada na programação, conforme demonstra a fugira a seguir:

Figura 41 – Chat ao vivo da transmissão do XVIII Festival da Cachaça Abaíra, na plataforma Youtube



Fonte: TVSD Bahia (2023)

Após a apresentação do segundo grupo, Trio da Huanna, o locutor, visivelmente entusiasmado e pródigo em elogios ao prefeito, o convidou ao palco que, de posse do microfone, dirigiu-se ao público e revelou os bastidores de um embate político: tratava-se de uma disputa judicial motivada pela tentativa da oposição de promover, de forma paralela e sem a autorização da prefeitura, um trio elétrico próprio, ação esta articulada com o apoio de um deputado da região e do candidato opositor à chefia do Executivo municipal.

O gestor do município em seu discurso, proferiu as seguintes palavras: "Tentaram invadir a nossa cidade, mas jamais terão esse valor, jamais terão essa guarita, porque aqui tem moral, aqui tem homem governando, homem de sangue, de pulso, que governa Abaíra como

com alcance ampliado, promovendo eventos como festivais em formatos híbridos ou inteiramente digitais, com recursos de engajamento como chat ao vivo, legendagem automática e mecanismos de monetização (Youtube, 2025).

nunca.” (TVSD Bahia, 2023, 3h03min05s; Lopes e Juliano, 2023). Durante a fala do prefeito, um pequeno número de manifestantes, que se reuniu em frente ao palco, iniciava vaias, sem a adesão do público ali presente. Após o evento, foi noticiado, por diversos portais de informativos que líderes políticos da oposição tentaram provocar uma reação coletiva de repúdio à fala do gestor municipal.

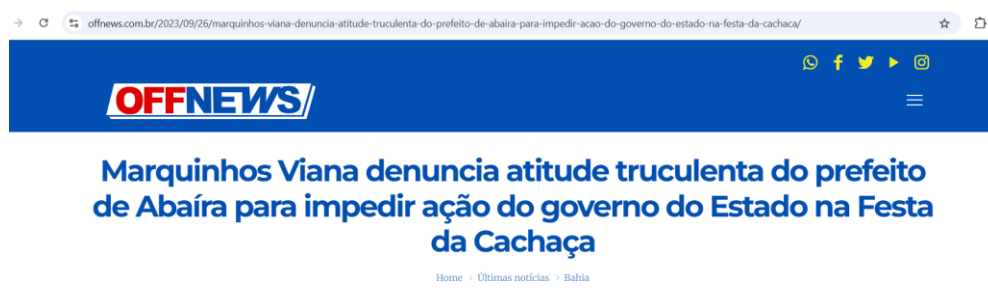
A polêmica foi divulgada na internet em diversos sites de notícias da região e também estaduais, conforme observa nas imagens 40 a 44, a seguir:

Figura 42 – Site de notícias do Jornal da Chapada



Fonte: Jornal da Chapada (2023)

Figura 43 – Site de notícias do canal OffNews



Por RAUL AGUILAR em 26 de setembro de 2023

Fonte: Raul Aguilar (2023)

Figura 44 – Site de notícias Agora Sudoeste



Fonte: Porto (2023)

Figura 45 – Site de notícias do portal Informe baiano



Fonte: Informe baiano (2023)

Figura 46 – Site de notícias do portal Relata Bahia



Fonte: Relata Bahia (2023)

Esses *prints*¹⁸ capturados nos portais de notícias não apenas ilustram a gravidade simbólica do ocorrido, como também reforçam a dimensão pública e política da tensão que atravessou o último dia do Festival da Cachaça. A circulação das matérias associadas aos vídeos consolidou o episódio como um acontecimento que extrapolou o espaço comemorativo e se inscreveu no imaginário coletivo como marca de um embate de forças. Esse imbróglgio expõe não apenas o conflito político, mas a disputa pelo controle do evento, seus significados e seus palcos.

Mais do que uma polêmica momentânea, o que se delineia é um embate sobre quem tem o direito de narrar, organizar e representar, evidenciando como o Festival da Cachaça se tornou território de visibilidade política e arena de atualização das hierarquias locais. Nesse contexto, o gesto de fechamento da cidade não é meramente uma decisão administrativa, mas um significado profundamente performático: um ato de poder que pretende reafirmar, diante do público e dos adversários, quem detém o domínio sobre o espaço e a memória que nele se celebra.

Se o discurso político transformou o palco em arena de disputa, a música logo em seguida mostrou sua força conciliadora, devolvendo à praça uma atmosfera de comunhão, ainda que temporária. O tão esperado show do Psirico tomou conta da praça, e a multidão, especialmente a juventude, aglomerou-se diante da plataforma de apresentação musical, dançando e cantando com intensidade, ao som contagiante do pagode baiano e do samba-reggae, esquecendo, ao menos por um momento, as tensões que haviam permeado principalmente aquele momento. Era como se, por um instante, a música neutralizasse a dissonância e devolvesse à praça sua função catártica e celebrativa.

Enquanto a música vibrava no ar e dominava a noite com sua cadência festiva, algo à margem da celebração começava a se destacar ao meu olhar. Havia algo dissonante no cenário. A ausência de casais apaixonados em demonstrações públicas de afeto, a predominância de grupos de amigos dançando e gargalhando entre si, e a forma quase indiferente, ou cautelosa, com que alguns espectadores observavam os discursos políticos revelavam mais do que simples escolhas de comportamento. Indicavam, de maneira sutil, porém eloquente, uma cisão simbólica: de um lado, a superfície alegre da festa; do outro, os subterrâneos de tensão e disputa que atravessavam o evento.

¹⁸ “*Print screen*”, também chamado *screenshot* ou captura de tela, corresponde ao recurso que permite salvar digitalmente o que está sendo exibido no visor de dispositivos (*smartphones*, *tablets*, computadores) (Barros, 2021).

Esse breve retorno à aparência de normalidade não era suficiente para mascarar o clima latente de conflito que rondava a cidade naquele momento. A movimentação da oposição política, o uso estratégico das estruturas públicas para tentar impedir a entrada do trio elétrico, a judicialização repentina de questões logísticas e o tom inflamado do discurso do prefeito escancaravam a verdade que muitos já intuíram: o festival, embora envolto em afeto e tradição, é também um palco onde se desenrolam embates e jogos de poder.

O contraste entre o riso coletivo e as tensões veladas evidenciava aquele encontro festivo estava longe de ser um espaço neutro ou puramente recreativo. Não se tratava apenas de entretenimento ou lazer comunitário: o evento funcionava como um espaço de encenação de pertencimentos, de afirmação de identidades e, sobretudo, de disputas simbólicas que atravessam silenciosamente o tecido social. A música, embora cumprisse o papel de recompor um senso de comunhão e continuidade, não era capaz de apagar os conflitos presentes, apenas os deslocava.

O gesto de interditar um trio elétrico, reorganizar palcos ou monopolizar discursos evidencia que, por trás da estética festiva, operam mecanismos de controle social. Tais práticas revelam a festa como instrumento de poder, capaz de estabelecer quais narrativas ganham visibilidade e quais são relegadas ao silêncio. Nesse contexto, a tradição não se apresenta como herança neutra, mas como construção continuamente disputada, na qual interesses diversos buscam legitimação e reconhecimento no espaço público.

Encerrando esta seção, o Festival da Cachaça se revela como um território onde os momentos de alegria e silêncio caminham juntos, onde a música vibra ao lado de murmúrios contidos e onde o colorido dos blocos convive com os gestos discretos de resistência. As ruas iluminadas e a praça enfeitada mostram que a festa não é apenas um calendário de atrações, mas um campo vivo de forças simbólicas, onde memórias são convocadas, disputadas e reinventadas. Cada detalhe, a camisa compartilhada, a casa ornamentada, a garrafa antiga exposta na janela, o trio elétrico bloqueado, se converte em signo de pertencimento e também em sinal de fronteira.

O evento é o espaço onde se experimenta o direito de estar junto, de inscrever-se na história e de projetar futuros possíveis. Mais do que uma celebração, ele revela que, no interior da festa, habita tanto a alegria quanto a tensão, tanto o afeto quanto o poder.

CONCLUSÃO

Ao longo desta tese, buscou-se compreender os sentidos simbólicos atribuídos à cachaça artesanal da microrregião de Abaíra, tomando como eixo analítico o Festival da Cachaça, evento no qual práticas, memórias e estéticas se entrelaçam em um jogo contínuo de evocação, pertencimento e disputa. Por meio da etnografia situada, ancorada na escuta sensível aos sujeitos locais, foi possível apreender os múltiplos significados atribuídos à bebida, que transborda sua dimensão material e econômica para se converter em linguagem cultural e operador simbólico da identidade territorial.

Demonstrou-se, ao longo da pesquisa, que a cachaça de Abaíra ultrapassa os limites da técnica e do paladar para atuar como elo entre gerações, como artefato de memória e como signo de distinção social. Ela condensa saberes, afetos e narrativas que atravessam o tempo, transformando-se em referência identitária tanto para os produtores quanto para os demais moradores. Na microrregião de Abaíra, essa dinâmica se evidencia com clareza: muitos habitantes que não participam diretamente da cadeia produtiva compartilham, ainda assim, uma identificação simbólica profunda com os valores, os gestos e os rituais que circundam o universo dos alambiques.

A presença de miniaturas de engenhos, quadros e artefatos em residências e estabelecimentos comerciais, o uso espontâneo de expressões populares relacionadas à moagem da cana, a valorização de monumentos públicos associados ao ciclo produtivo da cachaça, são manifestações de como a tradição se infiltra nas tramas do cotidiano por meio de signos que evocam o passado, mesmo sem exigir sua vivência imediata.

O Festival da Cachaça foi interpretado, nesse horizonte, como a culminância de um processo dinâmico de atualização simbólica. Longe de se restringir a uma festividade turística, ele opera como ritual dramatizado, no sentido turneriano, no qual se encenam performances de pertencimento, reelaborações da memória e formas renovadas de visibilidade da tradição. O evento transforma o saber-fazer artesanal em cena pública, converte práticas cotidianas em signos de distinção e confere reconhecimento a uma herança que se reinventa pela via da performance, da estética e da afetividade social.

A análise etnográfica revelou que o festival condensa elementos pedagógicos, estéticos e políticos. Ele se estrutura como um espaço de expressão da memória encarnada nos corpos, nas imagens e nos sons, mas também como arena de disputa por legitimidade simbólica, usos da tradição e autoridade narrativa. Ao mesmo tempo em que celebra o legado cachaceiro, o festival o reinscreve em novos regimes de visibilidade e significação, operando reconfigurações

nos modos de representar o passado e imaginar o futuro. Nesse processo, torna-se visível o entrelaçamento entre memória e invenção, entre o instituído e o emergente.

Ao privilegiar a escuta, os relatos orais, os gestos e os objetos materiais, a investigação procurou apreender de que maneira a cachaça de Abaíra atua como eixo articulador de práticas, afetos e significados partilhados, funcionando como mediação simbólica na tessitura das identidades locais. A tradição, nesse contexto, não se apresenta como um acervo imutável, mas como linguagem viva, em constante negociação e reinterpretação. Alimenta-se das interações sociais, dos circuitos de memória e das condições simbólicas do presente, respondendo às exigências contemporâneas sem romper com seu enraizamento cultural.

Essa vitalidade se expressa não apenas na continuidade das técnicas produtivas, mas em sua ressignificação estética e social, visível nas ornamentações urbanas, na formação de blocos festivos como Perdidão, Turma da Barbie, As Apocalípticas e Sou Mais Elas, e nos discursos públicos que reconfiguram os sentidos da festa. Tais manifestações apontam para a constituição de novas territorialidades simbólicas, que atualizam a tradição ao mesmo tempo em que introduzem elementos de invenção, contestação e pertencimento juvenil.

A memória que estrutura esse pertencimento não é homogênea nem estável. Ao contrário, revela-se como terreno de embates simbólicos, onde diferentes sujeitos mobilizam o passado para disputar sentidos no presente. As tensões políticas no encerramento do festival, os contrastes entre moradores e turistas, os conflitos em torno do “uso legítimo” da cachaça e das performances que a celebram, revelam a complexidade de um campo marcado por múltiplas vozes e interesses. Nesse cenário, a cachaça desponta como signo polifônico, capaz de articular discursos concorrentes e mediar negociações entre tradição e modernidade.

A escolha metodológica por uma etnografia densa, implicada e reflexiva permitiu captar as nuances sensíveis da festa e da cidade, compreendendo os gestos ordinários e os sentidos subterrâneos que não cabem em análises distanciadas ou puramente objetivistas. O uso do diário de campo, as conversas informais, a observação participante e o mergulho nos rituais locais foram fundamentais para compor uma narrativa que aspira ao rigor analítico e à densidade teórica. A implicação, enquanto pesquisador, longe de comprometer a validade do estudo, assumiu-se como lente crítica e ferramenta epistemológica, reafirmando o compromisso com uma antropologia ética e responsiva.

Este trabalho, portanto, não oferece respostas definitivas sobre a cachaça de Abaíra ou sobre o festival que a celebra. Antes, delinea um campo de questões, tensionamentos e pistas interpretativas sobre um fenômeno vibrante, em que memória, economia, política e cultura se entrecruzam de maneira singular. A bebida, mais do que objeto de análise, revelou-se como

uma chave simbólica de acesso à complexidade dos mundos sociais e às lógicas pelas quais se constroem pertencimentos, se performam tradições e se negociam identidades.

Que esta tese possa, assim, contribuir não apenas para os estudos sobre cultura, memória e território, mas também para o reconhecimento da inteligência coletiva e da dignidade inscritas nas práticas locais, nos rituais do cotidiano e nas festas populares que, entre afetos e conflitos, tecem a memória viva de um lugar, no qual território, tradição e pertencimento permanecem em constante negociação.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Raul. **Marquinhos Viana denuncia atitude truculenta do prefeito de Abaíra para impedir ação do governo do Estado na Festa da Cachaça**. Offnews, 26 set. 2023. Disponível em: <https://offnews.com.br/2023/09/26/marquinhos-viana-denuncia-atitude-truculenta-do-prefeito-de-abaira-para-impedir-acao-do-governo-do-estado-na-festa-da-cachaca/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

ALMEIDA, Rosiléia Oliveira de. **Ajofé e alcoometria: poderão viver juntos? As escolas diante das mudanças socioculturais ligadas à produção de cachaça artesanal na microrregião de Abaíra – Ba**. Orientador: Pedro da Cunha Pinto Neto. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2008.

ALÔ ALÔ BAHIA. **Bell Marques, Psirico e Tayrone agitam o Festival da Cachaça em Abaíra, na Chapada Diamantina**. Alô Alô Bahia, 2024. Disponível em: <https://aloalobahia.com/notas/bell-marques-psirico-e-tayrone-agitam-o-festival-da-cachaca-em-abaira-na-chapada-diamantina>. Acesso em: 24 set. 2024.

AMADO, Frederico; PAVIONE, Lucas. **Direito previdenciário**. 8. ed. rev., atual. Salvador: Juspodivm, 2017.

ANDRADE, Álvaro Antônio Xavier de; SOUZA, Hadma Milaneze de; CUNHA, Dênis Antônio da; OLIVEIRA, Marcelo Leles Romarco de; FERREIRA NETO, José Ambrósio. Da EBDA a BAHIATER: os serviços públicos de ATER na Bahia. **Acta Geográfica**, Boa Vista, v. 17, n. 43, p. 1–17, jan./abr. 2023. Disponível em: <https://revista.ufr.br/actageo/article/view/4343>. Acesso em: 2 ago. 2025.

AVENTURAS NA CHAPADA DIAMANTINA. **Aventuras na Chapada Diamantina**, 2012. Disponível em: <https://aventurasnachapadadiamantina.blogspot.com/2012/>. Acesso em: 24 set. 2024.

BARROS, Matheus. **Veja como tirar print de tela inteira no Android e Ios**. Olhar Digital. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2021/04/08/dicas-e-tutoriais/veja-como-tirar-print-de-tela-inteira-no-android-e-ios/>. Acesso em: 20 set. 2025.

BENJAMIN, Walter. **Imagens de pensamento**. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. (Obras escolhidas de Walter Benjamin, n. 2).

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Obras escolhidas, v. 1).

BÉRARD, Laurence; MARCHENAY, Philippe. **From Localized Products to Geographical Indications: Awareness and Action**. Bourg-en-Bresse. CNRS. UMR Eco-Anthropologie et Ethnobiologie; Alimentec, 2008. Disponível em: https://archive.abs-biotrade.info/uploads/media/From_Localized_Products_to_GIs_-_Berard_and_Marchenay.pdf, Acesso em: 17 set. 2025.

BÉRARD, Laurence; MARCHENAY, Philippe. **Lieux, temps et preuves**: La construction sociale des produits de terroir. *Terrain*, n. 24, p. 153–164, 1995. Disponível em: <https://journals.openedition.org/terrain/3128>. Acesso em: 19 set. 2025.

BORNHEIM, Gerd A. O Conceito de Tradição. In: **Cultura Brasileira**: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Funarte, 1987. p. 13-29

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembrança dos Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivido da memória**: ensaios de psicologia social. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: crítica social do julgamento. Trad. Daniela Kern; Guilherme F. Teixeira. São Paulo: USP, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero Limitada, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **Senso prático**. Trad. Maria Ferreira. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Trad. Guilherme Joao de Freitas Teixeira. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BRANDÃO, Marcelo. **Mercado exportador de cachaça bate recorde em 2022**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2022-12/mercado-exportador-de-cachaca-bate-recorde-em-2022>. Acesso em: 19 jan. 2024.

BRASIL. Lei nº 8.212, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre a organização da Seguridade Social, institui Plano de Custeio, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 25 jul. 1991. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8212cons.htm. Acesso em: 02 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Portaria MAPA nº 539, de 26 de dezembro de 2022. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 27 dez. 2022. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-mapa-n-539-de-26-de-dezembro-de-2022-453828778>. Acesso em: 08 jul. 2024.

CÂMARA, Marcelo. **Cachaça, Prazer Brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Prelúdio da Cachaça**: etnografia, história e sociologia da aguardente no Brasil. São Paulo: Global, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**: artes de fazer. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Trad. Maria Manuela Rocha. 2. ed. Lisboa: Celta, 1999.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

ALMEIDA, Rosiléia Oliveira de. **Ajofe e alcoometria: poderão viver juntos? As escolas diante das mudanças socioculturais ligadas à produção de cachaça artesanal na microrregião de Abaíra – Ba**. Orientador: Pedro da Cunha Pinto Neto. 2008. 347 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo-SP: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FALANDO DE AGRO. **O que é: O que é grau Brix**. 2025. Disponível em: <https://falandodeagro.com.br/termos/o-que-e-o-que-e-grau-brix/>. Acesso em: 02 set. 2025.

FÉRIAS TUR BRASIL. Fotos de Abaíra - BA. **Férias.Tur.Br**, s.d. Disponível em: <https://www.ferias.tur.br/fotos/326/abaira-ba.html>. Acesso em: 24 set. 2024.

FREYRE, Ana Lucy Oliveira. As formas Comerciais e o Espaço Urbano: o papel dos mercados no entendimento sobre transformações da cidade. In: **Anais... XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana - Ciência e Utopia: por Geografia do Possível**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia Patriarcal**. São Paulo: Global, 2011.

G1. **Abaíra, na Chapada Diamantina, registra homicídio após oito anos**. G1, 19 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/07/19/abaira-na-chapada-diamantina-registra-homicidio-apos-oito-anos.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2024.

GASTAL, Susana. Lugar de memória: por uma aproximação teórica ao patrimônio local. In: GASTAL, Susana. (Org). **Turismo: investigação e crítica**. São Paulo: Contexto, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

GODOY, Wilson Itamar; SACCO DOS ANJOS, Flávio; CALDAS, Nádia Velleda. **As feiras livres de Pelotas sob o império da globalização: Perspectivas e tendências**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2005.

GOOGLE MAPS. **Abaíra, BA**. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Aba%C3%ADra,+BA,+46690-000/@-13.2500706,->

41.664649,18.66z/data=!4m6!3m5!1s0x743b9e4803e3575:0xe35418ce40251c28!8m2!3d-13.2500752!4d-41.6648683!16s%2Fg%2F1ywtx2v95?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI0MDkxOC4xIKXMDSOA SAFQAw%3D%3D. Acesso em: 23 set. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo - SP: Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Trad. Manuel A. Baeza; Michel Mujica. Caracas: Anthropos, 2004. Disponível em: <https://archive.org/details/halbwachs-maurice.-los-marcos-sociales-de-la-memoria-ocr-2004/page/8/mode/2up>. Acesso em: 01 out. 2025.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HOBBSAWM, Erick; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. Abaíra - BA. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/abaira.html>. Acesso em: 27 mai. 2025.

INSPER – Agro Global. **Condições edafoclimáticas**. Glossário. Disponível em: <https://agro.insper.edu.br/glossario/condicoes-edafoclimaticas>. Acesso em: 12 dez. 2025.

IPS Brasil. **Índice de Progresso Social**. Disponível em: [https://ipsbrasil.org.br/pt/explore/dados?filter\[states\]\[\]=5&sort_order=asc&year=2025&sort_by=id&page=1&per_page=10](https://ipsbrasil.org.br/pt/explore/dados?filter[states][]=5&sort_order=asc&year=2025&sort_by=id&page=1&per_page=10). Acesso em: 31 jul. 2025.

FESTIVAL DA CACHACA OF. **Programação de quinta-feira do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra**. 21 set. 2023a. Instagram: festivaldacachacaof. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cxd9XNDvEN9/>. Acesso em: 20 mai. 2024.

FESTIVAL DA CACHACA OF. **Programação de sexta-feira do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra**. 21 set. 2023b. Instagram: festivaldacachacaof. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CxedPjoNCEF/>. Acesso em: 20 mai. 2024.

FESTIVAL DA CACHACA OF. **Programação de sábado do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra**. 22 set. 2023c. Instagram: festivaldacachacaof. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CxepU2jNpNG/>. Acesso em: 20 mai. 2024

FESTIVAL DA CACHACA OF. **Programação de domingo do XVIII Festival de Cachaça de Abaíra**. 23 set. 2023d. Instagram: festivaldacachacaof. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CxjbYxNtUas/>. Acesso em: 20 mai. 2024.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

INFORME BAIANO. **Deputado tenta tumultuar festival da Cachaça e é detonado pelo prefeito de Abaíra**. Informe Baiano, 25 set. 2023. Disponível em:

<https://informebaiano.com.br/337352/politica/deputado-tenta-tumultuar-festival-da-cachaca-e-e-detonado-pelo-prefeito-de-abaira>. Acesso em: 25 set. 2025.

JORNAL DA CHAPADA. **#Polêmica**: Deputado Marquinho Viana se envolve em confusão ao alterar programação do Festival da Cachaça em Abaíra. 28 set.2023. Disponível em: <https://jornaldachapada.com.br/2023/09/28/polemica-deputado-marquinho-viana-se-envolve-em-confusao-ao-alterar-programacao-do-festival-da-cachaca-em-abaira/>. Acesso em: 15 mai. 2025.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas – SP: Unicamp, 1990.

LOPES, Gabriel; JULIANO, Francis. **Prefeitura da Chapada bota máquinas para impedir evento; caso foi resolvido pela Justiça**. Bahia Notícias, 26 set. 2023. Disponível em: <https://www.bahianoticias.com.br/municipios/noticia/36103-prefeitura-da-chapada-bota-maquinas-para-impedir-evento-caso-foi-resolvido-pela-justica>. Acesso em: 10 mai. 2025.

MARCUS, George. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. **Annual Review of Anthropology**, v. 24, p. 95-117, 1995. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/10.1146/annurev.an.24.100195.000523>. Acesso em: 25 fev. 2021.

MASCARENHAS, Gilmar. Feiras Livres: informalidade e espaços de sociabilidade. In: **Anais...** Colóquio Internacional Comércio, Cultura e Políticas Públicas em tempos de globalização. Rio de Janeiro: 2005. Disponível em: http://ess.ufrj.br/site_coloquio/mesa2_05.pdf. Acesso em: 16 abr. 2009.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia, século XIX**: uma província no Império. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. 2 ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. (Coleção Argonautas).

MELO, José Marques de. As festas populares como processos comunicacionais: roteiro para o seu inventário no limiar do século XXI. **LÍBERO** - Revista acadêmica de pós-graduação da Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero, São Paulo, v. 3, n. 6, 2000.

MENESES, José Newton Coelho. **História e Turismo Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

META PLATFORMS INC. **WhatsApp**. Disponível em: <https://www.whatsapp.com/>. Acesso em: 06 mai. 2025.

MICHELLON, Ednaldo; COSTA, Tiago Ribeiro; STRÖHER, Gisiane July; CAMACHO, Lucas Souza; PEREIRA, Paulo Sipoli. Rede de Dinamização das Feiras da Agricultura Familiar – REDIfeira: Uma alternativa para a inclusão socioeconômica das famílias rurais. In: **Anais...** XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Rio Branco: 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MUSEU DO CENTRO HOSPITALAR DO PORTO. **Alcoómetro centesimal de Gay-Lussac**. Disponível em: <https://museuchporto.ulssa.pt/v0F0C0A/alcoometro-centesimal-de-gay-lussac>. Acesso em: 01 set. 2025.

NASCIMENTO, Décio Estevão do; SOUZA, Marília de. Valorização do terroir - uma estratégia de desenvolvimento local. In: LAGES, Vinícius; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo. (Org.). **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Brasília - DF: Relume Dumará; SEBRAE, 2004. Disponível em: [https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/E1C3CE6A43DBDB3203256FD6004907B7/\\$File/NT00031436.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/E1C3CE6A43DBDB3203256FD6004907B7/$File/NT00031436.pdf). Acesso em: 02 abr. 2025.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. Trad. Yara A. Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, out. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 29 mai. 2020.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, dez. 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/horizontes/781>. Acesso em: 21 jan. 2024.

PERDIDÃO FESTIVAL. **Bloco perdidão reunido no XVIII Festival de Cachaça de Abaíra**. Abaíra, 24 set. 2023. Instagram: [perdidaofestival](https://www.instagram.com/stories/highlights/18018627997874597/). Disponível em: <https://www.instagram.com/stories/highlights/18018627997874597/>. Acesso em: 25 mai. 2025.

PIRENNE, Henri. **Economic and Social History of Medieval Europe**. New York: A Harvest Book, 1936. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.46564/page/n9/mode/2up> Acesso em: 05 out. 2025.

POLCRI, Maysa. Conheça a cidade da cachaça que tem mais idosos do que crianças. **Correio 24 Horas**, 10 out. 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/conheca-a-cidade-da-cachaca-que-tem-mais-idosos-do-que-criancas-1023>. Acesso em: 31 jul. 2025.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/download/2278/1417/3757>. Acesso em: 07 out. de 2025.

PORTAL GAZETA DO VALE. **Abaíra, pequeno município localizado no centro da Chapada Diamantina que tem mais idosos do que crianças**. Portal Gazeta do Vale. Disponível em: <https://portalgazetadovale.com.br/abaira-pequeno-municipio-localizado-no-centro-da-chapada-diamantina-que-tem-mais-idosos-do-que-criancas/>. Acesso em: 24 set. 2024.

PORTO, Wilker. **Deputado Marquinho Viana consegue na justiça retirada do bloqueio e realização do evento em Abaíra**. Agora Sudoeste, 26 set. 2023. Disponível em:

<https://www.agorasudoeste.com.br/noticias/58016-2023/09/26/deputado-marquinho-viana-consegue-na-justica-retirada-do-bloqueio-e-realizacao-do-evento-em-abaira>. Acesso em: 20 mai. 2025.

RELATA BAHIA. **Deputado Marquinho causa tumulto durante Festival da Cachaça em Abaíra**. Relata Bahia, 25 set. 2023. Disponível em: <https://www.relatabahia.com.br/noticias/5988-deputado-marquinho-causa-tumulto-durante-festival-da-cachaca-em-abaira>. Acesso em: 25 mai. 2025.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London: Pilon, 1976.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Feiras do Jequitinhonha**: mercados, cultura e trabalho de famílias rurais no semi-árido de Minas Gerais. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007. (Coleção BNB Projetos Sociais).

RIBEIRO, Eduardo Magalhães; SILVESTRE, Luiz Henrique Aparecido; CASTRO, Boaventura Soares de; RIBEIRO, Marina Bustamante; AYRES, Eduardo Charles Barbosa. A pesquisa nas feiras: histórico e técnicas. In: RIBEIRO, Eduardo Magalhães. (Org.). **Feiras do Jequitinhonha**: mercados, cultura e trabalho de famílias rurais no semi-árido de Minas Gerais. Fortaleza: Universidade Federal de Lavras, 2007. p.83-112.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas: Unicamp, 2007.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Trad. Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SAKAI, Rogério Haruo. Cana-de-açúcar-Cachaça. **Agência de Informação Embrapa**, 2005-2007. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/cana/pos-producao/cachaca>. Acesso em: 08 jul. 2024.

SAMPAIO, Moisés de Oliveira. **O coronel negro**: coronelismo e poder no norte da Chapada Diamantina. Orientador: Walter Fraga Filho. 2009. 140f. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local). Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2009.

SANTOS, Eliomar Luz. **As memórias e a aura das indicações geográficas**: as repercussões socioeconômicas no contexto da Cachaça Abaíra. Orientadora: Maria Salete de Souza Nery. 2022. 216f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2022/08/Dissertação-de-Eliomar-Luz-Santos.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2024.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: USP, 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEBRAE. **Cachaça artesanal**: série estudos mercadológicos. Brasília, 2012. Disponível em: [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/444c2683e8debad2d7f38f49e848f449/\\$File/4248.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/444c2683e8debad2d7f38f49e848f449/$File/4248.pdf). Acesso em: 12 dez. 2021.

SECOM GOVBA. **Sucesso na produção movimenta Festival de Cachaça de Abaíra**. Secom GOVBA, 16 set. 2011. Disponível em: <https://www.comunicacao.ba.gov.br/2011/09/noticias/agricultura/sucesso-na-producao-movimenta-festival-de-cachaca-de-abaira/>. Acesso em: 02 abr. 2025.

SHILS, Edward Albert. **Tradition**. Chicago: The University of Chicago, 1981. Disponível em: <https://archive.org/details/tradition0000shil/page/n7/mode/2up>. Acesso em: 01 out. 2025.

SILVA, Jairo Martins da. **Cachaça**: História, gastronomia e turismo. São Paulo: SENAC, 2020.

TRINDADE, Alessandra Garcia. **Cachaça**: um amor brasileiro. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

TRUBEK, Amy B. **The Taste of Place: A Cultural Journey into Terroir**. Berkeley: University of California, 2008

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Trad. Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

TVSD BAHIA. 4ª e última noite festival da cachaça XVIII. [vídeo]. YouTube, 2023. 3h03min05s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cVcVDSS4jkM&t=3079s&ab_channel=TVSDBAHIA. Acesso em: 10 mai. 2025.

VASCONCELOS, Yuri. Cachaça sem ministério. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 87, mai. 2023. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/cachaca-sem-misterio/>. Acesso em: 25 jan. 2024.

VEDANA, Viviane. **“Fazer a feira”**: estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre/RS. Orientadora: Cornelia Eckert. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, Porto Alegre, 2004.

VILICIC, Filipe. **O clique de um bilhão de dólares**: a incrível história do brasileiro Mike Krieger, fundador do Instagram. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. v. 2. Trad. Regis Barbosa; Karen Elsabe Barbosa. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

YOUTUBE. **Como funciona o YouTube**: características do produto, responsabilidade e impacto. Disponível em: https://www.youtube.com/intl/ALL_br/howyoutubeworks/. Acesso em: 01 mai. 2025.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz**: A "literatura" medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.